



| Secretaria da Cultura e Economia Criativa

# PROCESSO SELETIVO – SEGUNDO SEMESTRE DE 2020

## EDITAL DE CONVOCAÇÃO PARA REALIZAÇÃO DAS AVALIAÇÕES ESPECÍFICAS ONLINE DO SEGUNDO MOMENTO

### LINHA DE ESTUDO – HUMOR

A Direção da **SP Escola de Teatro – Centro de Formação das Artes do Palco**, representada pela **ADAAP – Associação dos Artistas Amigos da Praça**, no uso de suas prerrogativas e atribuições legais, **CONVOCA** todas/todos as/os candidatas/candidatos selecionadas/selecionados nas Avaliações do Primeiro Momento do Processo Seletivo – Segundo Semestre de 2020 e relacionadas/relacionados neste Edital, para realização das **AVALIAÇÕES ESPECÍFICAS ONLINE DO SEGUNDO MOMENTO – LINHA DE ESTUDO: HUMOR**.

A/O candidata/candidato deverá observar as normas e os procedimentos específicos, bem como as datas e horários de realização das atividades propostas, relacionados no **Anexo I** deste **Edital de Convocação para Realização das Avaliações Específicas – Linha de Estudo Humor**, a ser divulgado nos sites [www.spescoladeteatro.org.br](http://www.spescoladeteatro.org.br) e [www.institutomais.org.br](http://www.institutomais.org.br), na data prevista de **26 de junho de 2020**.

As Avaliações do Segundo Momento serão realizadas de forma *online*, sendo que a/o candidata/candidato deverá ter acesso a computador com câmera de vídeo ou aparelho celular com câmera de vídeo para gravação de vídeos e/ou outras atividades a serem propostas.

**Atenção: A/O candidata/candidato deverá manter atualizado o seu número de telefone celular com aplicativo WhatsApp para recebimento de vídeos chamadas para realização das Entrevistas do Segundo Momento, bem como o seu endereço eletrônico (e-mail).**

Havendo o envio de mais de um e-mail contendo os endereços dos links de gravação dos vídeos no Youtube ou dos documentos a serem enviados pelas/pelos candidatas/candidatos, considerar-se-á para fins de avaliação o último e-mail enviado pela/pelo candidata/candidato.

O **Instituto Mais** e a **SP Escola de Teatro** não se responsabilizam pelo não recebimento do vídeo e/ou vídeos chamadas não recebidas e/ou e-mails não recebidos por motivos de ordem técnica dos celulares ou computadores, falhas de comunicação, congestionamento das linhas de comunicação, falta de energia elétrica, bem como outros fatores de ordem técnica que possam impossibilitar a transferência de dados.

### AVALIAÇÕES DO SEGUNDO MOMENTO

O Segundo Momento consistirá em procedimentos específicos de aptidão e outras habilidades próprias de cada Linha de Estudo, envolvendo aulas, processos de criação e possíveis novas entrevistas, constante do **Anexo I**, deste Edital.



Secretaria da Cultura e Economia Criativa

# PROCESSO SELETIVO – SEGUNDO SEMESTRE DE 2020

## EDITAL DE CONVOCAÇÃO PARA REALIZAÇÃO DAS AVALIAÇÕES ESPECÍFICAS ONLINE DO SEGUNDO MOMENTO

### LINHA DE ESTUDO – HUMOR

As avaliações específicas do Segundo Momento serão eliminatórias e classificatórias, definindo o grupo de candidatas/candidatos aprovadas/aprovados no Processo Seletivo para o Segundo Semestre de 2020.

#### CANDIDATAS/CANDIDATOS APROVADAS/APROVADOS NO SEGUNDO MOMENTO

A relação das/dos candidatas/candidatos aprovadas/aprovados no Processo Seletivo do Segundo Semestre de 2020, será divulgada nas recepções da **SP Escola de Teatro**, bem como nos sites [www.spescoladeteatro.org.br](http://www.spescoladeteatro.org.br) e [www.institutomais.org.br](http://www.institutomais.org.br), na data prevista de **24 de julho de 2020, a partir das 17h00**.

#### DIVISÃO DAS/DOS CANDIDATAS/CANDIDATOS PARA AS AVALIAÇÕES ESPECÍFICAS DO SEGUNDO MOMENTO

A seguir, neste Edital, a/o candidata/candidato encontrará as atividades a serem realizadas e as datas de entrega de cada atividade, bem como a relação das/dos candidatas/candidatos convocadas/convocados para as Entrevistas do Segundo Momento – Linha de Estudo Humor, contendo datas e horários.

A ausência nas avaliações do Segundo Momento eliminará a/o candidata/candidato do Processo Seletivo para o Segundo Semestre de 2020.

A/O candidata/candidato deverá observar também as normas e os procedimentos para realização do Segundo Momento, contidos no Edital de Retificação da Forma de Organização das Avaliações, do Segundo Semestre de 2020.

E, para que ninguém possa alegar desconhecimento, é expedido o presente **Edital de Convocação para as Avaliações Específicas do Segundo Momento – Linha de Estudo Humor**.

São Paulo/SP, 26 de junho de 2020.

SP Escola de Teatro – Centro de Formação das Artes do Palco

**P A R C E R I A C O M :**





Secretaria da Cultura e Economia Criativa

# PROCESSO SELETIVO – SEGUNDO SEMESTRE DE 2020

## EDITAL DE CONVOCAÇÃO PARA REALIZAÇÃO DAS AVALIAÇÕES ESPECÍFICAS ONLINE DO SEGUNDO MOMENTO

### LINHA DE ESTUDO – HUMOR

#### ANEXO I

#### ATENÇÃO:

A SEGUIR, CONSTA A RELAÇÃO DAS/DOS CANDIDATAS/CANDIDATOS CONVOCADAS/CONVOCADOS PARA AS **AVALIAÇÕES ESPECÍFICAS DO SEGUNDO MOMENTO**, LINHA DE ESTUDO – **HUMOR**, COM AS ATIVIDADES PROPOSTAS E DATAS E HORÁRIOS DE ENVIO E/OU REALIZAÇÃO.

#### LINHA DE ESTUDO DE HUMOR SEGUNDO MOMENTO

Prezada/o candidata/o, o Segundo Momento será constituído das seguintes etapas:

- 1ª Etapa** – Leitura de Texto/Vídeo;
- 2ª Etapa** – Vídeo Criação de uma cena cômica;
- 3ª Etapa** – Organização do material para a avaliação;
- 4ª Etapa** – Entrevistas por WhatsApp;
- 5ª Etapa** – Envio de foto.

**É IMPORTANTE que a/o candidata/a leia todas as instruções abaixo, realize as propostas referentes ao Segundo Momento e não se esqueça de cumprir o cronograma.**

#### 1ª ETAPA

#### A DRAMATURGIA DO RISO

**1.** Ler o artigo “**A Dramaturgia do Riso**”, de Luís Alberto de Abreu, publicado na Revista A[L]BERTO, número 8, p.p. 22 -29. Esta revista é publicada pela SP Escola de Teatro.

**(Acessar o texto em anexo, em PDF.)**

**2.** Após a leitura do artigo, gravar um vídeo de no máximo 2 (dois) minutos apresentando o que chamou atenção no artigo.

**3.** O vídeo deverá ser gravado pelo YouTube.

**(Obs.: ler o tutorial para gravação no YouTube anexo a este documento.)**

**IMPORTANTE: o vídeo produzido será entregue no dia 01/07/2020.**



Secretaria da Cultura e Economia Criativa

# PROCESSO SELETIVO – SEGUNDO SEMESTRE DE 2020

## EDITAL DE CONVOCAÇÃO PARA REALIZAÇÃO DAS AVALIAÇÕES ESPECÍFICAS ONLINE DO SEGUNDO MOMENTO

### LINHA DE ESTUDO – HUMOR

#### 2ª ETAPA

#### VÍDEO/ CRIAÇÃO DE UMA CENA CÔMICA

1. A/o candidata/o deverá escolher um dos textos abaixo para ler:

- “A carta”, de Karl Valentim.
- “A história é uma história”, de Millor Fernandes.
- “Malefícios do Tabaco”, de Anton Tchekhov.
- “Masteclé”, de Luís Alberto de Abreu.
- “Por que os teatros estão vazios?” de Karl Valentim.

**(Acessar textos em anexo, em PDF)**

2. Leia o texto dramático escolhido na íntegra.

3. Escolha uma cena, na qual você gostaria de atuar.

4. Você poderá adaptar a cena à sua proposta cômica.

**5. Será um solo cômico.**

6. Escolha na sua casa o local onde realizará a cena cômica. Você poderá utilizar figurinos e elementos de cena que estão disponíveis e próximos de você.

7. Grave um vídeo com a cena cômica que você produziu, com **no máximo 2 minutos**. Cuide para que a imagem e o som estejam ideais para apreciação da sua cena cômica pela banca de avaliação.

8. O vídeo não poderá ter edição.

9. O vídeo deverá ser gravado pelo YouTube.

**(Obs.: ler o tutorial para gravação no YouTube anexo a este documento.)**

10. Poderá ser filmado por alguém da sua escolha.

11. Em ambos casos, o vídeo será gravado deixando a câmera fixa.

**IMPORTANTE: o vídeo produzido será entregue no dia 01/07/2020**

#### SEDE BRÁS

AV. RANGEL PESTANA, 2401,  
BRÁS, 03001-000, SÃO PAULO - SP  
11 3121.3200

#### SEDE ROOSEVELT

PRAÇA ROOSEVELT, 210,  
CENTRO, 01303-020, SÃO PAULO - SP  
11 3775.8600



/SPESCOLADETEATRO



@ESCOLADETEATRO

**WWW.SPESCOLADETEATRO.ORG.BR**



| Secretaria da Cultura e Economia Criativa

**PROCESSO SELETIVO – SEGUNDO SEMESTRE DE 2020**  
**EDITAL DE CONVOCAÇÃO PARA REALIZAÇÃO DAS**  
**AVALIAÇÕES ESPECÍFICAS ONLINE DO SEGUNDO MOMENTO**

**LINHA DE ESTUDO – HUMOR**

**3ª ETAPA**

**ORIENTAÇÕES**

**PARA ENTREGA DOS TRABALHOS PARA A AVALIAÇÃO DA BANCA**

**DIA 01/07/2020**

**e-mail: [humor@imais.org.br](mailto:humor@imais.org.br)**

1. Após realização de todas as etapas, você deverá organizar o material, criando um **PORTFÓLIO VIRTUAL**.
2. Para criar esse **PORTFÓLIO VIRTUAL** você deverá realizar os seguintes procedimentos:
  - 2.1 Após a realização da 1ª Etapa e da 2ª etapa, enviar o endereço do link até o dia **01/07/2020**, para o e-mail [humor@imais.org.br](mailto:humor@imais.org.br)
3. **ATENÇÃO** – o e-mail deverá ser enviado, até o dia **01/07/2020**, considerando o seguinte:
  - 3.1 Assunto: **PROCESSO SELETIVO DE HUMOR – JUNTAMENTE COM O NOME DA/O CANDIDATA/O**

Por exemplo: **PROCESSO SELETIVO DE HUMOR – LUISA ANTONIA PINHEIROS**

3.2 - No corpo do e-mail escrever por exemplo:

**À Banca de Avaliação do Processo Seletivo de Humor.**

**Seguem as propostas solicitadas para o Segundo Momento – Processo Seletivo – 2º Semestre de 2020.**

**LUISA ANTONIA PINHEIROS**

**NÚMERO DE INSCRIÇÃO – 033579**

**RG – 45.567.890-3**



Secretaria da Cultura e Economia Criativa

# PROCESSO SELETIVO – SEGUNDO SEMESTRE DE 2020

## EDITAL DE CONVOCAÇÃO PARA REALIZAÇÃO DAS AVALIAÇÕES ESPECÍFICAS ONLINE DO SEGUNDO MOMENTO

### LINHA DE ESTUDO – HUMOR

#### 4ª ETAPA

#### ENTREVISTAS POR WHATSAPP

NO DIA **03/07/2020**

1. Todas/os candidatas/os que realizaram as etapas anteriores e entregaram os trabalhos de acordo com as orientações dadas, serão novamente entrevistadas/os de acordo com a organização abaixo:

### GRUPO 1

**Data: 03/07/2020**

**Horário: entre 14h00 e 18h00**

Nº INSCRIÇÃO	NOME DA/DO CANDIDATA/CANDIDATO	DOCUMENTO
0372001304	ADAILTON DOS SANTOS JUNIOR	509643310
0372001305	ALAN GUILHERME SANTANA DE ALMEIDA	422081437
0372001310	ANA CARLA VILELA DOS REIS	608283988
0372001315	ANDRÉ LUIZ ODIN FIGUEIREDO PADRECA	486659835
0372001318	ARTUR CONTARDI DOS SANTOS	36.340.756-x
0372001319	BÁRBARA ALESSANDRA BARBERO	5581622401
0372001336	FABIO MONTEIRO ABRÃO	286139844
0372001337	FELIPE DE ALENCAR BIERRENBACH	36.967.041-3
0372001338	FERNANDO LUCAS SANTANA PEREIRA	620369486
0372001341	FRANCO SAMIR GOMES DE OLIVEIRA	MG-20.388.448
0372001342	GEOVANNA RODRIGUES PEREIRA	39.623.210-3
0372001349	ISABEL GONZALES DERMANN	7112802041
0372001351	JADER ROCHA FLORENCIO	431162517
0372001352	JÉSSICA RODRIGUES DA SILVA	39.272.874-6
0372001358	JULIANUS ARAUJO NUNES	27171631
0372001369	LÍVIA FELTRE BERCHT	293854816
0372001378	MAYRA GUALDA KATZ	342473293
0372001381	MICHELLE MALC MIRANDA	90755765
0372001383	NAYARA MARIA DE OLIVEIRA GOMES SILVA	497841290
0372001385	PAULA MARANGON CICOLIN	40338046-7
0372001389	RAIANE DE SOUZA SILVA	14463992-06
0372001392	ROBSON ANTONIO SILVERIO ALBUQUERQUE	401643281
0372001396	THAIS NERES DE OLIVEIRA	50998549X

#### SEDE BRÁS

AV. RANGEL PESTANA, 2401,  
BRÁS, 03001-000, SÃO PAULO - SP  
11 3121.3200

#### SEDE ROOSEVELT

PRAÇA ROOSEVELT, 210,  
CENTRO, 01303-020, SÃO PAULO - SP  
11 3775.8600



/SPESCOLADETEATRO



@ESCOLADETEATRO

[WWW.SPESCOLADETEATRO.ORG.BR](http://WWW.SPESCOLADETEATRO.ORG.BR)



Secretaria da Cultura e Economia Criativa

# PROCESSO SELETIVO – SEGUNDO SEMESTRE DE 2020

## EDITAL DE CONVOCAÇÃO PARA REALIZAÇÃO DAS AVALIAÇÕES ESPECÍFICAS ONLINE DO SEGUNDO MOMENTO

### LINHA DE ESTUDO – HUMOR

#### 5ª ETAPA

#### ENVIO DE UMA FOTO

**DIA 05/07/2020**

**para o e-mail: [humor@imais.org.br](mailto:humor@imais.org.br)**

1. A/O candidata/o deverá tirar uma selfie recente, da cintura para cima, na qual o rosto esteja em destaque.
2. A foto deverá ser enviada até o dia 05/07/2020 para o e-mail: [humor@imais.org.br](mailto:humor@imais.org.br)
3. No espaço reservado ao Assunto, a/o candidata/o escreverá o seguinte: **FOTO – CANDIDATA/O HUMOR – JUNTAMENTE COM O NOME DA/O CANDIDATA/O**  
Por exemplo: **FOTO – CANDIDATA/O HUMOR - LUISA ANTONIA PINHEIROS**  
No corpo do e-mail escrever por exemplo:

**À Banca de Avaliação do Processo Seletivo de Humor.**

**Segue a foto solicitada para o Processo Seletivo – 2º Semestre de 2020.**

**LUISA ANTONIA PINHEIROS**

**NÚMERO DE INSCRIÇÃO – 033579**

**RG – 45.567.890-3**

**Horário desejado para cursar linha de estudo:**

**( ) matutino      ( ) vespertino**

4. Esta foto será utilizada pela **SP Escola de Teatro** e pelo **Instituto Mais** para a publicação dos classificados/selecionados no Processo Seletivo do Segundo Semestre de 2020.



# PROCESSO SELETIVO – SEGUNDO SEMESTRE DE 2020

## EDITAL DE CONVOCAÇÃO PARA REALIZAÇÃO DAS AVALIAÇÕES ESPECÍFICAS ONLINE DO SEGUNDO MOMENTO

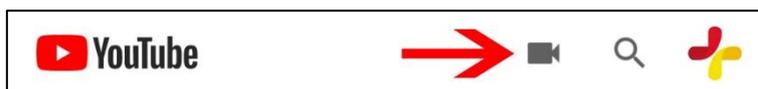
### LINHA DE ESTUDO – **HUMOR**

## INSTRUÇÕES PARA ENVIO DO VÍDEO

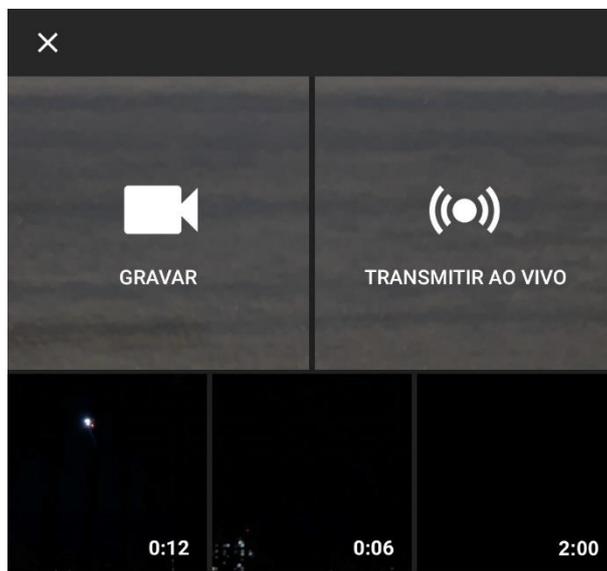
Abaixo constam as instruções para upload do vídeo no YouTube, via celular e computador. Primeiro estão as instruções via celular e, posteriormente, via computador.

### ENVIO VIA YOUTUBE PELO CELULAR:

**1º passo:** Selecione a **câmera**, no canto superior direito da tela, para adicionar o seu vídeo, conforme exemplificado abaixo:



**2º passo:** Caso você já tenha gravado um vídeo, **escolha o arquivo desejado**, mas também é possível gravar direto, selecionando o ícone **“gravar”**, conforme modelo abaixo:





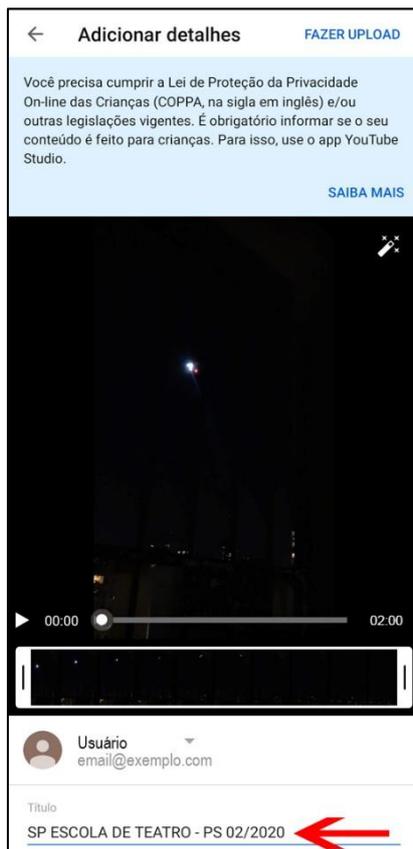
Secretaria da Cultura e Economia Criativa

# PROCESSO SELETIVO – SEGUNDO SEMESTRE DE 2020

## EDITAL DE CONVOCAÇÃO PARA REALIZAÇÃO DAS AVALIAÇÕES ESPECÍFICAS ONLINE DO SEGUNDO MOMENTO

### LINHA DE ESTUDO – HUMOR

**3º passo:** No título do vídeo, conforme modelo abaixo, coloque “**SP Escola de Teatro – PS 02/2020**”:





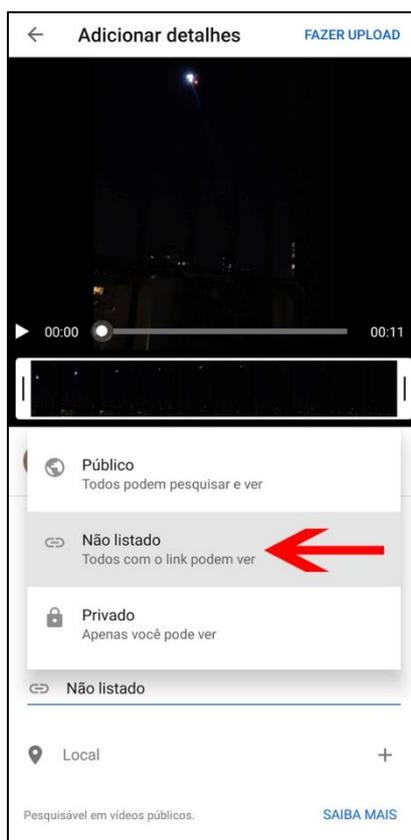
Secretaria da Cultura e Economia Criativa

## PROCESSO SELETIVO – SEGUNDO SEMESTRE DE 2020

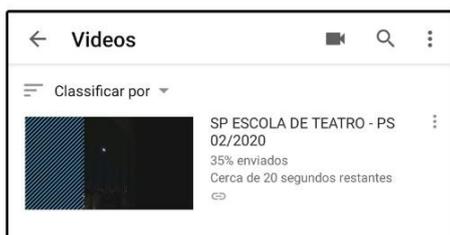
### EDITAL DE CONVOCAÇÃO PARA REALIZAÇÃO DAS AVALIAÇÕES ESPECÍFICAS ONLINE DO SEGUNDO MOMENTO

#### LINHA DE ESTUDO – HUMOR

**4º passo:** Para que o vídeo não fique público, indicamos que a visibilidade dele fique como “**Não listado (todos com o link podem ver)**”, pois desta forma somente quem tem o *link* poderá acessar o vídeo. Assim, proceda conforme modelo abaixo:



**5º passo:** Posteriormente o vídeo será carregado. Aguarde até apresentar a mensagem “*Pronto para assistir*”, conforme exemplo abaixo:





## PROCESSO SELETIVO – SEGUNDO SEMESTRE DE 2020

### EDITAL DE CONVOCAÇÃO PARA REALIZAÇÃO DAS AVALIAÇÕES ESPECÍFICAS ONLINE DO SEGUNDO MOMENTO

#### LINHA DE ESTUDO – HUMOR

**6º passo:** Selecione a opção ao lado do nome do vídeo, conforme exemplificado abaixo, para que abra a aba de opções para o vídeo e selecione “**Compartilhar**”:



**7º passo:** Compartilhe o seu vídeo enviando para o e-mail: [humor@imais.org.br](mailto:humor@imais.org.br), colocando como assunto “**Segundo Momento – SP Escola de Teatro**”.

No corpo do e-mail insira os seguintes dados para identificação: **Nome da/do Candidata/Candidato, Número de Inscrição, Número do RG, Linha de estudo e Horário desejado para cursar a linha de estudo**, conforme especificado a seguir:



**Atenção!** Os dados descritos no item acima são obrigatórios para identificação do candidato quando do envio do vídeo.



# PROCESSO SELETIVO – SEGUNDO SEMESTRE DE 2020

## EDITAL DE CONVOCAÇÃO PARA REALIZAÇÃO DAS AVALIAÇÕES ESPECÍFICAS ONLINE DO SEGUNDO MOMENTO

### LINHA DE ESTUDO – HUMOR

#### ENVIO VIA YOUTUBE PELO COMPUTADOR:

**1º passo:** Acesse o site: <https://www.youtube.com/>

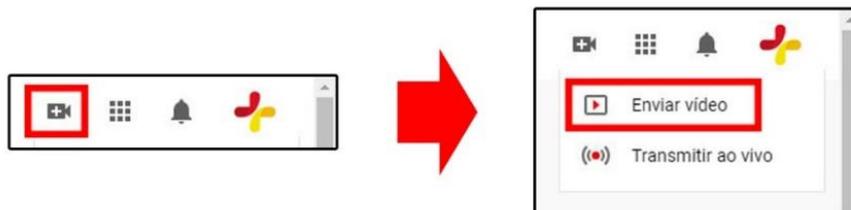
**2º passo:** Clique em “fazer login”, conforme indicado abaixo:



**3º passo:** Somente é possível realizar o login no Youtube utilizando uma **conta do Gmail**:



**4º passo:** Clique no ícone da **câmera**, no canto superior direito da tela, para adicionar o seu vídeo e clique no ícone “**enviar vídeo**”, conforme exemplificado abaixo:





Secretaria da Cultura e Economia Criativa

# PROCESSO SELETIVO – SEGUNDO SEMESTRE DE 2020

## EDITAL DE CONVOCAÇÃO PARA REALIZAÇÃO DAS AVALIAÇÕES ESPECÍFICAS ONLINE DO SEGUNDO MOMENTO

### LINHA DE ESTUDO – HUMOR

**5º passo:** Caso for o seu primeiro acesso no Youtube, abrirá a opção de iniciar a jornada como criador de conteúdo. Neste caso, clique em “**primeiros passos**”, pois se clicar em “**agora não**”, a janela se fecha e você não conseguirá adicionar o seu vídeo:



**6º passo:** Escolha como irá criar o canal, escolhendo se irá utilizar o **seu nome**, o mesmo cadastrado na conta do Gmail, **ou** um **nome personalizado**, conforme modelo abaixo:





## PROCESSO SELETIVO – SEGUNDO SEMESTRE DE 2020

### EDITAL DE CONVOCAÇÃO PARA REALIZAÇÃO DAS AVALIAÇÕES ESPECÍFICAS ONLINE DO SEGUNDO MOMENTO

#### LINHA DE ESTUDO – HUMOR

**7º passo:** Finalize o cadastro da sua conta ou faça depois clicando em “*set up later*”, conforme modelo abaixo:

Add links to your sites

Sharing links helps viewers stay connected with you and your latest videos.

Custom link

Título do link  
Meu site

URL  
Add URL

Social links

URL  
https://www.facebook.com/adicionar nome do perfil

URL  
https://www.twitter.com/adicionar nome do perfil

URL  
https://www.instagram.com/adicionar nome do perfil

SET UP LATER SAVE AND CONTINUE

**8º passo:** Caso não seja o seu primeiro acesso, clique no ícone da **câmera**, no canto superior direito da tela, para adicionar o seu vídeo e clique no ícone “**enviar vídeo**” e, posteriormente, clique em “**enviar vídeos**” novamente, conforme exemplificado abaixo:



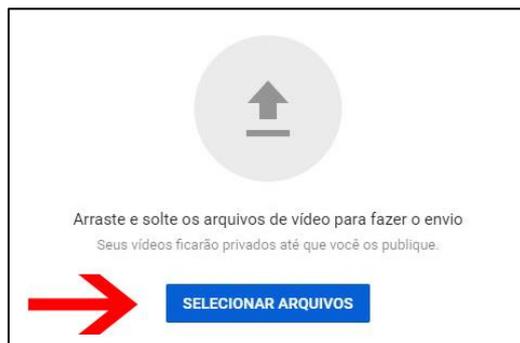


# PROCESSO SELETIVO – SEGUNDO SEMESTRE DE 2020

## EDITAL DE CONVOCAÇÃO PARA REALIZAÇÃO DAS AVALIAÇÕES ESPECÍFICAS ONLINE DO SEGUNDO MOMENTO

### LINHA DE ESTUDO – HUMOR

**9º passo:** Clique em “selecionar arquivos” para adicionar os vídeos a serem enviados para a Avaliação, conforme indicado abaixo:



**10º passo:** No título do vídeo coloque “**SP Escola de Teatro Processo Seletivo 02/2020**” e determine se o conteúdo do seu vídeo é para crianças ou não, conforme modelo abaixo:

SP ESCOLA DE TEATRO PROCESSO SELETIVO 02/2020

Salvo como rascunho

1 Detalhes 2 Elementos do vídeo 3 Visibilidade

**Detalhes**

Título (obrigatório)  
SP ESCOLA DE TEATRO PROCESSO SELETIVO 02/2020

Descrição  
Fale sobre seu vídeo para os espectadores

Miniatura  
Selecione ou faça upload de uma imagem que mostre o que há no seu vídeo. Uma boa miniatura se destaca e chama a atenção dos espectadores. Saiba mais

Playlists  
Adicione o vídeo a uma ou mais playlists. As playlists ajudam os espectadores a descobrir seu conteúdo mais rápido. Saiba mais

Público  
Este vídeo é para crianças? (Obrigatório)  
Não importa sua localização, é obrigatório obedecer à Lei de Proteção da Privacidade Online das Crianças (COPPA, na sigla em inglês) e/ou a outras leis. É obrigatório informar se o conteúdo é para crianças. O que é conteúdo para crianças?

Sim, é conteúdo para crianças  
 Não, não é conteúdo para crianças

Restrição de idade (avançado)

0% processado

PRÓXIMO

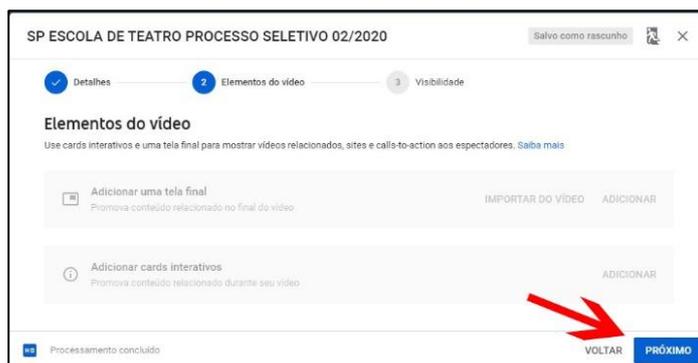


# PROCESSO SELETIVO – SEGUNDO SEMESTRE DE 2020

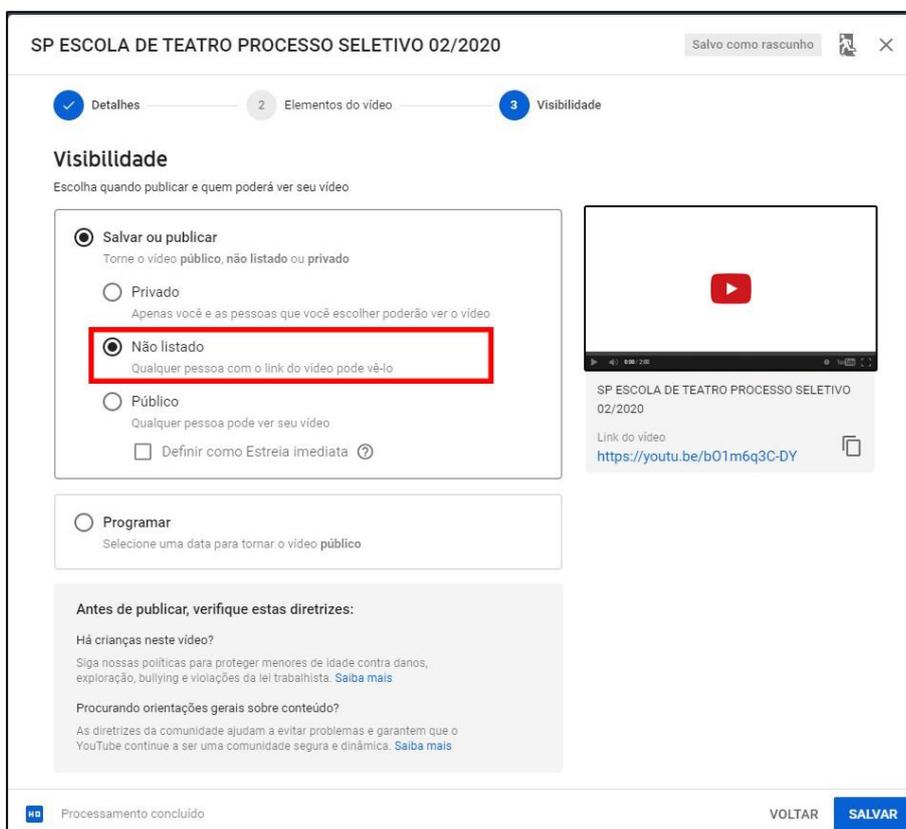
## EDITAL DE CONVOCAÇÃO PARA REALIZAÇÃO DAS AVALIAÇÕES ESPECÍFICAS ONLINE DO SEGUNDO MOMENTO

### LINHA DE ESTUDO – HUMOR

**11º passo:** Quanto aos elementos do vídeo, basta seguir para o próximo item, conforme exemplo:



**12º passo:** Para que o vídeo não fique público, indicamos que a visibilidade dele fique como **“Não listado (qualquer pessoa com o link do vídeo pode vê-lo)”**, pois desta forma somente quem tem o *link* poderá acessar o vídeo. Assim, proceda conforme modelo abaixo:





Secretaria da Cultura e Economia Criativa

# PROCESSO SELETIVO – SEGUNDO SEMESTRE DE 2020

## EDITAL DE CONVOCAÇÃO PARA REALIZAÇÃO DAS AVALIAÇÕES ESPECÍFICAS ONLINE DO SEGUNDO MOMENTO

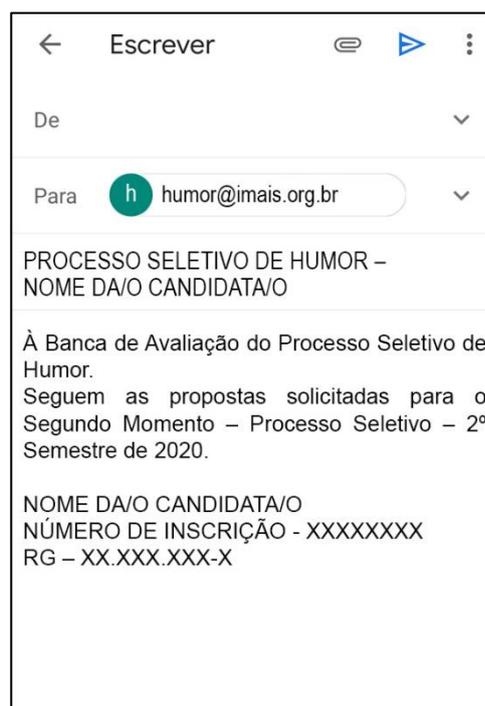
### LINHA DE ESTUDO – HUMOR

**13º passo:** Salve e copie o **link** do vídeo clicando no ícone indicado no modelo abaixo:



**14º passo:** Envie o **link** do seu vídeo para o e-mail: [humor@imais.org.br](mailto:humor@imais.org.br), colocando como assunto “**Segundo Momento – SP Escola de Teatro**”, conforme especificado abaixo.

No corpo do *e-mail* insira os seguintes dados para identificação: **Nome da/do Candidata/Candidato; Número de Inscrição; Número do RG; Linha de estudo; e Horário desejado para cursar a linha de estudo.**





| Secretaria da Cultura e Economia Criativa

# PROCESSO SELETIVO – SEGUNDO SEMESTRE DE 2020

## EDITAL DE CONVOCAÇÃO PARA REALIZAÇÃO DAS AVALIAÇÕES ESPECÍFICAS ONLINE DO SEGUNDO MOMENTO

### LINHA DE ESTUDO – **HUMOR**

**Atenção!** Os dados descritos no item acima são obrigatórios para identificação do candidato quando do envio do vídeo.

Em caso de dúvida, entrar em contato com o **SAC do INSTITUTO MAIS** através do telefone **(11) 2659-5746**, no horário das **08h30min às 12h30min** ou das **13h30min às 17h30min** (**Horário Oficial de Brasília/DF**), exceto aos sábados, domingos e feriados



# Dramaturgia do riso

*Luís Alberto de Abreu*

O riso é uma manifestação do comportamento humano que costuma carrear reações completamente contraditórias. De um lado, a simpatia por sua leveza e alegria, de outro, o desprezo por sua inconsequência, de outro, ainda, o ódio dos sistemas autoritários por sua capacidade corrosiva e destruidora. Isso sem mencionar o preconceito e a intolerância da moral religiosa em razão do caráter profundamente profano de sua manifestação.

O riso deforma a expressão, decompõe o corpo, explode em descontrole. Mas a descompostura não se limita ao corpo, o riso é também visto como um corruptor moral. Cristo nunca riu, quando muito exultou, atesta o Novo Testamento, e é impensável o Pai Eterno torcer a boca num riso qualquer, nem ao menos num esgar de ironia. Da mesma forma não concebemos um herói desfazendo-se em gargalhadas, e nenhuma pintura ou estátua de algum prócer da pátria será flagrada rindo. O poder se exige sério, grave, dramático até. A dramaturgia clássica não mistura o riso com o drama, e no melodrama o riso evidencia a loucura ou é indício da índole malévola do vilão.

Talvez nada seja menos sagrado do que o riso e é possível que o homem, criado à imagem e semelhança de Deus, segundo afirma o texto bíblico, tenha desenvolvido por si próprio uma característica que não estava presente no modelo divino. O riso parece não só diferenciar o homem dos animais, mas também das divindades.

O atentado de membros do grupo terrorista Al-Qaeda à revista satírica francesa *Charlie Hebdo* parece reafirmar a ira milenar contra o riso. Foram

doze mortos e onze feridos na chacina, entre os quais Georges Wolinski, 80, um dos mais conhecidos, ativos e engraçados cartunistas surgidos na vaga da chamada contracultura dos anos 1960. Wolinski, como era mundialmente conhecido, morreu pelo crime de provocar o riso, manifestação que seus traços livres e suas pequenas e contundentes histórias e cartuns produziram por mais de meio século. No mundo inteiro levantaram-se vozes indignadas contra o ato de terror, mas muitas dessas mesmas vozes que condenaram a violência colocaram reticências à atuação da revista satírica. Alguns verbalizaram claramente que os autores da revista provocaram, com suas sátiras às religiões, a violenta reação terrorista. Os redatores e cartunistas da revista teriam ultrapassado os limites. Quais limites é a pergunta.

Se o atentado atesta, por um lado, a intolerância de facções político-religiosas, por outro, revela o poder perturbador que o riso exerce sobre o pensamento e o comportamento humanos. Mas que poder é esse? Que qualidades ou quais valores esse poder abriga? E mais: qual a função do riso na sociedade já que ele é tão fundamentalmente entranhado no ser humano, a ponto de não se entender a humanidade sem o riso?

Dadas a amplitude e a profundidade do fenômeno do riso, torna-se necessário entender um pouco essa aparentemente inofensiva manifestação do comportamento humano antes de refletir sobre o processo de sua criação na dramaturgia. Menos do que dar conta da complexidade do riso, que de resto já foi objeto de estudiosos de várias áreas, o que se propõe aqui é apenas uma rápida reflexão dos caminhos que o riso percorre desde a primeira intenção do dramaturgo em construir uma personagem ou uma peça cômica até a explosão incontida de alegria no rosto do público.

QUAL A FUNÇÃO DO RISO NA SOCIEDADE JÁ QUE ELE É TÃO FUNDAMENTE ENTRANHADO NO SER HUMANO, A PONTO DE NÃO SE ENTENDER A HUMANIDADE SEM O RISO?

## DO QUE SE RI?

O caminho inicial talvez seja compreender o aparente paradoxo que acompanha o riso. É possível afirmar que ele é motivo de ira, desprezo ou desqualificação quando diariamente vemos no teatro, no cinema, na TV e em outras mídias um número bastante grande de produções cômicas?

O fenômeno do riso abrange uma extensa gama de manifestações que vai do simples e ingênuo trocadilho de palavras até à corrosiva e destruidora sátira aos poderes constituídos. Riso é entretenimento passageiro e é também trabalho de demolição. É uma brincadeira engendrada pela inteligência e

pelo prazer humanos que no mesmo divertimento pode destruir castelos de cartas e milenares castelos de pedra.

Em *Cultura popular na Idade Média e no Renascimento*, o filósofo russo Mikhail Bakhtin desenha a cultura popular do período como impregnada por uma visão de mundo risonha, em contraposição à seriedade da cultura dominante marcada pelos valores da moral cristã. Avalia ainda o autor que, à época, havia um processo de permeabilidade entre os valores da

cultura popular e da cultura dominante religiosa, processo de contaminação que diminuiu consideravelmente com o advento da cultura burguesa. Independentemente do maior ou menor trânsito de valores entre a cultura popular e a

A CHACINA DOS HUMORISTAS DA REVISTA COLOCOU DE FORMA IMPOSITIVA O PROBLEMA SOBRE OS LIMITES DO RISO. E DISCUTIU-SE MUITO, NOS DIAS SEGUINTESS, ESSA QUESTÃO. HÁ LIMITES PARA O RISO?

cultura oficial nas variadas épocas históricas, a seriedade parece ser o traço dominante na cultura oficial. Seriedade que facilmente pode se transformar em sisudez, intolerância e violência, características dos regimes autoritários. A cultura oficial é necessariamente séria, e a liturgia do poder requer ritos imponentes, comedidos, de uma teatralidade que beira o gênero dramático. Discursos, julgamentos, sessões do congresso e pronunciamentos buscam o tom sério e por vezes dramático, nem sempre com bons resultados.

Nas manifestações de 2013, um vídeo tornou-se viral na internet. Trazia a imagem de um jovem que dançava no meio de uma avenida, debochando do risco e do perigo representado a poucos metros pelo pelotão de choque encarregado de reprimir a manifestação. Dançava tentando desviar-se das balas de borracha atiradas pelos mantenedores da ordem. Era uma imagem claramente risonha e tão perturbadora para os policiais que, é claro, o jovem não dançou muito tempo, mas a imagem ganhou significado não muito distante dos acontecimentos do atentado ao *Charlie Hebdo*. O riso desperta a fúria dos representantes do poder constituído ou daqueles que o buscam.

A chacina dos humoristas da revista colocou de forma impositiva o problema sobre os limites do riso. E discutiu-se muito, nos dias seguintes, essa questão. Há limites para o riso? Em princípio, não há. Apesar das tentativas de se reger o comportamento humano por conceitos politicamente corretos, a função do riso é absolutamente destrutiva, desde a sátira mais viperina ao chiste mais familiar e inocente. Aqui, talvez, podemos começar a entender um pouco mais sobre a complexidade do riso. O gênero trágico, o gênero sério por excelência, é absolutamente construtivo. Comédia e tragédia são gêneros contraditórios em suas funções.

O herói trágico é um herói construtor, é aquele que estabelece novas leis, novas formas de convívio num mundo dominado pelo caos ou desequilibra-

do por alguma espécie de injustiça. Ele coloca sua força, sua habilidade e sua inteligência no combate aos velhos costumes e na construção de uma nova visão de mundo, numa nova forma mais justa de relacionamento entre os homens. Por isso, é considerado um herói construtor, um ser quase sagrado. No entanto, há que se considerar dois aspectos na presumida sacralidade do herói. O primeiro é que o herói é humano e a condição do ser humano é o erro. Heróis são homens que falham. Outro aspecto a se considerar na condição humana é o tempo. O ser humano é sujeito ao tempo, e a passagem do tempo é o que faz crescer e amadurecer as coisas, da mesma forma que também as corrói e envelhece. Envelhece os seres, envelhece também todas as construções humanas, as leis, os costumes, as instituições, as sociedades. É nesse momento que entra em cena o riso. Ele aponta as falhas dessas construções, implacavelmente coloca à mostra o mofo, a decrepitude, o inexorável envelhecimento dessas edificações culturais, muitas vezes trabalhosas e caras ao ser humano. O riso gargalha que a única solução é arrasar para começar a ser construído novamente e indica que o eterno movimento de construção e destruição talvez seja a própria essência da condição humana. Talvez seja essa verdade exposta pelo riso que desafia tanto falsos moralistas como governos autoritários ou grupos extremistas. Tudo é passível de riso, e os incomodados que se mudem para outro planeta ou transformem o mundo numa teocracia séria e sagrada. De preferência, sem seres humanos, os quais aprenderam a rir e aparentemente não querem abrir mão dessa característica que os define.

O princípio do riso atua assim no mundo da matéria e age da mesma forma no mundo do espírito. O riso é profano, “corporal”, como conceitua Bakhtin. Nesse sentido, ele é contraditório ao sagrado e age da mesma forma corrosiva com as instituições leigas e com as instituições religiosas. Ri, satiriza, brinca com o sagrado e com tudo que o ser humano tenta sacralizar, sejam templos, crenças, imagens, conceitos ou livros. No entanto, brincar, demolir, destruir pelo riso não significa aniquilar como fizeram os militantes da Al-Qaeda. Significa apenas colocar sob o crivo do riso aspectos das crenças, dos costumes, das leis, dos caracteres humanos e das instituições. O que for suficientemente sólido permanece, o resto cai na vala comum do ridículo. Afinal, que crenças frágeis são essas que se sentem ameaçadas por uma simples revista?

A visão de mundo risonha da cultura popular é ambivalente, segundo Bakhtin, e engloba em si a seriedade, o sagrado e o sublime. O riso não tem a pretensão de negar nem de extirpar a fé, nem a crença, nem o drama, nem

TUDO É PASSÍVEL DE RISO, E OS INCOMODADOS QUE SE MUDEM PARA OUTRO PLANETA OU TRANSFORMEM O MUNDO NUMA TEOCRACIA SÉRIA E SAGRADA.

busca sua aniquilação, apenas brinca com todas essas coisas. O riso é uma criança que aponta que o rei está nu e tem a bunda caída. Aliás, a energia entrópica do arquétipo básico da comédia, o *trickster*, que origina tanto as figuras de arlequim como a do palhaço excêntrico circense, de Carlitos, ou de Macunaíma, é a mesma energia que anima a primeira infância de um ser humano.

Para entrar finalmente no domínio específico da dramaturgia, a questão primeira a ser respondida talvez seja “O que provoca o riso?”. Em *A experiência viva do teatro*, Bentley cita Freud ao falar em desrepressão, ou seja, o riso, para o inventor da psicanálise, seria, em grossas palavras, resultado do alívio das tensões, em especial daquelas ocasionadas pela repressão.

O RISO QUE PRETENDE REBAIXAR O INDIVÍDUO OU GRUPO TEM ORIGEM NO PRECONCEITO E NA TENTATIVA DE EXCLUSÃO E NÃO NA BUSCA DO PRAZER COLETIVO QUE É A FONTE DO RISO.

É bem possível que o ser humano ria por causa disso. Já Bergson, em seu pequeno e importante estudo intitulado *O riso*, fala em desvio daquilo que projetamos, de certa expectativa “normal” que

temos em relação ao comportamento humano. Rimos daquilo que foge ao comum, à lógica, ou melhor, rimos do que se contrapõe à nossa expectativa lógica, do que extrapola o bom senso. Reforça o seu raciocínio falando do automatismo, da repetição mecânica, do que é rígido, daquilo que se afasta do que é vivo ou daquilo que penetra o que é orgânico. Sempre que estivermos diante de situações, imagens ou gestos que fujam ao processo natural do ser humano falar ou fazer alguma coisa estamos nos aproximando do riso. No entanto, Bergson alerta que a insensibilidade acompanha o riso, e afirma textualmente que “o maior inimigo do riso é a emoção”, ou seja, só rimos se a situação ou a ação não tocarem a nossa emoção, não tiverem consequências dramáticas. Por isso, rimos do andar duro de Jacques Tati, do andar miúdo e bamboleante de Charlie Chaplin, do movimento desengonçado de Mazaropi ou da rigidez facial de Buster Keaton. É também possível que seja esse automatismo, essa rigidez no humano que provoque o riso.

Mas é Bakhtin quem abre as fronteiras do sentido e das razões pelas quais o homem ri. Entre os vários e profundos conceitos que o autor enumera e aprofunda em *Cultura popular na Idade Média e no Renascimento*, um deles chama a atenção: o riso é universal, ou seja, é um sistema aberto, uma visão de mundo que comporta em si todos os gêneros, inclusive os gêneros sérios. Nesse sentido, o riso não é um olhar desqualificador sobre um indivíduo ou determinado grupo e etnia, mas sobre toda a espécie humana. Nós, americanos do norte ou do sul, europeus, africanos, asiáticos, crentes ou ateus, não somos tão bons, tão civilizados, tão santos como queremos fazer parecer. Somos todos passíveis de riso, e a função dele é apontar os

defeitos físicos e morais de toda a espécie, não de indivíduos, grupos ou etnias. O riso que pretende rebaixar o indivíduo ou grupo tem origem no preconceito e na tentativa de exclusão e não na busca do prazer coletivo que é a fonte do riso. Aliás, o próprio Bergson abriga em seu estudo a ideia do riso como fenômeno coletivo.

## DRAMATURGIA, ENFIM

Finalmente entramos no específico que nomeia este trabalho: a dramaturgia. Foi necessária essa reflexão precedente porque não considero o riso apenas uma técnica a ser aplicada na construção de um texto. Riso é um estado de alegria, um ponto transitório de felicidade cuja utopia é ser permanente, e outra vez não consigo fugir ao conceito bakhtiniano do riso.

Na dramaturgia, o riso está ligado mais ao caráter do que ao enredo, embora essa não seja toda a verdade. Evidência disso é que se pegarmos o enredo de Édipo ou de Coriolano e no lugar dessas grandes personagens trágicas colocarmos um caráter tolo ou pusilânime, teremos transformado a tragédia em algo risível. Muitas comédias são feitas a partir desse princípio, e Bergson corrobora essa ideia afirmando que o riso está intimamente ligado aos caracteres – conceito já presente em Aristóteles, na *Poética* –, caracteres com algum tipo de rigidez moral ou mental (maníacos, tolos, avarentos, velhacos, malandros etc.). Se as ações dessas personagens não conduzirem a nenhum efeito emocional que possa ferir nossa sensibilidade, naturalmente estaremos diante de personagens cômicas.

Entretanto, a dramaturgia não lança mão apenas de tipos cômicos e de suas ações pouco usuais para produzir o riso. Existem outras formas de consegui-lo até mesmo a partir de um enredo. Como exemplo, poderíamos meter um cidadão absolutamente normal dentro de um conjunto de ações absurdas. Evidentemente não teríamos um riso tão intenso quanto o advindo de personagens cômicos *per se*, mas a situação coloca à mostra as infindáveis possibilidades de produzir o riso.

Bakhtin sugere um outro caminho: as imagens. As imagens são cômicas por si e são um verdadeiro manancial cômico. Quais imagens? As imagens dos baixos corporais. Quaisquer imagens, descrições de processos e reflexões sobre os baixos corporais naturalmente provocam o riso. Por baixos corporais entendam-se barriga, aparelhos excretores e genitais. Por quê? Essas imagens não dizem respeito necessariamente aos caracteres inferiores de Aristóteles, nem à rigidez moral ou mental, nem ao automatismo de Bergson. Todo ser humano, independentemente de defeitos físicos ou mo-

rais, possui baixos corporais. A ideia de Bakhtin é que o riso é provocado por uma experiência utópica, embora fugaz, de felicidade. O prazer é, por excelência, o estado do riso, e os baixos corporais do ser humano são repositórios do prazer, da comida e da bebida que nos mantém vivos, do sexo e da excreção. Os baixos podem não ser sublimes, sagrados, admiráveis, mas são seguramente risonhos. Bakhtin vai ainda mais fundo em seu raciocínio: há

um verdadeiro prazer em percebermos que todo ser humano se reduz, em última instância, em corpo, e que os seres humanos são iguais diante dos processos dos baixos corporais. Essa noção de

igualdade absoluta, que destrói quaisquer diferenças sociais, econômicas e intelectuais criadas entre os seres humanos nos faz rir. No final das contas, todo lorde, todo grande herói, todo grande intelectual, todo ser sagrado e todo grande moralista vai padecer, em algum momento, de um desarranjo intestinal, de uma pulsão sexual, de uma prisão de ventre ou perder um pouco do juízo porque bebeu demais e se tornou humano no que é mais básico.

Há um modelo fundamental para se escrever uma peça séria, e Aristóteles o desnudou na *Poética*. Indicou também outras possibilidades de se criar uma dramaturgia séria, mas deixou expressamente clara sua forma

preferida. Para se escrever uma comédia, ao contrário, existe uma infinidade de formas: desde a inversão precisa da forma clássica do drama, como faz Shakespeare, até um simples, dispa-

tado e inconsequente enredo. Se no preceito clássico do drama o objetivo da tragédia é provocar um sentimento de terror e compaixão, o objetivo da comédia é mais simples, é apenas fazer rir.

Decantando todas essas noções, o que sobra de sólido é que o riso é fundamentalmente provocado por dois fatores: o trabalho com as imagens e ações dos baixos corporais ou ausência da parte alta do ser humano, a cabeça. Tudo o que interfere e rebaixa a capacidade intelectual do ser humano provoca riso. Beberões, tolos, lentos de raciocínio, ou raciocínios inusuais e inúteis tendem a provocar riso.

A origem da comédia está ligada aos antigos ritos de fertilidade, e características ligadas à natureza agrária parecem se relacionar com os elementos compositivos do riso. O exagero, a repetição, a despadronização, a multiplicidade, as formas grotescas, a festa e os baixos corporais do ser humano fazem parte da visão risonha de mundo tanto na arte cômica como na vida. O excesso de produção agrícola que afastou o flagelo da fome, os ciclos que

SE NO PRECEITO CLÁSSICO DO DRAMA O OBJETIVO DA TRAGÉDIA É PROVOCAR UM SENTIMENTO DE TERROR E COMPAIXÃO, O OBJETIVO DA COMÉDIA É MAIS SIMPLES, É APENAS FAZER RIR.

O RISO CLAMA CONTINUAMENTE QUE SOMOS IGUAIS, E COMO IGUAIS TEMOS UM DESTINO COMUM, O PRAZER E A FELICIDADE COLETIVOS.

se repetem distanciando a ideia trágica da morte e propondo um eterno recomeço, a percepção de múltiplas formas criadas pela natureza, a terra como elemento propiciador e mantenedor da vida e as sensações do corpo forte e vivo criam uma utopia risonha de mundo. Tudo está sujeito ao ciclo de morte e renascimento, todas as coisas serão destruídas e renovadas, nenhuma tragédia é definitiva e a vida pode ser vista como uma brincadeira, como um gozo inconsequente. A mais bela obra de arte, o herói mais destemido, o mais bem-sucedido dos homens, a beleza mais incomparável, o mais truculento tirano, a crença mais sagrada, tudo e todos estão incluídos no tempo e nos ciclos infindáveis da natureza. Nada vai permanecer, tudo será transformado. A vida não é mais do que uma sombra passageira, escreveu Shakespeare, em *Macbeth*. Vamos fazer uma festa para celebrar essa sombra que passa, dizem as comédias.

O riso é uma ferramenta, uma arma muito mais poderosa do que nos faz crer o senso comum. É uma piada inconsequente, mas é também um violento libelo acusatório contra a desumanidade. O riso clama continuamente que somos iguais, e como iguais temos um destino comum, o prazer e a felicidade coletivos. O riso mantém acesa essa utopia, apesar de todas as proclamações e sérias profecias de homens sérios. O riso prega o despoder, ridiculariza qualquer tentativa de absolutismo da matéria ou do espírito. Os fundamentalistas de qualquer crença religiosa ou política sabem disso. Os assassinos do atentado ao *Charlie Hebdo* sabiam disso.

**LUÍS ALBERTO DE ABREU** é dramaturgo e roteirista de cinema e TV; coordenou núcleos de dramaturgia na Escola Livre de Teatro, de Santo André, e no Galpão Cinehorto, de Belo Horizonte.

# A CARTA

De

Karl Valentin

Personagens

Ela

ATO ÚNICO

ELA

(*Escrevendo uma carta.*) Munique, 33 de janeiro de 1925 e meio. Minha querida: É com a mão chorosa que eu seguro a caneca para te escrever. Há tanto tempo que você não escreve.. , Por quê? Ainda mais depois que, não faz muito, você dizia numa carta que me escreveria, se eu não te escrevesse. Meu pai, também, escreveu-me ontem. Ele me disse que te escreveu. Você, ao contrário, não escreveu nem uma palavra pra me dizer que ele tinha te escrito. Se você tivesse me escrito para me dizer que meu pai te escreveu, eu teria escrito ao meu pai dizendo que você gostaria de lhe escrever, mas que, infelizmente, não tinha tido tempo de lhe escrever, senão você já lhe teria escrito. Você não escreveu nenhuma carta respondendo aquelas que eu te escrevi, donde eu penso que essas histórias todas de escrituras, são bem tristes. Se você não soubesse ler, seria uma outra coisa, eu não iria te escrever de maneira nenhuma. Mas você *sabe* escrever e você não escreve mesmo quando eu te escrevo. Eu termino minha carta te escrevendo na esperança de que você me escreva, afinal. Senão será a última carta que eu te escrevo. Se, esta vez ainda, você não me escrever, escreva-me ao menos para me dizer que você não quer

*mesmo* me escrever, de maneira alguma. Eu saberei, dessa forma, porque você nunca me escreveu. Perdoe meu jeito ruim de escrever, mas é que eu tenho uma espécie de artrite típica dos que escrevem sempre. Isso acontece sempre que eu escrevo. Você, evidentemente, não terá isso nunca, pois não escreve jamais. Minhas saudações e um beijo, Teu N. N.

Millôr Online  
[www.millor.com.br](http://www.millor.com.br)

# A HISTÓRIA É UMA ISTÓRIA

e o homem o único animal que ri

de Millôr Fernandes

Representada pela primeira vez em 21 de outubro de 1976, no Teatro Interno do Centro de Convivência Cultural, em Campinas, São Paulo. Como diretor, Claudio Correa e Castro. No elenco, Flávio Galvão, Olney Cazarré e Elaine Cristina. O texto atual foi revisado pelo autor em maio de 1993.

**Texto disponibilizado no site de Millôr Fernandes:**

<http://www2.uol.com.br/millor/>,

**não sendo permitido o uso comercial sem a autorização do autor ou representante!**

## Defesa Prévia

“A história é uma istória”, ou “A história é uma história”, como escrevem os ortodoxos, ou “A história é uma estória”, como inventaram os pré-moderninhos<sup>(1)</sup>, é um pequeno apanhado de idéias razoavelmente idiotas, ou relativamente tolas, que se foram formando em mim, em volta de mim, acima de mim, e por aí afora, nestes últimos quatro ou cinco mil anos. É uma visão do mundo derivada, claro, de que o Homo, que era “faber” e passou a “sapiens”, só terá salvação quando se tornar “ludens”. O que equivale a dizer que o bípede implume não tem salvação. É, definitivamente, um animal inviável<sup>(2)</sup>.

**De qualquer forma, apesar de admitir que minha visão do cosmo é absolutamente pedratória<sup>(3)</sup>, quero deixar bem claro que a culpa por tudo isso que está aí não é exclusivamente minha.**

1. Os pré-moderninhos resolveram escrever estória em lugar de história para distinguir história de história, se é que me entendem. Nunca tendo ouvido falar de palavras homófonas-homógrafas (homofonógrafas) começaram a escrever história sem o agá, que não incomodava ninguém, e passaram a escrever no lugar do *i* um *e* que se pronuncia *i*.
2. Mas eu não sou.
3. Não confundir com predatória. O meu negócio é mesmo lapidar, atirar pedras.

---

À falta de memória

---

## **À Direção**

O texto foi feito para uma encenação livre. A ordem cronológica do texto não deve, porém, ser alterada. Pode-se retirar coisas que, ocasionalmente, não se ajustem aos atores. Música incidental. Uma ou duas não mais cantadas.

As roupas dos intérpretes devem ser as mais simples possíveis, dando margem a que, em algumas cenas não muitas pequenas adições às roupas modifiquem-nas bastante. Projeções de slides. Se houver, devem ser slides grandes, de impacto. De qualquer forma, os slides não devem ser "bonitos". As "notícias" devem ser filmadas.

A direção deve ser a mais simples, deixando o maior trabalho de criação à força de comunicação direta dos atores.

APRESENTADOR: Vamos contar aqui a História, do ponto-de-vista de 1993: como todos sabem, um ano que não aconteceu. Os personagens históricos, como também ninguém ignora, são todos inventados, para que os jovens gastem a juventude se aprofundando no que eles não disseram nem fizeram. As roupas, cenários e atores do espetáculo também são de mentira. Por isso não entrem em pânico se, de vez em quando, sentirem aquela estranha sensação do passageiro que viaja num avião sabendo que a bagagem, com tudo que possui, viaja em outro. O resto é normal.

ATOR I: Eu sempre gostei de história. Desde criança. Caí na asneira de dizer isso outro dia pro meu neto. Espantado, ele perguntou: “Mas quando o senhor era criança já tinha acontecido muita coisa?” Que é que eu ia dizer? Realmente eu sou do tempo em que o Mar Morto ainda estava agonizando. A sério: sempre estudei a história do passado e acompanhei a do presente. Num certo momento percebi que a história ia indo mais depressa do que eu. Eu ainda estava na primeira Guerra Mundial quando estourou a segunda. Estava começando a me acostumar com o poder de fogo do spitfire e do stuka quando eles estouraram a bomba em Hiroshima. Quando alcancei a Coréia, a história já estava se retirando do Vietnã e os japoneses já vendiam carros pros americanos. É, na minha idade não dá mais pra acompanhar. Sei que teve um quebra-quebra no Golfo, sei que grandes heróis não deixam entregar comida na Somália, sei que estão massacrando gente branca e bem vestida na Bósnia (preta e mal vestida na África, a gente acha perfeitamente natural), mas tudo isso é vago. Confesso que ainda não entendi nem a queda do muro de Berlim. Parecia tão sólido! Pedreiros ruins os comunistas! Olha, não se pode confiar nem no passado remoto. Os cientistas não acabaram de descobrir a múmia gay? Que coisa! Futucar o cara no lugar indevido cinco mil anos depois. Difamarem uma múmia! Múmia no meu tempo era respeitável. Queóps, Quéfrem, Ramsés, Tutankamen, Itamar! Eu tremo só de pensar no meu próprio futuro. Porque até aqui, em vida, acho que escapei. Mas fico imaginando daqui a cinco mil anos um fofoqueiro chegando pro outro e dizendo: “E o Paulo Gracindo, hein? Você viu? Ninguém diria!”

(Entram slides contando rapidamente a história em todas as suas fases.)

ATOR I: (Entra. Preocupado. Caminha. Depois de um tempo percebe o público.) A senhora, uma dona de casa, estava na feira, no caminhão que vende aves abatidas. O vendedor ofereceu a ela uma galinha. Ela olhou bem a galinha, puxou a pele da nuca da galinha, passou a mão em baixo das asas da

galinha, apalpou o peito da galinha, alisou as coxas da galinha, enfiou o dedo no fiofó da galinha, depois tornou a colocar a galinha na banca e disse pro vendedor: “Não presta.” Aí o vendedor olhou pra ela e disse: “Também, madame, num exame assim nem a senhora passava.” Moral: A gente não deve cafucar demais a história.

ATRIZ: Heródoto Toyndee da Silva Produções apresenta:

(Slides, exibidos rapidamente, de maneira calidoscópica, enquanto os três atores, também rapidamente, põem capacetes, tiram capacetes, entram como cavalo-de-pau, saem, etc, etc, dando uma idéia-mosaico da História.)

ATOR II: (Fala bem alto.) A HISTÓRIA É UMA ISTÓRIA!

ATRIZ: (Entra pelo outro lado. Fala bem alto.) E O HOMEM É O ÚNICO

ANIMAL QUE RI.

ATOR II: Um resumo do bestialógico humano desde que o homem saiu da caverna...

ATOR I: Se ele soubesse o que ia acontecer tinha ficado lá dentro.

ATOR II: ...até chegar à selvageria de hoje.

ATRIZ: Só três homens conseguem modificar fundamentalmente a História: os estadistas...

ATOR II: ...os militares...

ATOR I: ...e os historiadores.

ATOR II: Balzac: “A História é como um idiota: se repete, se repete, se repete.”

ATOR I: Machado de Assis: “A História é uma coisa que não aconteceu, contada por um sujeito que não estava lá.”

ATRIZ\_: Paul Valery: “A História justifica tudo que quisermos. Não ensina rigorosamente nada.”

ATOR I: Henry Ford: “A História é uma merda.”

ATOR II: Joaquim Nabuco: “A História é feita com rios de tinta, formando oceanos de mentira.”

ATRIZ: Arthur Koestler: “A História não tem escrúpulos nem hesitação, nem moral, nem consciência.”

ATOR I: Winston Churchill: “O que eu gosto mesmo na História são as anedotas.”

ATOR II: Rudyard Kipling: “Mas isso é outra história.”

ATOR I: Tudo começou quando o Todopoderoso lançou nosso Globo no espaço e chamou ele de Terra. Pois é: tudo começou com um lamentável erro de denominação. Pois como se compreende chamar de Terra um planeta cuja composição é dois terços líquida? É evidente que a Terra devia se chamar Água. Depois de fazer o Dia, a Noite, as Árvores e os Minerais, Deus fez todos os animais. Isto é, todos não! Basta a gente olhar pro camelo pra perceber que foi projetado por um Grupo de Trabalho. Depois dos animais, Deus resolveu fazer o primeiro homem. Fez. Mas, como não registrou a invenção, hoje qualquer idiota se acha no direito de fazer o mesmo. Agora, reparem na modéstia de Deus; ao fazer o Homem ele fez Adão, um tipo bem natural, bem simplório, quase um camponês. E no entanto, com o seu poder, bem poderia ter feito um general de quatro estrelas.

ATRIZ: O primeiro ser humano Deus fez do barro. O segundo ser humano Deus fez de uma costela de Adão. Só o terceiro ser humano foi feito em conjunto, pelo homem e pela mulher, usando o instrumento próprio no lugar adequado.

ATOR I: E logo todo mundo esqueceu do barro.

ATRIZ: E nunca mais ninguém quis saber de costela.

ATOR I: Criada a mulher, o homem passou a dar porrada nela todos os dias até ela reconhecer o seu lugar. Estava inventado o machismo e o patriarcado. Aí o homem, depois de passar a noite comendo a mulher, saía de casa pra caça ao javali e ordenava pra ela: “Se você botar o pé fora daqui eu te arrebento!” Estava criada a mulher objeto.

ATOR II: Sentindo a necessidade de se comunicar o homem inventou o verbo. Quando teve a primeira raiva de um vizinho inventou o adjetivo. E ao dar topada numa pedra criou o palavrão.

ATRIZ: Aí teve uma idéia genial; chamou o lugar em que morava de Pátria e começou a apedrejar todos os que moravam do outro lado.

ATOR I: Lição de moral e cívica: “o amor à nossa estremecida pátria deve ser ensinado desde o berço, senão o garoto, assim que cresce, vai morar noutra país.”

ATOR II: A invenção da palavra permitiu ao homem notáveis frases históricas, através dos tempos:

ATOR I: Noé: “Cambada de animais!”

ATRIZ: Dalila: “Sansão, você vai ficar um gatão, de cabelo curto!”

ATOR II: Sócrates: “Vocês bebem pra esquecer. Eu bebo pra que não me esqueçam”

ATOR I: Dom Pedro I, no dia 8 de setembro de 1922: “Eu ontem, de pileque, proclamei o quê?”

ATRIZ: Abraão Lincoln: “Eu bem que queria sair no fim do primeiro ato.”

ATOR II: Graham Bell: “Ele deixou o número?”

ATOR I: Dr. Watson: “Olha, Sherlock Holmes, elementar é a mãe!”

ATRIZ: Hitler: “Só detesto três coisas: negro, judeu e racista!”

ATOR I: Com a prática de apedrejar todos que não pertenciam ao mesmo grupo, o homem estabeleceu o primeiro ciclo histórico: A Idade da Pedra.

ATOR II: Reflexões vagabundas sobre a Idade da Pedra:

ATOR I: (Pode ser cantado.)

Quem cuidava do zinabre  
Do tigre  
De dentes de sabre?

ATRIZ: Mas que bruta solidão

A caverna  
Sem televisão.

ATOR I: O time familiar

Ficava desfalcado  
Quando o chefe  
Em busca do jantar  
Era jantado.

ATOR II: Uma espantosa vitória:

Conseguiram armazenar  
Dois milhões de anos  
De Pré-história.

ATOR I: Com o passar dos séculos – o homem sempre foi muito lento! – tendo desgastado um quadrado de pedra e desenvolvido uma coisa que acabou chamando de roda, o homem chegou, porém, a uma conclusão decepcionante – a roda só servia pra rodar. Portanto deixemos claro que a roda não teve a menor importância na História. Que interessa uma roda rodando? A idéia verdadeiramente genial foi a de colocar uma carga em cima da roda e, na frente dela, puxando a carga e a roda, um homem pobre. Uma idéia espetacular – inventava-se ao mesmo tempo a tração animal e o proletariado. Pois uma coisa é definitiva: a maior conquista do homem foi o outro homem. O outro homem virou escravo e, durante séculos, foi usado como transporte (*imita liteira*), ar refrigerado (*abano*), lavanderia, e até esgoto, carregando os tonéis de cocô dos poderosos.

ATRIZ: Durante toda a Idade da Pedra os homens não conseguiram fazer uma só embarcação. Isto é, conseguiram, mas, na hora de lançar a embarcação ao mar, ficavam bestas: a embarcação ia ao fundo. Até que um engenheiro de gênio declarou: “Ou acabamos com essa maldita Idade da Pedra e construímos um barco de madeira ou jamais teremos uma frota mercante digna desse nome.”

ATOR I: Um dia o primeiro patife encontrou o primeiro idiota e inventou o primeiro Deus.

ATOR II: Voltaire: “Se os triângulos tivessem um Deus, Deus teria três lados.”

ATOR I: Como Deus foi feito à semelhança do homem, seu caráter sempre deixou muito a desejar. Na guerra, Deus, naturalmente, está sempre a favor do exército mais forte. E, na paz, sempre a favor dos países mais desenvolvidos.

ATRIZ: Inventado Deus, logo apareceram os líderes, profetas e santos, seus intermediários. O maior de todos se chamava Moisés e passou toda a vida afirmando a seu povo, descaradamente, que Deus lhes tinha prometido determinado país.

ATOR II: Mas como esse país era muito pequeno, Moisés jamais conseguiu encontrá-lo.

ATRIZ: Ou achou mais político não encontrar.

ATOR II: O fato é que durante quarenta anos ficou dando voltas em torno dele, com o povo atrás, e morreu sem entrar lá.

ATOR I: De qualquer forma é difícil acreditar que Deus tivesse prometido Israel ao povo judeu quando se sabe que o petróleo estava todo do outro lado. E ora bolas, se queria pros judeus a Terra Prometida, por que não prometeu logo os Estados Unidos?

ATRIZ: Composição infantil: Moisés.

ATOR I: Moisés foi um príncipe que a princesa disse ao pai que achou ele quando passeava de lancha no rio, senão o pai botava ela pra fora de casa.

Moisés foi todo educado pra salvar seu povo do Egito e fundar o estado de Israel que Deus tinha prometido a ele na ONU. Quando já estava bem preparado, Moisés caiu de pára-quedas atrás das linhas inimigas e conduziu seus soldados até o canal de Suez, no Mar Vermelho. Aí, como os egípcios tinham tomado conta do canal e os ingleses não queriam complicação, Moisés mandou seus engenheiros fazerem uma ponte de barcaças. Os judeus todos atravessaram o mar, quando surgiram as forças blindadas inimigas. Moisés então mandou um rádio pra retaguarda explodir a ponte, usando todos os foguetes. Aí Moisés subiu no Monte dos Sinais, onde tinha uma torre de irradiação e recebeu a Nova Constituição de Israel, chamada os Dez Mandamentos. Essa é a minha versão da História Sagrada, porque a que a professora conta é inteiramente infantil.

ATRIZ: À proporção que as pátrias se desenvolviam havia necessidade de chamá-las com nomes diferentes: Egito, Fenícia, Assíria, Babilônia.

ATOR I: Alguns historiadores acham que o povo mais antigo do mundo é o chinês. Pode ser. Mas está fora de dúvida que o chinês é, pelo menos, o povo mais sábio do mundo. Inventou a pólvora e não inventou a bomba. Inventou o papel e não inventou a imprensa. Inventou o barco a vela e não descobriu a América.

ATRIZ: Devido a essa milenar sabedoria ainda hoje a engenharia chinesa é uma das mais eficientes do mundo porque utiliza processos profundamente pragmáticos. Construção de túneis, por exemplo.

ATOR I: Como a China tem pouca tecnologia e muita mão-de-obra disponível, seria inutilmente dispendioso fazer planos complicados para a construção de um túnel. Então, simplesmente, coloca-se mil operários trabalhando de um lado da montanha e mil trabalhando do outro lado. Se os operários se encontram, fazem um túnel. Se não se encontram, fazem dois.

ATRIZ: Mas tem gente que acha que o país antigo mais importante foi o Egito.

ATOR II: O Egito era chamado um presente do Nilo. Todos os anos o rio enchia até as brebas e, quando as águas baixavam, todas as margens do rio estavam cobertas de vacas mortas, nuvens de mosquitos e egiptólogos.

ATOR I: Era um povo muito adiantado. Já naquela época tinham hieróglifos, armas capazes de matar estrangeiros a mais de dez metros de distância, milhares de funcionários públicos sentados sem fazer nada (*imita*), pena de morte e impostos impossíveis de suportar. Uma senhora civilização.

ATRIZ: Uma civilização tão esnobe que as pessoas só andavam de perfil.

ATOR II: Os egípcios acreditavam em seiscentos e oitenta e cinco deuses, inventaram a astrologia e a crendice popular, juravam que uma cabra astral comia a luz de quatro em quatro semanas e “vomitava-a” pelo ânus logo depois, e calcularam um calendário complicadíssimo que, no fim de certo tempo, fazia o ano novo cair no dia 13 de outubro. Cultura estava ali!

ATOR I: Os hieróglifos, escrita dos egípcios, compunham-se de urubus, pardais, pontas de lança e peças de relógio. Como é que eles conseguiam escrever cartas de amor com aquilo ninguém sabe.

ATOR II: Os egípcios construíram ainda pirâmides gigantescas nas quais trabalharam milhões de operários durante mais de vinte anos.

ATRIZ: Mas, com isso, os sábios imperadores egípcios não estavam escravizando seu povo, como vocês podem pensar. Evitavam apenas que o povo se entregasse à dissipação, por não ter o que fazer.

ATOR I: O povo, já a essa época, era muito inclinado à imoralidade quando não tinha o que fazer.

ATRIZ: Com o aparecimento de pátrias tão fortes quanto a sua, o homem percebeu que, em vez de se isolar do outro homem, era mais prudente ficar amigo íntimo dele e passar ele para trás. E chamou isso de comércio.

ATOR II: Daí ao quilo de novecentas gramas foi só um passo.

ATRIZ: O comércio criou coisas admiráveis: as guerras pelos mercados de sandálias gregas, a exploração do trabalhador barato solto nas matas africanas e farta distribuição de ópio na China.

ATOR II: Mas a finura, a sofisticação e a frescura só começaram mesmo quando os gregos entraram em cena. Parece que, a princípio, a ocupação fundamental dos gregos era fazer perguntas embaraçosas a seus líderes. Era comum você abrir o Atenas Time e encontrar notícias assim:

ATOR I: “Como todos sabem, Édipo aceitou mesmo participar do gigantesco concurso espartano Decifra-me ou te Devoro. Ontem Édipo compareceu ao programa para responder na sua especialidade, o complexo. Mas, para tristeza geral, o conhecido nobre da casa de Laio não conseguiu responder a primeira pergunta que lhe foi feita pela esfinge do Cairo. Por isso foi eliminado. Eliminado e devorado.”

ATOR II: Os gregos passavam o tempo todo na guerra, principalmente a de Tróia.

ATRIZ: (Canta)

Tróia

Era uma cidade jóia

Com um cavalo de madeira

Que subiu pela ladeira(\*)

ATOR I: Diário de Tebas: “Urgente: Licino, o filho de Heitor, continua comandando a onda de protestos em Ítaca, concitando os gregos a retirarem suas tropas de Tróia, onde vêm sendo vergonhosamente batidos na prolongada luta contra os Tróiacongs.”

(\*) Autora F. C.

ATRIZ: Correio de Creta: “Extra: Uma comissão se apresentou ao Oráculo de Delfos protestando contra a terminologia internacional que sempre se refere ao ato de traição como presente de grego. Tentando eliminar o termo pejorativo, os gregos apresentaram ao oráculo farta documentação provando que o cavalo era armênio.”

ATOR II: (Entra, com capacete marcial) General, o inimigo tem tantas setas que chega a ocultar a luz do sol.

ATRIZ: Melhor, fugiremos à sombra.

ATOR I: Dessa decisão militar de rara sabedoria, Sócrates tirou aquele conceito filosófico de não menor importância: “Você não pode impedir que os urubus voem sobre sua cabeça, mas pode impedir que caguem nela.”

ATOR II: E assim a Grécia ia vivendo e tirando grande partido da vida de todos os dias. E a vida de todos os dias na Grécia era emocionante porque cinquenta por cento dos gregos eram heróis e cinquenta por cento eram gênios.

ATRIZ: Manchete esportiva da Gazeta de Esparta: “Na última e violenta disputa de domingo o supercraque PELÉAndro liquidou mais dois generais na partida entre Horácios e Curiácios.”

ATOR II: Os gregos ainda não possuíam telefone, nem televisão, nem rádio. Pra comunicar a vitória numa guerra eles tiveram que fazer um soldado correr quarenta e dois quilômetros e inventar a Maratona.

ATRIZ: Comparando-se com os dias de hoje, temos que reconhecer que o Século de Ouro, na Grécia, era muito pobre em comunicações.

ATOR I: Mas, em compensação, em vez das Casas da Banha, os gregos tinham Péricles como patrocinador! E Eurípidés, Demóstenes e Aristófanes – que animadores!

ATOR II: Pois é, amigos, autor de teatro, na época, só de Sófocles pra cima. Apesar disso, já naquela época, os gregos quando saíam do teatro, costumavam dizer: “Theodorakis Melina Mercuris Megatério Onírico.”

ATOR I: Tradução: “O teatro está em crise.”

ATOR II: Tudo somado parece mesmo que o maior grego de todos foi Péricles. Roubou todo dinheiro da Liga de Delos e empregou esse dinheiro no trabalho de artistas e arquitetos, criando um slogan político que atravessaria os séculos: “Rouba, mas faz.”

ATRIZ: O historiador Will Durant acha que os gregos deviam ter o dobro da nossa inteligência. Pensando bem, não era muita coisa.

ATOR I: As mulheres gregas não podiam ser vistas nas ruas, não podiam participar das decisões públicas e só jantavam com o marido quando não havia visitas. Por isso o século de Péricles foi chamado Século de Ouro.

ATRIZ: Agora, uma coisa: os gregos eram muito mentirosos. Mentirosos mas brilhantes, em vez de aceitar a mentira como uma vergonha nacional, como nós, eles a transformaram num orgulho nacional. Bastou para isso juntar todas as mentiras num saco só, apelidando tudo de mitologia. E inventaram a fábula.

ATOR II: A fábula teve início num dia em que uma mulherzinha grega fofoqueira disse para outra fofoqueira:

ATOR I: “Você sabe, Aspásia, dizem por aí que o Lobo tá comendo tua vó!”

ATOR II: (Alto) A HISTÓRIA É UMA ISTÓRIA!\_\_

ATOR I: E O HOMEM É O ÚNICO ANIMAL QUE RI!

ATRIZ: Aí Esopo ia passando, pegou a frase de ouvido e escreveu o Chapeuzinho Vermelho.

ATOR I: E as fábulas jamais morreram. Neste verão mesmo, dois mil anos depois, a fábula da cigarra e da formiga se repetiu. Enquanto a formiga dava um duro danado, trabalhando dia e noite pra juntar reservas pro inverno, a cigarra, voando de galho em galho, cantava e cantava e cantava. Mas o verão passou e chegou o inverno, terrível. A formiga, com a sua prudência, estava lá na sua casa bem quentinha, contente de não ter vagabundeado no verão e até pensando cristamente no sofrimento porque devia estar passando a cigarra. Nesse momento bateram violentamente na porta: “Deve ser aquela maluca, morta de fome”, pensou a formiga. “Mas, se ela acha que vou ter compaixão, aqui ó, nunquinha. Está muito enganada. Não cantou no verão? Pois dança agora!” Batida violenta na porta outra vez. A formiguinha abriu a porta e quem vocês pensam que ela viu? A própria cigarra, sim senhores. Mas não morta de fome! Pelo contrário, a cigarra estava envolvida num tremendo casaco de peles, reclinadona num belíssimo carro, sorrindo um sorriso feliz e superior. A formiga quase perdeu a fala. Conseguiu dizer apenas: “Ué!”. E logo depois: “Que é que você deseja?”. “Nada, nada, minha amiga, disse a cigarra, “não

desejo nada não. Pelo contrário, vim saber o que você deseja.” “Como assim?” disse a formiguinha engolindo a frustração. “É que, você sabe”, explicou a cigarra, “como assinei um esplêndido contrato pra cantar no Olimpia, em Paris, eu queria saber se a minha velha amiga deseja alguma coisa da França.” “Ah, da França?”, fez a formiguinha perplexa. “Ah, sim, desejo sim, cigarra. Você, por favor, assim que chegar lá, procura pra mim um tal de La Fontaine e diz que eu mandei ele à puta que o pariu!”

ATOR II: A HISTÓRIA É UMA ISTÓRIA!

ATRIZ: E O HOMEM O ÚNICO ANIMAL QUE RI.

ATOR II: Grécia, pois é. Um dia, depois de uma bebedeira imensa com Arquimedes, na qual bebedeira Arquimedes saiu pelas ruas inteiramente nu, exibindo uma puta ereção e proclamando: “Todo corpo mergulhado num fluido sofre um impulso de baixo para cima, etc. etc.” “Eureka! Eureka! A terra gira!”...

ATOR I: ...Pitágoras chegou em casa e teve que explicar à mulher onde é que tinha estado até aquela hora. Pitágoras não se apertou: “Antígona, minha querida”, disse ele, “estive onde não estou e estou onde não estive. Tardei porque não me antecipei já que a propensão para a volta está na razão direta do interesse com que se foi...”

ATRIZ: Estava criado o sofisma.

ATOR II: Os gregos, como todos vocês devem ter percebido no tempo do colégio, eram um povo com muita história e pouco personagem. Parece que, por medida de economia, uma só pessoa fazia muitos papéis. Como no teatro brasileiro.

ATOR I: É por isso que a Grécia deu um dinheirão.

ATRIZ: Um desses personagens importantes, um dos heróis de maior cartaz na Grécia, era o Minotauro, que, como o nome indica, tinha corpo de Mino e cara de Tauro. Todos os dias os gregos sacrificavam algumas das mais belas virgens da cidade ao monstro sanguinário.

ATOR I: É muito engraçada essa fixação que os deuses antigos tinham em virgens. Eu, se vocês me sacrificarem duas ou três belas garotas por semana, juro que estou me lixando se elas são virgens ou não. E olha aqui, ô meninas, quem foi que disse que dar é sacrifício?

ATRIZ: Tebas Hedbô: “Urgente: O herói Teseu, depois de matar o Minotauro, conseguiu escapar ao complicadíssimo labirinto da declaração do Imposto de Renda usando o fio das isenções fiscais.”

ATOR II: Até hoje nenhum psicanalista conseguiu descobrir porque os touros tinham tanto cartaz na Grécia. Aqui, por exemplo, depois de uma boa marrada no toureiro, o touro pode ser até admirado, aplaudido mesmo, mas eu nunca vi nenhuma donzela dar pra ele não.

ATRIZ: O cartaz dos touros na Grécia antiga era tal que até Júpiter se disfarçou de touro pra comer umas grã-finas da sociedade.

ATOR II: Parece mesmo que a maior glória de uma família, no século V, era a avó da gente dar prum touro.

ATOR I: Até que, naturalmente, apareceu o primeiro detrator, o primeiro despeitado e disse prum nobre a suprema ofensa: “Tua avó deu pro touro, é? Então tua mãe é uma vaca!”

ATOR II: Curioso é que, justamente numa época em que circulavam pelas ruas os tipos mais esquisitos, mais estranhos, deuses em forma de cisnes, centauros, unicórnios, faunos, sereias, os gregos, não sabemos porque, começaram a propagar pro mundo que todos os homens eram iguais.

ATOR I: E chamaram isso de democracia que, como até Churchill sabia: “É o pior regime político do mundo, com exceção de todos os outros.”

ATRIZ: É nessa altura do campeonato, no melhor da festa, que entram em cena os romanos, com sua decadência e tudo.

ATOR I: Os romanos começaram com uma loba só. Começaram por baixo. Na verdade começaram onde todos nós gostaríamos de acabar: mamando nas tetas do poder.

ATOR II: Como em Roma tinha muito pouca mulher, assim que os romanos se instalaram direitinho, resolveram entrar de penetras numa festa numa cidade vizinha, baseados no sadio princípio de que as melhores festas são aquelas pras quais a gente não é convidado.

ATOR I: Groucho Marx: “Eu não frequento clubes que me aceitam como sócio!”

ATOR II: Os romanos entraram à força na festa dos sabinos e raptaram todas as sabinas, mulheres deles.

ATOR I: Esse costume de raptar as mulheres dos outros lamentavelmente desapareceu para sempre. Quem lamenta mais, naturalmente, são os maridos.

ATRIZ: A maior importação romana era de deuses gregos. Botavam outro nome e vendiam ao povo como produto nacional. Pois, é preciso dizer, os governantes romanos se preocupavam muito com o bem-estar do povo. Tanto que inventaram a filosofia política do Pão & Circo, que, no Brasil, deu pão, samba e futebol.

ATOR I: Ah, o circo romano! Aquilo sim era espetáculo! Em cada sessão atores completamente novos. As disputas entre leões e cristãos eram todas eliminatórias. E quando um cristão desleal, querendo escapar de um leão, fazia um milagre, imediatamente o Imperador mostrava pra ele o cartão vermelho (sinal com o polegar pra baixo) e o desgraçado era logo expulso de campo.

ATRIZ: No espetáculo de gladiadores havia um detalhe muito importante – a crítica era feita na hora. Um gladiador botava o tridente no pescoço do outro e perguntava à crítica o que ela tinha achado da atuação do pobre diabo. Aí a crítica dizia por exemplo:

ATOR I: (Meio bicha) “O gladiador, fugindo à hermenêutica de Terpsícore, não demonstrou o menor sentido de expressão corporal nem manteve o distanciamento brechtiano. Sífu!”

ATRIZ: Nesse caso o gladiador nunca mais aparecia no Coliseu. Nem em qualquer outro lugar, por falar nisso.

ATOR II: É, amigos, só mesmo os anestesiados tempos de hoje aceitam essas disputas esportivas medíocres, com onze homens de um lado e onze homens de outro correndo ridiculamente atrás de uma bola.

ATRIZ: Botem três leões em campo e aí sim vocês vão ver a renascença da emoção esportiva!

ATOR I: Quem havia de imaginar que essa gente tão corajosa ia acabar, dois mil anos depois, entregue a Mussolini e aos fascistas, cujo único feito na Segunda Guerra Mundial foi a invenção do tanque com marcha-ré.

ATOR II: Basta ler Shakespeare para verificar que o Império Romano foi o mais teatral de toda a história. Você passava por uma escadaria, estava lá Antonio fazendo uma cena sensacional:

ATOR I: (À maneira de Marlon Brando)

Amigos, conterrâneos, eu vim para enterrar César,  
Não para elogiá-lo.

O mal que os homens fazem, vive depois deles.

O bem quase sempre é enterrado com seus ossos.

Seja assim com César.

Ele foi meu amigo, fiel e justo,

Mas Brutus diz que era ambicioso,

E Brutus é um homem honrado.

Como eles todos são,

Todos homens honrados.

ATRIZ: Perceberam a ironia?

ATOR II: Você passava por outro canto, estava justamente alguém sendo atacado pelos conspiradores de Cácio.

ATRIZ: Matem esse traidor! É Cina, o conspirador!

ATOR I: Prepara-te para morrer, vil traidor!

ATOR II: Mas eu não sou o traidor. Não sei nada. Sou Cina, o poeta.

ATOR I: Cina, o poeta? Então morres pelos teus maus versos! (*Enfia-lhe a espada.*)

ATRIZ: Você entrava num cenáculo e lá estava Coriolano discutindo tática política com seus conselheiros Menênio e Comínio:

ATOR I: (*Como Coriolano*) Mas é demais! É demais! Descer a implorar votos à plebe depois que eu salvei a nação praticamente sozinho. Jamais! Não faz parte da minha natureza nem da minha formação! Não faço, por Júpiter Tonante!

ATRIZ: (*Como Comínio*) Oh, é apenas um ato formal. Não dói nem fede!

ATOR I: Em mim dói e sinto o mau cheiro. Uma tradição lamentável, que diabo! Acabamos com as outras, por que não acabar com essa também? Decidamos pelo povo, já que o povo não sabe decidir nada! Se tivéssemos deixado, o povo teria tranqüilamente entregue o poder aos nossos inimigos, às potências estrangeiras. E agora ainda temos que fingir que acreditamos em seu poder soberano? Não! Três (*escreve em algum lugar bem visível o número romano III*) vezes não!

ATOR II: (*Como Menênio*) Completamente de acordo. Consultar o povo é uma cerimônia ridícula. Mas não acho que este seja o momento melhor para modificá-la

ATOR I: Mas eu não fui ensinado a pedir. Sou um general. Só sei mandar.

ATRIZ[1]: (*À parte*) Mas que idiota!

ATOR I: Afinal, que é que vocês querem que eu faça?

ATRIZ: Seja cordato, só. Diga que vai atender a todas as reivindicações populares.

ATOR I: Por exemplo.

ATRIZ: Comer.

ATOR I: Comer? Inacreditável! Que mais?

ATOR II: Justiça.

ATOR I: Você está brincando comigo. Isso é coisa de patrício.

ATRIZ: Naturalmente devemos tocar também na reforma agrária.

ATOR I: Isso não. Já ouvi falar nisso pra burro e nunca consegui entender o que é que quer dizer. Pra mim é grego.

ATOR II: Estamos lhe pedindo uma concessão mínima, um momento apenas. Depois de eleito você poderá modificar todo o sistema e educar o povo nos longos períodos em que será reeleito.

ATOR I: Quantos períodos?

ATRIZ: Pela lei, apenas dois. Mas o poder gera seus próprios direitos e justifica suas próprias leis. Esse seu gesto pode fazer da sua uma vida inteira dedicada ao povo.

ATOR I: Bem, se é assim, eu me sacrifico.

ATOR II: Porém o local mais teatral de Roma era mesmo, sem dúvida alguma, a porta do Senado, junto à estátua de Pompeu. Era tal o prestígio desse local que nenhum grande general, pretor ou cônsul romano admitia ser assassinado em qualquer outro lugar. Sendo o programa mais ouvido da época em todo o Império Romano, o Senado foi quem lançou os maiores slogans de todos os tempos:

ATRIZ: Alea Jacta est!

ATOR I: Quosque tandem, Catilina?

ATOR II: Et tu, Brutus?

ATRIZ: Ave, César! Morituri te salutam.

ATOR I: Habeas corpus.

ATOR II: Delirium tremens!

ATOR I: Porém, o primeiro slogan verdadeiramente internacional não foi criado no Senado de Roma, mas no Egito. Quando Júlio César, partindo de Roma com seus exércitos, chegou no Egito, os estudantes do Cairo o receberam com cartazes de protestos dizendo: “Go Rome, Júlio César.” (Ator e atriz entram com cartazes com a frase escrita. A atriz, vindo depois, quando o público já percebeu e está rindo, deve ter o seu cartaz escrito com hieróglifos.)

ATRIZ: A decadência de Roma era tal que raramente uma mãe chamava a atenção da filha pra qualquer coisa que ela fizesse. Mas, mesmo quando reclamava era assim:

ATOR I: Está muito bem, Calpúrnia, até as quatro da manhã você ficou na bacanal. Mas depois, onde é que andou?”

ATOR II: Apesar disso, ainda havia escândalos. Os famosos escândalos romanos.

ATRIZ: Manchete do Roma Populorum: “Catão, o censor, foi preso ontem quando saía de um hotel de alta rotatividade acompanhado de Messalina.”

ATOR II: Pois quando estamos nesse momento brilhante da história os cristãos começam a atrapalhar tudo com sua mania de monoteísmo e condenação do sexo.

ATRIZ: Do Diário Romanorum: “Extra: Marcha de protesto sobre Roma. Spártacus exige do governo de Roma aumento de salário para seus gladiadores porque exercem atividades com perigo de vida! Quer a homologação de contratos de risco!”

ATOR I: Coluna Social. Folha da Judéia: “Madalena e várias amigas compraram todas as especiarias chegadas ao Porto Livre de Haifa e estão convidando para a última ceia dos novos cristãos à qual comparecerá o playboy de Nazareth, Jesus Cristo.”

ATRIZ: Manchete do Christian Monitor: Grande CPI na Judéia para saber quem são os pecadores subversivos responsáveis pelo levante contra Herodes e Pilatos. O culpado será crucificado.”

ATOR II: Out-door no Monte das Oliveiras: “Pilatos lava as mãos com sabonete Caracala!”

ATRIZ: Comentário de uma grã-fina patrícia depois da crucificação de Cristo:

ATOR I: (Imitando grã-fina.) “Eu gostei mais da ceia.”

ATOR II: E assim ia o Império Romano na sua esplêndida decadência, passando de pai pra filho há mais de trezentos anos, quando Nero, o inventor do monóculo, resolveu fazer uma queima geral em todo o estoque. A casa veio abaixo.

ATOR I: Nero passou à História como tarado e por isso a gente esquece seu lado bom. Basta dizer que só assassinou a mãe aos 22 anos de idade...

ATRIZ: Também mandou asfixiar Otávia no banheiro, mas isso foi justamente pra casar com Pompéia e provar que no fim o amor sempre triunfa.

ATOR I: Mas a fama de idiota de Nero vem apenas do fato de que jamais conseguia se expressar bem em latim. Ora, se fôssemos considerar pelo latim todos nós aqui presentes seríamos também completos idiotas.

ATRIZ: O fato é que, quando o incêndio de Roma terminou, tudo estava diferente. Uma patrícia dizia pra outra: “O templo de Dionísio hoje estava bárbaro!”

ATOR II: (*Afeminado*) “Hum, o Capitólio ontem estava uma barbaridade!”

ATRIZ: “Hum, a cidade está insuportável! Hoje o mercado estava cheio de bárbaros.”

ATOR I: É que, aproveitando a confusão do incêndio, os bárbaros tinham se instalado na civilização. Se instalado é modo de dizer porque os bárbaros não se instalavam em lugar nenhum. Viviam galopando de lá pra cá e de cá pra lá, impedindo a grama de crescer.

ATOR II: Durante séculos os hunos cavalgaram incansavelmente pelos prados da Europa e nada se sabe do que disseram, fizeram ou pensaram. Aparentemente não deixaram nada.

ATOR I: Também, andando a cavalo noite e dia o máximo que podiam ter deixado era um hipódromo.

ATRIZ: Os hunos, os mais bárbaros de todos os bárbaros, eram comandados por Átila, o mais bárbaro de todos os hunos.

ATOR II: Alguns historiadores dizem que foi o responsável pela queda de Roma.

ATRIZ: Outros dizem que ele apenas saiu de baixo.

ATOR I: Quando era bem pequenininho (aliás, nunca cresceu muito), Átila apelidou a si próprio de Flagelo de Deus. Flagelo de Deus, assim que nem Felipe era o Bom, Luis XIV, o sol, e Pelé, o Rei do futebol. Átila era pequeno e horrendo, mas dizem que quando estava a cavalo adquiria uma certa imponência. Mas a cavalo, pô, até eu!

ATOR II: Só gostava de uma coisa na vida – pilhagem. Horrendo e cruel quando invadia as cidades já encontrava metade da população morta de medo. Bastava matar a outra metade.

ATOR I: Era tal o terror que inspirava, que nunca ninguém lhe dirigia a palavra sem autorização. Contam até a história sinistra de um papagaio de estimação do qual ele torceu o pescoço sem dó nem piedade, só porque um dia de manhã, o pobre, desprevenido, perguntou jovialmente: (*Imitando papagaio*) “Dormiu bem, Flagelo?”

ATRIZ: Mas corre daqui, salta dali, trota de lá, cavalga de cá, galopando em todas as direções ao mesmo tempo (feito o cavalo do bêbado), os bárbaros acabaram, sem querer, abrindo mil estradas que não iam dar em lugar nenhum.

ATOR II: Mas foi por elas que começaram a aparecer, às vezes juntos, às vezes sozinhos, os cavaleiros andantes, os jograis e a Idade Média, que é mais ou menos trinta e cinco anos.

ATOR I: Foi na Idade Média que os humoristas tiveram seu momento supremo. Os bobos da corte podiam até mesmo zombar dos nobres e fazer críticas ao Rei.

ATRIZ: É bem verdade, que, como hoje, a censura de diversões estava sempre presente. E não usava intermediários. Era o próprio carrasco.

ATOR I: Por isso era muito comum um pobre jogral já estar na masmorra, numa daquelas terríveis rodas de esticar os membros, em cima de uma fogueira torrando lentamente os testículos, já sem língua, um olho vasado, dez costelas quebradas e entrar pela sala de torturas adentro um emissário esbaforido gritando pro carrasco: “Páaaara! Pára! O rei entendeu a piada!” (*Em tom profissional e conformado.*) Ossos do ofício.

ATOR II: Do Correio da Távola Redonda. Urgente:

ATRIZ: “Os barões medievais estão indignados e ameaçam retirar seu apoio ao Papa, se a corte papal continuar no propósito de eliminar o direito dos barões às primícias matrimoniais.”

ATOR I: De A Noite Medieval: “Extra: Depois de vinte anos de turismo, chegou hoje do Oriente o insigne viajante Marco Polo. Trazendo da China o macarrão, Marco Polo quer ser considerado o pai do transporte de massa.”

ATRIZ: Ensinando ao povo italiano como preparar o macarrão, Marco Polo introduz também, na Itália, a cultura de massa.

ATOR II: A HISTÓRIA É UMA ISTÓRIA!

ATRIZ: E O HOMEM É O ÚNICO ANIMAL QUE RI.

ATOR I: A Idade Média até hoje é considerada um período histórico meio devagar. Além do cinto de castidade – que trouxe incrível prosperidade para os serralheiros e deu origem ao primeiro clube da chave – a Idade Média não inventou nem sequer a classe média.

ATOR II: Só havia nobres e plebeus. Quem não era senhor ou servidor não existia.

ATRIZ: Passava a vida pelas estradas indicando o caminho onde é que era a guerra, onde é que era a festa, onde é que estava a luta do dragão com a donzela. Em suma, se o cara não era nobre nem plebeu só tinha uma saída – ser personagem de conto de fada.

ATOR I: Até hoje nem os psicanalistas conseguiram explicar porque as donzelas da Idade Média eram tão chegadas a um dragão. Podiam ser guardadas por um guarda real, um cão de caça, um eunuco, mas não: era um dragão. Tinha até candidatos a barão que prometiam nas eleições: Um dragão para cada donzela!

ATOR II: Além de dragão havia ainda ogros, bruxas, ciclopes, salamandras, gênios, duendes e outras entidades menos votadas.

ATRIZ: Mas, sem dúvida alguma, a figura mais popular da Idade Média, sobretudo entre as mulheres, era Satanás. Satanás depois disso ficou fora de moda durante quatro séculos e só voltou agora, com esses filmes de exorcistas.

ATOR I: UMA PROPOSTA INDECENTE\_\_. Só pra vocês verem o prestígio atual de Satanás, outro dia, ali em Mônaco, Monte Carlo, um banqueiro respeitável, um senhor de meia idade, saiu desesperado do Cassino e se dirigiu ao pátio dos fundos. Tinha perdido tudo que possuía, além de todas as jóias da mulher e milhares de ações de clientes do banco. Só lhe restava o suicídio. Trepou na balaustrada e ia se atirar lá em baixo, no abismo, quando alguém o tocou pelas costas e disse: “Não faça isso. Eu posso salvá-lo.” O homem desceu da balaustrada e perguntou, espantado: “Quem é o senhor?” “Eu sou o demônio”, disse o outro com os olhos brilhantes. “E repito: posso

salvar sua vida.” “Como?” disse o banqueiro duvidando, mas já interessado. Aquele negócio – a esperança é a última que morre. “Se você deixar eu possuí-lo aqui mesmo, eu, aqui mesmo também, lhe darei um milhão de dólares, o dinheiro que você necessita para pagar tudo que perdeu.” O banqueiro recuou indignado: “O que é que você está pensando? Tenho 50 anos, tenho filhos casados, uma honra e um nome a zelar. Prefiro a morte!” O outro foi frio e disse a conta em números precisos e irresistíveis: “Um milhão de dólares! pô. É só arriar as calças!” O homem hesitou. A humilhação era gigantesca, mas a tentação também e, afinal, era sua vida. O vulto sinistro aproveitou a hesitação, falou, falou, falou. Depois de uma hora de conversa, o banqueiro estava convencido. E, já com o dia clareando, o banqueiro, humilhado, arriou as calças ali mesmo, se agachou morto de vergonha e o outro – crau! – comeu-o – sem dó nem cerimônia. Depois da cena humilhante – e, pra quem é novato, dolorosa – o vulto sinistro, tranqüilamente, foi se afastando, abotoando a braguilha, quando o banqueiro o segurou desesperado: “Hei, que é que há? O meu dinheiro?” “Que dinheiro?” disse o outro, “deixa de ser idiota!” “Mas, como?” disse o banqueiro sem saber como reagir, “que é isso? Eu sei que o demônio não falta à sua palavra!” “Ah, é?” disse o vulto sinistro, “eu também sei! Mas você, um banqueiro casado e pai de filhos, um homão desse tamanho, ainda acredita no demônio?”

ATOR II: É meia noite no inferno

Dormem e roncam todos os condenados  
Enquanto capetinhas e diabetes  
Ressonam do outro lado.

ATRIZ: Satã, o velho puritano

O recatado  
Se encolhe a um canto  
Amargurado  
Folheando revistas com jovens em biquíni  
Lembrando do passado  
Quando um joelho à mostra  
Era pecado.

ATOR II: Pois é, quando os medievos estavam no bem bom daquela ignorância, esbarraram com a sabedoria oriental dos árabes.

ATRIZ: Os árabes entraram em cena com uma coisa realmente popular, uma coisa que colou logo – a goma-arábica!

ATOR I: Uns gênios! Ao contrário dos romanos, que inventaram os algarismos romanos, que são apenas letras do alfabeto fazendo biscate na matemática, os árabes inventaram os algarismos arábicos, que trabalham por conta própria.

ATOR II: Podiam ter inventado os algarismos paraguaios, espanhóis, suecos. Mas não, foram arábicos. E por quê?

ATOR I: Porque os árabes perceberam que estavam no limiar de novos tempos e só com esses algarismos o mundo teria meios de multar os automóveis estacionados em local não permitido e ligar o telefone pro quitandeiro. Pois se não fossem os árabes, a gente estaria até hoje ligando telefones com algarismos romanos. Isto é, a gente ligava 246-5151 e a empregada atendia do lado de lá: “Alô, aqui fala miqimiqui-vi-xixi!” Não dava!

ATRIZ: Além disso, só com os números arábicos foi possível uma pessoa saber com quantas maçãs fica quando tem oito, dá duas ao primo e três ao amante e em quantos dias um operário faz um muro de 7.453 metros sabendo-se que ele mora em Niterói, trabalha oito horas por dia, faz seis metros e setenta e cinco centímetros de muro por dia e se chama Alberto de Sá Braga e Souza.

ATOR II: Mas, se vocês pensam que os árabes ficaram só nisso estão muito enganados: inventaram o transporte aéreo com o tapete voador e o sexo grupal na proporção de um homem pra cada dez mulheres. Até o nome disso pegou: poligamia.

ATRIZ: Criaram também o teatro de revista com um número sensacional: a dança do ventre, número esse que Maomé aproveitou na sua religião prometendo um paraíso cheio de huris, que eram as garotas do teatro rebolado dos muçulmanos bem-aventurados.

ATOR I: Os árabes vendiam também lâmpadas que, além de iluminar as casas, davam direitos a magníficos brindes – Quem comprava seis tinha direito a uma com gênio eletrodoméstico.

ATOR II: Criaram ainda: as paredes móveis a ultra-som. Era só chegar e gritar bem alto: “Abre-te Sésamo!” “Abracadabra!” e a porta da garagem abria automaticamente. Coisa igualmente sensacional, podendo ser adquirida em qualquer feira de Bagdá, eram as maravilhosas escravas *video-tape* que contavam histórias durante mil e uma noites, sem interrupção. As melhores eram da marca Sherazade.

ATOR I: Porém o mais misterioso nos árabes, pensando bem, é que, enquanto faziam tudo isso, eles, na moita, iam economizando petróleo para sacanear o mundo ocidental em 1974. Malandrice!

ATRIZ: Mas aí, como o mundo já estava muito pequeno, portugueses e espanhóis resolveram descobrir outras terras.

ATOR I: Vocês não vão acreditar. Mas houve um tempo em que a América não era rica nem tinha Coca-cola.

ATOR II: Os descobridores pensaram que ela fosse mais pobre ainda. Por isso chamaram todos os americanos de índios.

ATOR I: Por favor, não me perguntem de que é que os índios chamavam os descobridores.

ATRIZ: Como é que os descobridores conseguiam descobrir alguma coisa com aqueles mapas de antigamente é um mistério. Pois nada era mais diferente do mundo do que um mapa-múndi.

ATOR I: Contam até que um primo de Pedro Álvares Cabral estava perdido com sua caravela no meio do oceano Pacífico. Afinal, um dia, desesperado, ele reuniu a marujada toda, abriu um mapa na frente da marujada e disse: “Pessoal, tá aqui, ó; acabou a comida, acabou a água, acabou tudo. Estamos navegando firme na direção desse pontinho aqui, tão vendo? É nossa última esperança. Se for uma ilha estamos salvos. Agora, se for uma cagada de mosca, estamos fodidos!”

ATRIZ: Mas a grande bolação em matéria de descobrimento foi mesmo a de Colombo. Como não tinha dinheiro, saiu conversando todo mundo que encontrava, garantindo que depois pagava com a venda de pimentas,

bananas, pau Brasil e escravos, que pretendia trazer das Índias. Mas ninguém acreditava no negócio.

ATOR II: Até que um dia um amigo lhe deu uma carta de recomendação para a Rainha Isabel.

ATOR I: (Lendo) “Querida amiga Rainha; por meio desta estou lhe apresentando meu amigo Cristóvão Colombo. É um homem que, quando quer, ou vai ou racha. Ultimamente tem rachado muito, mas, mesmo assim, gostaria que lhe arranjasse um empreguinho qualquer aí no seu império. Como sei que você e o Fernando estão trabalhando num plano de expansão, acho que o rapaz lhe poderá ser muito útil. A profissão dele é descobridor. Todo mundo que o tem contratado tem ficado muito satisfeito com o trabalho dele. Até hoje tudo que ele descobriu continua descoberto.”

ATRIZ: Depois que a rainha leu a carta, Colombo lhe explicou que desta vez pretendia pura e simplesmente descobrir a Índia, com todas as suas vacas sagradas.

ATOR II: Aí a rainha lhe perguntou: “Mas, meu caro Colombo, tem sentido descobrir um continente sem luz, sem água encanada, sujo e tão fora de mão?” Colombo aí entrou com aquela história de que terra é sempre terra, tende sempre a se valorizar e, depois de uma noite de conversa, a rainha se levantou da cama, hipotecou as jóias e emprestou todo o dinheiro de que ele precisava.

ATRIZ: Colombo saiu do palácio contentíssimo e disse pros amigos: “Mesmo que eu não descubra nada no outro lado do mundo, acabei de bolar uma coisa definitiva: as viagens a crédito.”

ATOR II: Composição Infantil: Colombo.

ATOR I: “Colombo era casado com a princesa Isabel e teve três filhos: Santa Maria, Pinta e Nina. Um dia disse que ia descobrir a América e resolveu pedir dinheiro emprestado à rainha que lhe emprestou. Aí ele partiu no meio de muita gente que acreditava que a América não existia, exceto, naturalmente, Américo Vespúcio. Viajaram tanto tempo que, afinal, quando todo mundo já estava bem desanimado, os marinheiros chegaram perto dele e disseram que

ou ele descobria a América logo ou voltavam todos pra Europa. Aí Colombo não teve outro remédio – botou um ovo em pé e descobriu a América!”

ATRIZ: A sério, eu lhes conto como foi: Colombo viajou meses e meses. Depois de um ano, como não havia nenhum sinal de terra, Colombo percebeu que começava a perder a autoridade. Percebeu isso por alguns sinais sutis mas sintomáticos: marinheiros já sentavam na sua cadeira de comandante sem pedir licença. Outros, mais audaciosos, já chamavam ele de Cris. E outros, ainda mais audaciosos, em certas ocasiões faziam uma risca de giz no convés, e só deixavam Colombo passar mediante um pedágio.

ATOR I: Até que, certo dia, um dos marinheiros mais ferozes (aquele negócio, vocês sabem, mão de gancho, perna de pau, olho de vidro) pegou Colombo pela gola e vociferou: “Olha aqui, ô meu! Já passamos por essa mesma onda mais de vinte vezes. Ou você descobre logo a bosta desse continente ou nós te cobrimos de porrada aqui mesmo.” Que é que vocês fariam no lugar de Colombo?

ATOR II: Descobriu qualquer coisa, provou que a terra era redonda e possibilitou as viagens ao redor do mundo.

ATOR I: Depois dessa viagem Colombo fez várias outras tentando descobrir as Índias mas continuou descobrindo a América até o fim de seus dias. Acabou mal, preso e miserável. É por isso que a maior parte das pessoas prefere viver no anonimato.

ATRIZ: Valladolid. Urgente: “Isabel de Castela, depois que financiou as viagens de Colombo, tem sido assediada pelas mais estranhas propostas. O último a fazer pressão sobre a rainha é um velho moralista chamado Don Quixote que garante à rainha que vai ser o primeiro espanhol a ir à lua a cavalo.”

ATOR II: Os portugueses, que não eram bobos, foram na onda dos espanhóis e nessa maré mansa, que eles chamaram de calmarias, descobriram o Brasil.

ATOR I: Sabe-se hoje que Cabral descobriu o Brasil por quatro razões fundamentais: 1º) Porque, chegando diante daquelas terras gigantescas, não havia outra coisa a fazer. 2º) Porque a Academia Portuguesa de Letras estava doida para fazer o acordo ortográfico. 3º) Porque o Brasil tinha as costas

largas. 4º) Porque tinha atingido o point-of-no return, aquele lugar donde não se volta e, ou Portugal descobria o Brasil, ou o Brasil descobria Portugal.

ATRIZ\_: No Brasil os portugueses deixaram algumas coisas definitivas: o português com sotaque, a piada de português, a mulata e a Comissão Executiva da Mandioca.

ATOR II: Mas, enquanto as caravelas transavam pelos mares nunca dantes navegados, a imprensa, que tinha sido inventada pouco antes, provocava outras invenções.

ATRIZ: Só depois da imprensa foi possível a Lord Sandwich inventar o sanduíche. Antes não tinha como embrulhar.

ATOR I: Segundo os poderosos, a imprensa teve conseqüências nefastas: A corrupção (antes não havia corrupção). O abuso do poder (antes ninguém abusava). A tortura, o aumento dos gêneros de primeira necessidade e, pior do que tudo, a imprensa trouxe essa maldita mania de liberdade de imprensa!

ATRIZ: E, com a difusão de idéias através da imprensa, os costumes aí pelo século XVII se tornaram inacreditavelmente dissolutos. Mais um mistério: como é que as pessoas conseguiam ser dissolutas com toda aquela roupa?

ATOR II: Os ingleses, na onda dos espanhóis, na maré dos portugueses, e nas águas dos holandeses, organizaram muito bem seu corpo de exploradores. Exploradores, como o nome indica, eram pessoas que saíam por aí explorando o mundo inteiro. Parece incrível, mas durante vários séculos foi muito bacana ser explorador.

ATOR I: Até que apareceram os desgraçados dos comunistas e começaram a chamar os exploradores urbanos de exploradores do povo e os exploradores do mato de colonialistas exploradores, mas, pô, também, assim, com ofensa, não vale!

ATRIZ: Nessa época tinha uma coisa boa: as classes sociais estavam muito bem arrumadinhas. Cada um se vestia, andava, agia, morava e comia de acordo com sua própria classe e não era essa esculhambação de hoje onde ninguém conhece o seu lugar.

ATOR I: Naquela época, quando os carrascos tinham que cortar cabeças, bastava escolher pelas roupas dos donos. Não havia o perigo de, por engano, decapitarem um pobre diabo qualquer. Esses morriam no anonimato mesmo.

ATOR II: Falar em pobre diabo, era um tempo em que as ruas viviam cheias de cegos, mutilados, muito leproso, muito aleijado. Ainda não tinha aparecido o câncer, doença realmente democrática, que ataca também os ricos.

ATRIZ: As cidades eram péssimas, mal calçadas, fedorentas. Na rua o transeunte corria o risco de, a qualquer momento, levar um banho de alguém que esvaziava um tonel do alto de uma janela, sem nem dizer “Água Vai!”

ATOR I: Aliás a expressão “Água Vai!” era totalmente imprópria pois o que aqueles tonéis menos tinham era água.

ATOR II: E como as ruas eram escuras, as construções lastimáveis e os caminhos intransitáveis, os assaltantes prosperavam. Mas fizeram surgir também, cheios de prestígio e romantismo...

ATOR I: *(Depois de mil demonstrações de esgrima)*... a esgrima e os espadachins!

ATOR II: *(Enquanto o outro representa)* Para ser espadachim a pessoa tinha que saber lutar saltando em escadas, pulando de janelas, escalando sacadas, balançando das cortinas, nadando com um braço só em fosso de jacarés e muitas outras cinematografias.

(CANÇÃO) *(Para ser cantada por um só, ou pelos três em conjunto, uma parte cada um. A ser decidido pela direção e competência específica dos atores.)*

A França em mil seiscentos e vinte e cinco  
Era um gato num telhado quente de zinco  
Quem saltava num pé o outro pé queimava  
Quem dava uma paulada outra paulada levava  
O rei combatia o cardeal.  
O cardeal guerreava o rei.  
A milícia do rei era o código penal

A do cardeal representava a lei  
Os dois combatiam o espanhol  
O espanhol enfrentava os dois  
Os burgueses batiam nos ladrões  
Os lacaios roubavam dos senhores  
Os mendigos furtavam todo mundo  
E os lobos comiam o que sobrava.  
Oh, que vida feliz a da França de um dia  
Todo mundo fazendo o que bem não entendia  
Era olho por olho, não havia oculista  
Era dente por dente e ninguém ia ao dentista  
Mas não há mal que perdure  
Nem bem que resista  
Quando surge o diabo  
De um idealista  
Charles de Batz e Montesquieu  
Natural da Gasconha  
Era um tipo atrevido  
E também sem-vergonha  
Para facilitar a glória de amanhã  
Mudou seu nome para D'Artagnan.

ATRIZ: Na Gasconha, o pai de D'Artagnan dá a seu filho conselhos da mais elevada moral, da mais reta nobreza.

ATOR I: (Bem velhinho, para o filho, D'Artagnan) Vai, D'Artagnan, meu filho, a glória é tua. Aproveita o dia, cada dia, que a vida é muito breve. Vai, monta e vai. E imprime na memória os poucos conselhos que te dou: 1º) Cuida do teu carácter. Um homem é um homem. Um rato um animal nojento. Ninguém deve duvidar de ti mas também não deve confiar acima do que é humano. Se você estabelecer um padrão impecável, qualquer falha será considerada um crime horrendo. E, por ser assim, bebe, joga, e, sobretudo, ama. Lembra: Quem se mata de trabalhar merece mesmo morrer. Seja distinto e nobre, mas nunca temas a vulgaridade. Viver é o que há de mais vulgar mas mesmo o rei e o cardeal não abrem mão dessa vulgaridade. Dá um boi pra não entrar numa briga. E dá uma boiada pra sair dela. Antes que digam que foi fuga proclama que foi estratégia. Os homens acreditam mais no rótulo do que no conteúdo das garrafas. Se te impuseres ao valente logo de início poderás te dar ao luxo

da covardia a vida inteira. Nunca te esqueças – o dinheiro não é tudo. Tudo é a falta de dinheiro. E acima de tudo, meu filho, não confie em ninguém com mais de trinta anos. Aliás, como medida de segurança, não confie também em ninguém com menos de trinta anos.

ATRIZ: O cavalheirismo, com seus mosqueteiros e espadachins de várias origens, trouxe conseqüência curiosíssima: a honra manchada.

ATOR II: Por qualquer besteira um fidalgo se voltava pro outro e dizia que ele tinha manchado a sua honra ou a honra de sua dama, o que era ainda pior, porque, com todas aquelas roupas, parece que a honra das damas era mais difícil de lavar.

ATRIZ: Mas, em vez de, como seria natural hoje em dia, o fidalgo mandar sua honra pra lavanderia...

ATOR I: A gente é realmente maduro no dia em que aceita que viver é mandar quatro camisas pra lavanderia e só receber três de volta – uma rasgada e duas sem botão.

ATRIZ: Pois é: o fidalgo só considerava sua honra limpa quando ela era lavada com sangue! Ahaargh arargh!

ATOR I: Sangue lava mais branco!

ATOR II: Aproveitando a inflação de honra ultrajada, a dissolução dos costumes e os fatos dos porões ainda não estarem ocupados por boates grã-finas, o povo se reunia nesses porões e propunha revoluções populares.

ATRIZ: A palavra revolução, no século XVIII, estava em todos os lábios, tanto superiores quanto inferiores.

ATOR I: O povo tinha descoberto uma verdade acaciana: se o rei, sendo um só, podia cortar muitas cabeças era mais fácil ao povo, que tinha muitas cabeças, cortar a do rei, que era uma só.

ATRIZ: Bem, no meio disso tudo, pintores pintavam, compositores compositavam e filósofos filosofavam.

ATOR I: Às vezes os filósofos pintavam e os pintores filosofavam mas o resultado já não era tão bom. Cada macaco no seu galho.

ATRIZ: Vaticano Times: Urgente: Miguel Ângelo, cujos trabalhos foram recusados na Bienal de Nápoles, foi preso quando pintava nos muros da cidade dísticos dizendo: 'Abaixo os pre-rafaelitas'."

ATOR II: Diário de Florença: "Extra: Leonardo da Vinci preso quando empurrava um rapazinho pela janela do seu atelier, em experiências aeronáuticas, declarou na polícia: 'Estava apenas dando asas à imaginação'."

ATRIZ: Interrogado pela imprensa, Leonardo aproveitou para registrar também alguns conceitos definitivos sobre arte:

ATOR I: Leonardo: "Muitas obras consideradas primas estão apenas penduradas de cabeça para baixo."

ATRIZ: Leonardo: "As poucas pessoas que examinam um quadro com atenção estão apenas querendo que as outras pessoas reparem que elas estão examinando um quadro com atenção."

ATOR I: Leonardo: "A moldura que serve prum quadro vagabundo serve também pruma obra-prima desde que o tamanho das duas obras seja o mesmo."

ATOR II: Os músicos também brilhavam em toda parte.

ATRIZ: Beethoven, um dia, num momento de exaltada ternura, deitado na cama com sua empregada e amante, disse pra ela: "Agora, meu bem, vamos dar a quinta." E a empregada: "Ahnahnahanahana!" (*Riso imitando a entrada da Quinta Sinfonia.*)

ATOR II: Schubert, amante ardoroso, também quis seduzir a empregada que espanava os móveis de estúdio, enquanto ele compunha ao piano. A empregada resistiu, resistiu, mas afinal, prometeu: "Tá bem, eu dou, seu Schubert. Mas, por favor, primeiro acaba a sua sinfonia."

ATOR I: O Estado de Viena: “Urgente: Estudiosos encontraram documentos nos quais Mozart deixou anotado que seu pai espirrava em dó maior e sua mãe tossia sempre em lá sustenido. Parece que apenas a ausência da permissividade da época, ou respeito filial, impediram Mozart de registrar o tom e a nota de ruídos mais íntimos emitidos pelos progenitores.”

ATOR II: A HISTÓRIA É UMA ISTÓRIA!

ATOR I: E O HOMEM É O ÚNICO ANIMAL QUE AINDA RI.

ATRIZ: Enquanto os artistas criavam, os filósofos pensavam ferozmente:

ATOR II: Pascal: “A liberdade é uma esfera cujo centro está em toda parte e cuja circunferência não está em parte alguma.”

ATOR I: Voltaire: “O desespero não ganha batalhas.”

ATRIZ: Borsuet: “Tem sempre um mais idiota pra seguir um idiota.”

ATOR II: Jean Jacques Rousseau: “Precisamos voltar à natureza.”

ATOR I: Voltaire:(*Imita velho*): “Apóio e aplaudo as idéias do senhor Rousseau. Infelizmente eu já estou muito velho pra andar de quatro.”

ATRIZ: Enquanto isso os enciclopedistas trabalhavam violentamente, advinhem em quê?

ATOR I: Isso mesmo. Ganhou quem disse “na Enciclopédia”.

ATOR II: A Enciclopédia ensinava tudo, principalmente como se construir uma guilhotina bem barato, no fundo do quintal.

ATOR I: É por essas e outras que Goebels diria, muito tempo depois: “Falem-me em cultura e eu puxo logo a minha Luger.” E Jean-Luc Godard dizia, ainda mais tempo depois: “Falem-me em cultura e eu puxo logo o meu talão de cheques.”

ATRIZ: Com a Enciclopédia todo mundo podia ser pedante, sem sair de casa. Tão pedante que foi nessa época que o homem passou a se denominar de Homo Sapiens.

ATOR II: Inclusive as mulheres.

ATOR I: E no meio de toda essa onda o mundo inteiro só falava em *Liberté*, *Egalité* e *Fraternité*, que, depois ficou provado, eram três mulheres reconhecidamente de má vida.

ATRIZ\_: Estocolmo. “Urgente: O parlamento sueco está votando hoje a permissão para a prática do incesto.”

ATOR I: É isso aí, bicho – afinal vamos ter mais liberdade na fraternidade.

ATRIZ: O povo estava maduro, os políticos estavam maduros, os militares estavam a postos, tudo estava preparado. A revolução estava prontinha mas, por uma questão de respeito à História, todo mundo teve que continuar esperando até 1789.

ATOR II: Tranqüilos, os ricos continuavam ganhando a vida honestamente, isto é, botando os pobres pra trabalhar.

ATRIZ: Mas os pobres, indóceis, de tanto ouvir falar em igualdade começaram a reivindicar comer os repolhos que eles próprios plantavam. Aos olhos ignorantes do povo, isso, muitas vezes, parece uma coisa natural.

ATOR I: Porque povo, é claro, não entende picas de teoria de mercado nem de balança de pagamentos.

ATRIZ: De vem em quando ainda aparecia um filósofo querendo barrar a onda, como Lavoisier, provando que todo mundo, para sobreviver, consumia oxigênio do ar. O povo, sabendo disso, procurava respirar mais fundo do que os ricos, pra consumir da única coisa grátis. Como, porém, ar só enche pulmões, não enche estômago, um dia o povo começou mesmo a cortar cabeças, a torto e a direito.

ATOR I: Os historiadores, por fora, como sempre, teimavam em dizer que o povo tinha perdido a cabeça.

ATRIZ: Nada disso, tinha apenas descoberto os altos ideais.

ATOR I: Do Paris-Hebdô: “Urgentíssimo: Telegrama do Brasil informa que, em declaração conjunta e oficial, a linha dura brasileira considerou moderadíssima a ação do Terror durante a Revolução Francesa.”

ATOR II: Nessa época, todo pensador era francês, todo inventor era francês, toda arquitetura era francesa, toda roupa era francesa. Até a corrupção francesa era copiada em todo mundo.

ATOR I: Como dizia Luís XV para madame Pompadour: “Afinal, querida, eu, na tua vida, sou o Luís XIV ou o Luís XVI?”

ATRIZ: Paris, Figaro. Coluna Social: “O Rei Luís XIV, já bastante conhecido de nossa crônica como Rei Sol, abriu em Londres, junto com Voltaire e Diderot, uma elegante boutique para lançamento da nova criação do refinadíssimo rei: O Sapato Luís XV.”

ATOR II: Os intelectuais contra os políticos, o rei contra o povo, o povo contra o exército, a França nesse momento tinha tantas lutas intestinas que, para sobreviver, foi obrigada a inventar o supositório.

ATOR I: Aí começaram as guerras napoleônicas que só existiram, é claro, por causa de Napoleão. Muita gente confunde Napoleão com o Lord Nelson mas há uma diferença fundamental: além de Lord Nelson ser o mais naval dos comandantes ingleses, Napoleão é assim (*braço direito enfiado no dólman*) e Nelson é assim (*braço esquerdo na tipóia*).

ATRIZ: Ilha de Elba. “Extra: Napoleão Bonaparte enviou hoje violento comunicado às Nações Unidas, pedindo a revogação da Batalha de Waterloo. Junto com sua carta seguiram documentos provando que os cavalos ingleses estavam todos dopados”

ATOR I: Vocês já devem ter percebido que o mundo antigo vivia sempre em guerra. Os homens ainda não tinham descoberto a paz pelo terror. Era Guerra

de Tróia, Guerra Santa, Guerra das Rosas, Guerra dos Cem Anos, Guerra dos Trinta Anos, Guerra do *catzo* a quatro. Mas havia uma diferença fundamental entre as guerras antigas e as de hoje. Quando uma guerra terminava, antigamente, ou vencia um lado ou vencia o outro. Não era como hoje; dois países lutam ferozmente e, quando a guerra acaba, ou venceu os Estados Unidos ou venceu a União Soviética.

ATRIZ: Falar nisso, foi nesse preciso instante que os americanos entraram em cena (*música típica de filme heróico*) com seus bravos marines, o general Custer e John Wayne.

ATOR I: Como falavam inglês muito mal, os americanos acabaram não conseguindo se entender com os ingleses e tiveram que fundar os Estados Unidos. Deu um dinheirão!

ATOR II: Fizeram a primeira Declaração dos Direitos do Homem. Com ela na mão foi fácil exterminar os índios.

ATRIZ: Dodge City Daily: “Protestando contra a invasão das pradarias do *far west* e a morte de dez mil búfalos pelo caçador furtivo William S. Cody, apelidado Búfalo Bill, o cacique Touro Sentado enviou a Abraão Lincoln, o presidente cara pálida, uma agressiva mensagem de protesto com imensos tufos de fumaça.”

ATOR I: Abraão Lincoln, que vivia cortando lenha em cabanas de madeira, diante desse e de outros protestos que se acumulavam, declarou a guerra de secessão e inventou a raça negra. Uma coisa sobre Lincoln. Ele é famoso porque, de modesto lenhador, chegou a presidente. Mas depois dele, nenhum outro lenhador chegou à presidência. Moral: Ser lenhador não é o caminho.

ATOR II: Lincoln deixou a todos os governantes do mundo aquela famosa lição política e democrática: “Não se pode enganar todas as pessoas todo o tempo.”

ATRIZ: Mas não custa tentar.

ATOR I: No Brasil, aproveitando a onda de liberalismo internacional, a princesa Isabel liberou os escravos, assinando a Lei Áurea; em suma, botou o preto no branco.

ATOR II: Mas até hoje o branco continua botando no preto.

ATRIZ: A Guerra de Secessão foi uma gigantesca guerra civil, isto é, guerra em que militar não entra.

ATOR II: Então, do outro lado do Atlântico, os ingleses, um povo muito industrioso, resolveu criar a Revolução Industrial.

ATOR I: As indústrias eram, a princípio, muito modestas, funcionando num andar só. À proporção que as indústrias cresciam os industriais iam botando em cima mais andares, não só por necessidade mas, sobretudo, pra poder dizer pros filhos, na hora do jantar: ``Meu filho, eu comecei por baixo.”

ATRIZ: Daí, ao “Meu filho, um dia tudo isso será teu” foi apenas um passo.

ATOR II: Há historiadores que chamam esse período de Revelação Industrial. Pois foi de fato uma revelação o dia em que a indústria vitoriana percebeu que mulheres e crianças conseguiam trabalhar 28 horas por dia sem morrer e sem ficar excessivamente deformadas.

ATOR I: Isto é: morriam e ficavam deformadas, mas a imprensa não se interessava muito por isso na época: não era notícia.

ATRIZ: É claro que a Revelação Industrial nunca teria existido se Arkwright não tivesse criado o tear múltiplo.

ATOR I: Genial, o tear múltiplo. Mostrava que 17 moças pedalando noite e dia num mesmo tear com salário de fome conseguiam produzir cem vezes mais do que uma só moça pedalando dia e noite um tear normal com salário de fome.

ATOR II: Apareceram então os reformistas e conseguiram modificar as leis, obrigando os donos das fábricas a dar comida de graça aos trabalhadores com menos de 8 anos de idade.

ATOR I: Foi um ato extremamente humanitário que possibilitou às crianças produzirem mais.

ATRIZ: O trabalho das mulheres e crianças tinha ainda a vantagem de permitir aos homens, frustrados e miseráveis, irem pro bar encher a cara e depois espancar a família ao chegar em casa. A humanidade avançava.

ATOR II: O mundo adquiria uma velocidade incrível. Edson inventou a eletricidade e a conta da Light.

ATOR I: Do Filadelfia Post. “Urgente: Quando soltava um papagaio, o tipógrafo Benjamim Franklin, sem querer, descobriu o pára-raio. Surpreso declarou à imprensa que estava tentando inventar a antena de televisão.”

ATRIZ: Pasteur inventou o micróbio, tão pequenininho que um monte deste tamanho ninguém vê.

ATOR II: As figurinistas francesas inventaram o sutiã.

ATOR I: Bastava a invenção do sutiã pra provar que as mulheres são mais mentirosas do que os homens.

ATRIZ: Diário de Milano: “Tomou conta de toda a Itália a greve dos trabalhadores de fiação contra o novo invento de Marconi, o telégrafo sem fio.” (*Lendo melhor*) Está mal escrito aqui, não sei se é Marconi ou Macarroni.

ATOR II: Inacreditável maravilha, o telégrafo sem fio. Economia de papel, economia de transporte, economia de palavras.

ATRIZ: O telégrafo não só intensificou a comunicação como deu imensa concisão ao estilo.

ATOR I: Da noite pro dia o mundo passou do estilo rococó: “Faz já um mês que não vislumbro tua efígie e aguardo com ânsias n’alma o momento de estreitar-te em meus braços num amplexo terno e morno.” – pra “Chego amanhã. Abraços.” (*Pronunciar “abraços”*)

ATRIZ: Com o sucesso da eletricidade os negociantes concorrentes exigiram de Watts que ele inventasse alguma coisa a todo vapor. Watts pensou, pensou e, naturalmente acabou inventando o próprio vapor. Fulton pegou a chaleira de

Watts, colocou rodas nela e inventou o trem atrasado, os desastres da central, o rolo compressor político e o cisco no olho.

ATOR II: Só muito mais tarde, com o advento dos trens elétricos, apareceria o quilowatt no olho.

ATRIZ: E logo vieram as máquinas de costura, a fotografia e as poses para fotografia, o telefone...

ATOR II: Mais um mistério que os cientistas não conseguiram desvendar. Por que é que sempre que a gente liga um número enganado ele nunca está ocupado?

ATOR I: O telefone trouxe consigo conseqüências sensacionais: a linha cruzada, o trote telefônico e a lista telefônica que é um livro com muito personagem e pouco enredo.

ATRIZ: E já está historicamente provado que o telefone é o principal responsável pelas guerras em que se metem os Estados Unidos.

ATOR I: Explico: Só Nova York tem 14 milhões de habitantes. Há, na cidade, um telefone para cada dois habitantes. Isso faz sete milhões de telefones. Cada assinante de telefone recebe anualmente três catálogos de telefone: um nominal, um comercial e um de endereços. Cada catálogo tem, aproximadamente, 4.000 páginas. Assim, os vinte e um milhões de catálogos perfazem 84 bilhões de páginas. Cada início de ano ressurge, sempre, para os Estados Unidos, o grave problema do que fazer com os vinte e um milhões de catálogos que vão ser substituídos. A solução que, a princípio, parecia impossível, foi encontrada há muitos anos. Os Estados Unidos entram numa guerra, os Estados Unidos ganham a guerra (os Estados Unidos ganham todas as guerras, exceto, a do Vietnam, a da Baía dos Porcos, a do, bem, deixa pra lá) e, quando os heróis voltam, o povo, entusiasmado, rasga em pedacinhos os 21 milhões de catálogos e atiram todos os pedacinhos pelas janelas em cima dos heróis. Tá explicado?

ATRIZ: Depois do telefone surgiu o saco de água quente, a dentadura postiça, o olho de vidro, a perna mecânica e um gênio inventa o avião.

ATOR II: Vocês sabem o que é o avião? – uma máquina voadora que, entre uma guerra e outra, transporta alguns passageiros.

ATRIZ: Vinicius de Moraes: “Por que eu tenho medo de avião? Pô, mais pesado do que o ar e motor a explosão!” Delfim Neto: “Por que eu tenho medo de avião? Eu sei que cada peça do avião é comprada em concorrência pública!”

ATOR I: Detroit. “Urgente: Depois de mais de 50 anos de serviços, a Empresa de Luz e Força local demitiu, a bem do serviço, três velhos funcionários: Alexandre Volta, Roberto Fulton e Thomas Alva Edson.”

ATOR II: Inventados os meios de locomoção moderna os homens começaram a se locomover modernamente.

ATRIZ: Sobretudo os ricos, que adoram mudar o ócio de paisagem. Com tudo isso, foi havendo mais liberdade: as mocinhas podiam ficar mais tempo sozinhas com os noivos.

ATOR II: E as senhoras, nas viagens, também podiam ficar mais tempo com os noivos das mocinhas.

ATRIZ: Entrou em moda o *picnic*, que foi o começo moderno da permissividade.

ATOR I: Veraneio, quantas sacanagens se fizeram em teu nome!

ATRIZ: A permissividade deu origem à mãe solteira.

ATOR I: Sempre fui totalmente a favor da mãe solteira, pelo simples motivo de que sou totalmente contra o pai casado.

ATOR II: Tendo aprendido a ler, e escrever, e a falar mal do governo...

ATOR I: “*Piove, governo ladro!*”

ATOR II: ...E tendo à sua disposição todos os meios de comunicação, o povo descobriu que não precisava mais ir muito longe pra bancar o idiota. Já podia

ser roubado por países cada vez mais distantes. Para isso é que surgiram os grandes benfeitores da humanidade:

ATOR I: Rockefeller, que fez uma imensa fortuna em petróleo, descoberto no fundo do seu quintal, em Campos. Antes do Rockefeller todo mundo achava o petróleo fedorento. Foi ele que transformou aquilo numa coisa refinada. Aproveitou estar com a mão na massa e fundou o monopólio.

ATOR II: Vanderbilt, que aprimorando a idéia humanitária de Rockefeller, inventou os trustes e cartéis e pronunciou a famosa frase: “O público que se foda!”

ATRIZ: Carnegie, do célebre Carnegie Hall, que não só tinha uma têmpera de aço como ganhou uma fortuna com isso. Foi graças a ele que o aço substituiu a madeira em quase tudo no mundo, exceto, naturalmente, nas árvores. Mas a gente chega lá, chega lá.

ATOR II: Ford, que conseguiu que o automóvel substituísse o cavalo em tudo, exceto, também, naturalmente, na sede social do Jóquei Clube. Ford foi o criador dos sinais de tráfego, da contra-mão, dos atropelamentos, da hora do rush e das maravilhosas multinacionais.

ATOR I: Aí, com o aparecimento do biquíni e da minissaia, os homens que, durante todo o século XIX e começo do século XX, viviam discutindo pra saber se as mulheres possuíam ou não pernas, tiveram a maior surpresa da história: as mulheres não tinham apenas pernas! Tinham também coxas, bundas e xoxotas! Um barato! Um barato!

ATRIZ: Foi a milagrosa redescoberta do sexo.

ATOR I: O sexo dominou tudo através da publicidade.

ATOR II: Mas a publicidade acabou por dominar o sexo.

ATOR I: Meu amigo, está abatido, cansado, mole? SEXO levanta sua moral, tonifica seus músculos. Não fique depauperado.

ATOR II: SEXO pode ser usado a qualquer hora, sem prescrição médica.

ATRIZ: Em casa, na rua, ou no escritório, tenha SEXO sempre à mão. SEXO em várias formas e sabores.

ATOR I: SEXO é recomendado para todas as idades. Os mais velhos devem usá-lo pelo menos três vezes ao ano. Os mais moços quatro vezes ao dia.

ATOR II: Sem SEXO as crianças não crescem.

ATOR I: Mesmo que o senhor seja muito, muito idoso, a simples visão do SEXO reativa a memória e enrijece os músculos.

ATRIZ: Se sua senhora anda irritada é porque está com carência de SEXO. Dê-lhe meia hora antes de dormir e ela terá de novo um sono leve e reparador.

ATOR II: SEXO engorda as mulheres.

ATRIZ: SEXO pode ser encontrado em qualquer parte e está ao alcance de qualquer um.

ATOR II: SEXO noite e dia dá saúde e alegria.

ATOR I: SEXO, por via oral ou intramuscular.

ATRIZ: SEXO, em vários tamanhos e formatos, nas cores branco, preto e mulato. Agite bem durante o uso.

ATOR II: Não se deixe enganar por similares. SEXO é absolutamente indolor.

ATOR I: SEXO: Liberado pela censura para todas as idades depois das 22 horas. E cuidado com as imitações – SEXO só existem dois.

ATRIZ: O homem que melhor manuseou o sexo...

ATOR II: No bom sentido!

ATOR I: ...foi Sigmund Freud.

ATOR II: A maior descoberta de Freud foi o EGO.

ATRIZ: O EGO é a única coisa que vaza por cima.

ATOR II: Freud teve uma filha, Ana Freud.

ATOR I: Essa, sim, era Freudiana!

ATOR II: O maravilhoso invento do cinema registra pela primeira vez o homem em movimento, documenta a vida em sua totalidade. Hoje, por exemplo, quando dizem que os operários ainda são explorados, basta você projetar um filme velho pra verificar que antigamente era muito pior. Os operários saíam e entravam nas fábricas muito mais depressa e eram obrigados a trabalhar numa velocidade que hoje não seria permitida por nenhum sindicato.

ATOR I: É, O HOMEM É O ÚNICO ANIMAL QUE RI.

ATRIZ: E como a História é uma história, ela segue um caminho às vezes determinado e inexorável, às vezes é fruto do acaso mais estranho e banal. Em 1920 o tranqüilo e liberal Alexandre, da Grécia, foi mordido por um macaquinho de estimação e morreu vítima de envenenamento sangüíneo. Um plebiscito nacional faz subir ao trono o príncipe Costantino que, imediatamente, inicia uma guerra contra os turcos na qual morrem 250.000 pessoas. Churchill disse: “Duzentas e cinqüenta mil pessoas mortas por uma mordidinha de macaco.”

ATOR I: Nesse ponto, diante da orgia de modificações, invenções, e tabus destruídos, alguém, de repente, levou a mão ao queixo e pronunciou aquela frase memorável: “Deus do céu, onde é que nós vamos parar?” Mas não pensem que era uma frase com sentido moral ou filosófico não. É que realmente, a essa altura, tinha se tornado realmente impossível estacionar um automóvel.

ATRIZ: E com a Segunda Guerra Mundial, depois da qual Hitler conseguiu fazer com que o mundo inteiro adotasse a sua idéia dos campos de concentração... (embora não conseguisse provar que o sangue azul pasteurizado era o melhor do mundo), o mundo começou a rasgar pelas costuras...

ATOR I: Antes, porém, o humorismo descobre as antileis risofísicas.

ATRIZ: A Antilei, para ser risofísica, tem que ser humorístico-filosófica. Isto é: clara, breve, geral e verdadeira. Uma espécie de iluminação de uma verdade que todo mundo sabia.

ATOR II: Antilei de Uruburetama: “O pão com manteiga cai no chão com o lado da manteiga para baixo na razão direta da miséria de quem o come.”

ATRIZ: Antilei geométrica ou de Arquimedes: “O maior dos compassos não faz um círculo mais redondo do que o menor dos compassos.”

ATOR I: Antilei de Murphy ou do pessimismo integral: “Se houver possibilidade de uma coisa dar errado, dará. Das coisas que não têm a menor possibilidade de dar errado, muitas darão.”

ATOR II: Antilei de Rollim: “O suco de qualquer fruta, ao espirrar, tende a atingir o olho humano na razão direta da acidez da fruta.”

ATRIZ: Antilei de Fretter ou da competência artesanal: “Se o conserto ficou perfeito é porque você usou a ferramenta errada.”

ATOR I: Antilei Falconis: “A possibilidade de ser hóspede de uma penitenciária é inversamente proporcional ao saldo médio bancário do cidadão.”

ATRIZ: Antilei de Bell: “Uma ficha única usada ao telefone obtém fatalmente um número errado.”

ATOR II: Antilei de Murfy: “O trabalho se expande até preencher o tempo disponível.”

ATOR I: Antilei da mulher de Parkinson: “As despesas se expandem até o consumo total da renda.”

ATRIZ: Antilei de Mário: “Os objetos que caem sobre a nossa cabeça contêm mais gravidade.”

ATOR I: Antilei de Pordiakowski: “A vida é a causa da morte.”

ATOR II: Mil coisas foram inventadas. Mil coisas aconteceram.

ATRIZ: A Bomba Atômica.

ATOR II: O perigo vai ser no dia em que eles inventarem uma bomba atômica silenciosa.

ATRIZ: A especialização.

ATOR I: Hoje já temos odontologistas especializados num dente só e otorrinolaringologistas especializados na fossa nasal esquerda.

ATRIZ: A televisão.

ATOR I: A televisão é uma coisa maravilhosa. Trouxe a desgraça do mundo pro conforto do seu lar.

ATRIZ: Tenho a impressão que a televisão, propriamente dita, ainda não chegou até nós. Por enquanto nós só temos os defeitos técnicos.

ATOR II: O computador.

ATOR I: Maravilhoso. Só que no Brasil, com a invenção do computador, inventou-se também a frase: “Desculpe, mas o sistema está fora do ar.”

ATOR II: O Feminismo.

ATOR I: Então, como é que é Marília, você conseguiu o emprego de locutora na Tevê Globo?

ATRIZ: (*Gaga*) Con-con-segui naaaada. Me paaassa-ssa-ram pra trás. São toodos uns poorcos chocho-chovinistas.

ATOR II: A viagem à lua.

ATOR I: Na primeira viagem comercial à lua eu vou mandar minha mulher de qualquer maneira. Se ela não quiser ir, vou eu. Pra alguma coisa tem que servir esse maldito progresso tecnológico.

ATOR II: Quando todo mundo, de pescoço esticado e boca aberta, olhava para a lua, aconteceu...

ATRIZ: O MILAGRE JAPONÊS!

ATOR II: Os capitalistas japoneses entraram no mercado internacional com tal voracidade que logo os muros do mundo inteiro começaram a ser pichados com a frase: *"lanques, don't go home!"*

ATRIZ: *"Come back, please. Come back!"* (Acenando)

ATOR II: Logo depois do Milagre Japonês veio o Milagre Alemão e o...

ATOR I: MILAGRE BRASILEIRO!

ATRIZ: Delfim Neto:

ATOR I: "A diferença entre o Milagre Japonês, o Milagre Alemão e o Milagre Brasileiro é a seguinte: o Milagre Japonês se deve à gigantesca poupança popular em todo o Japão. O Milagre Alemão se deve à incrível pertinácia e capacidade de trabalho do povo alemão. E o Milagre Brasileiro se deve a... Bem, o Milagre Brasileiro é milagre mesmo!"

ATRIZ: Com a História caminhando cada vez mais rápido chegamos à década de 70, dias verdadeiramente inacreditáveis, dominados por um homem só, o super-super-super-herói.

ATOR II: Depois de Tarzan, Flash Gordon, Mandrake, Dick Tracy, Batman, Capitão Marvel etc, etc, etc. teria, fatalmente, que aparecer no mundo esse tipo de super-herói, hiper humano, extrabiônico.

ATOR I: Quem é ele? Ainda está vivo, ativo e gozando saúde.

ATOR II: Um prêmio para quem disser o nome. Quem é ele?

ATRIZ: Disfarça sua magnífica estatura num corpo gorducho e atarracado.

ATOR I: Esconde, atrás dos óculos grossos presos no nariz adunco, a sua visão estroboscópica dos problemas do mundo.

ATOR II: Fala todas as línguas, voa o tempo todo, está em toda parte ao mesmo tempo. Sempre acompanhado pelas mulheres mais lindas e mais famosas do planeta.

ATRIZ: Um ser verdadeiramente inacreditável: entra e sai da Casa Branca como se morasse lá, tem passe livre no Kremlim, dá ordens em Israel, foi íntimo de Mao.

ATOR I: Os suecos afirmam que jamais usou para o mal os seus superpoderes e por isso lhe deram o PRÊMIO NOBEL DA PAZ!

ATOR II: Aí vem ele, o super-herói do nosso tempo: Mr. Kissinger! (*Entra Ator I como Kissinger*)

ATRIZ: (Fingindo microfone na mão) Mr. Kissinger, por favor, diga alguma coisa aqui no nosso programa A História é uma Istória.

ATOR I: “Perdão, não querer plagiar Rui Barbosa mas em que língua querer que eu fale?”

ATRIZ: Inglês mesmo, por favor. Aqui no Brasil todos nós falamos inglês.

ATOR I: “Good. Acabo de chegar da China, da Baviera, do Líbano, do Maxim’s, do Egito, da ONU, de Watergate e de Honduras e parto imediatamente para Argel, Teruel, o Chez Regine, Londres e Tegucigalpa. Em todos os lugares onde estive nossos objetivos foram atingidos, algumas vezes com mísseis intercontinentais. Assinamos inúmeros desacordos internacionais tornando a situação do Oriente Médio definitivamente insustentável e a vida no Chile impossível. Se minhas gestões derem certo, como espero, não vejo porque o mundo não possa entrar, afinal, numa era permanente de guerras e conflitos.”

ATOR II: O mundo, sempre à beira da paz, caminhou cada vez mais depressa.

ATRIZ: Do fundo da história, o espantinho de Marx de novo assusta a Europa.

ATOR I: Socialistas do mundo, uni-vos! Nada tendes a perder senão a União Soviética”.

ATOR II: No Brasil, bem, no Brasil, passamos 50 anos com uma ditadura civil e várias militares, acabamos descobrindo o governo dos vices e conseguimos sobreviver – será que conseguimos? – a Figueiredo, “o cavaliço”, Sarney, a “vanguarda do atraso”, Collor, uma mistura de Lampião e Napoleão, cercado de alagadinhos por todos os lados, e ...Itamar.

ATRIZ: A inflação brasileira continuou desafiando a eterna lei física: “Tudo que sobe, desce.”

ATOR II: (*Meio gay*) O pior é quando nem sobe.

ATOR I: Pressionado por denúncias de corrupção, o Congresso brasileiro decide que todos os candidatos políticos têm que declarar a origem dos seus bens.

ATOR II: (*Para atriz*) Meu bem, eu posso declarar a tua origem?

ATRIZ: Os comunistas brasileiros afinal abandonam Karl e aderem a Groucho Marx.

ATOR I: Groucho Marx: “O capitalismo é muito generoso. O I. R. deixa você deduzir 200 dólares por dependente. Quer dizer, com dois dependentes você compra um Chevrolet.”

ATOR II: E, no meio da orgia corrompida, PC Farias pronuncia a frase mais reveladora da corrupção nacional: “A madame anda gastando muito.”

ATRIZ: E aqui estamos, afinal, neste maravilhoso 10 de julho de 1993 (*dizer sempre o dia e o ano da representação*), cercados pelo bem-estar e pela felicidade geral: a vida moderna, o divórcio, o coquetel, as páginas policiais, os próprios policiais, o futebol-ópio do povo, a unanimidade, a maioria silenciosa,

a tecnologia, o crime que não compensa porque quando compensa muda de nome.

ATOR II: Os submarinos nucleares, o turismo desenfreado com sua classe média tresloucada, a ameaça das fronteiras móveis, plásticos!, bumerangues em baixa altitude, raios manta, pintores primitivos, o boom da importância, conspiração internacional de chatice organizada...

ATRIZ: ...os adoradores de beterraba, sodomia, estranhos movimentos na vizinhança, manobras suspeitas na Bahia, delatores e dedos-duros, mosquitos gigantescos, hexaclone de coentro, muros com cacos de vidros, velhotas topless, petroleiros sob a bandeira da Libéria, maníacos sexuais solitários, as marabundas, os mísseis de longo alcance, e a Super Bomba de Hidrogênio que um dia, se Deus quiser, vai acabar com todas as Bombas de Hidrogênio.

ATOR II: Pois uma coisa é definitiva, amigos. Pode não existir o dia do Juízo Final, mas estamos nos aproximando rapidamente do dia da Falta de Juízo Final.

ATOR I: Mas não fiquem pessimistas com a situação do mundo, amigos! Afinal, o mundo não vale o seu lar, esse castelo inviolável do homem, com sua geladeira de sete pés, o seu sinteco e a sua televisão a cores com controle remoto, isto é, controlada pela Coca-Cola e pelos cigarros Marlboro.

ATOR II: Não seríamos nós que iríamos terminar este magnífico espetáculo histórico-histórico sem uma nota otimista, uma clarinada de esperança.

ATRIZ: (*Grandiloqüente*) Pois é claro que, se formos eleitos:

- 1) Todos terão escolas e, para estudar, receberão altos salários.
- 2) Cada um terá seu Volks e cada Volks seu estacionamento.
- 3) Todas as ruas, avenidas, praças e logradouros públicos terão seus nomes revistos para que, na cidade e no campo, na praia e no monte, só se homenageie os bons, os probos, e os verdadeiramente sábios.

4) Daremos todo nosso apoio ao mais belo, mais importante, mais perfeito movimento feminino – o dos quadris.

5) Nossa administração reconhecerá que todo problema tem dois lados, ambos igualmente válidos, ambos igualmente sem possibilidade de solução.

6) O amor será livre. (*À parte*) Embora, ocasionalmente, o sexo seja pago.

7) E todas as contas serão mandadas para um Ministério de Todas as Contas a fim de providenciar a cobertura para os pródigos, os perdulários e (*hesita, diz baixo*) as muito bem feitinhas.

8) E todos receberão o Catálogo de Todas as Coisas que Existem, com índice onomástico e preço de ocasião.

9) Daremos ampla oportunidade a que todos sejam ouvidos. Os que não forem ouvidos serão narizes e bocas.

10) E as grã-finas terão acesso a todo tipo de trabalho. (*À parte*) Exceto, naturalmente, os deselegantes.

11) E os muito velhos serão sexualmente reciclados. (*Para a platéia*) Um momento aí, cavalheiro, só quando formos eleitos.

12) E Uri Geller consertará todos os relógios.

13) E a música do Roberto Carlos se erguerá das montanhas.

14) E haverá sinuca em todas as esquinas. E a Loteria Esportiva sairá para todos.

15) E a liberdade total (*furiosa, hitlerista*) SERÁ OBRIGATÓRIA! Quem não quiser ser livre eu meto na cadeia!

ATRIZ: A HISTÓRIA É UMA ISTÓRIA!

ATOR II: O HOMEM É O ÚNICO ANIMAL QUE RI!

ATOR I: E É RINDO QUE ELE MOSTRA O ANIMAL QUE É!

*(Saem todos, requebrados, maneios, etcetera. Ator I volta, faz gesto de que vai falar.)*

ATOR I: Ah, me perdoem, mas tenho que dizer. Quase todas as pessoas citadas neste espetáculo já faleceram. É que detesto dar más notícias.

# Os Malefícios do Tabaco

**Anton Tchekov**

NIOUKHINE (*de longas suíças, sem bigode, fato velho e coçado. Entra majestosamente, saúda e ajeita o colete*). – Minhas senhoras e, de certo modo, meus senhores. (*Alisa as suíças*). Pediram a minha mulher que eu viesse aqui fazer uma conferência, para fins beneficentes, sobre um assunto qualquer. E por que não fazê-la? Se é preciso uma conferência, façamos então uma conferência; a mim me é absolutamente indiferente. Bem... para dizer a verdade, eu não sou propriamente um professor, e nem sequer estou munido de qualquer título acadêmico ou científico: pois apesar disso, há trinta anos que ininterruptamente, e posso mesmo acrescentar que em detrimento da minha saúde e de outras coisas semelhantes, eu trabalho em assuntos de natureza estritamente científica. Dou tratos aos miolos quando, às vezes, - imaginem Vossas Excelências! – tenho de escrever artigos científicos ou... talvez muito pouco científicos, mas que, vá lá, têm um certo ar científico.

Nestes últimos dias, precisamente, escrevi entre outros um artigo considerável sob o título «Dos efeitos maléficos de alguns insectos». Este artigo agradou muito às minhas filhas, sobretudo na parte que se relacionava com os percevejos. Pois bem, eu, depois de o ter lido rasguei-o. De facto, por mais que eu dissesse e escrevesse, nem por isso se dispensaria o pó de piretro. Em nossa casa, por exemplo, há percevejos até no piano de cauda...

Escolhi para tema da minha conferência de hoje, se assim lhe podemos chamar, o prejuízo que traz à humanidade o uso e abuso do tabaco. Quanto a mim, devo confessá-lo, sou um fumador inveterado. Mas a minha mulher ordenou-me que falasse hoje dos malefícios do

tabaco, e não tenho por isso outro remédio senão obedecer-lhe. Já que é preciso falar de tabaco, falemos então de tabaco. Para mim é absolutamente indiferente; e eu convido Vossas Excelências, minhas senhoras e meus senhores, a escutar a minha conferência com toda a gravidade requerida para evitar qualquer sensaboria. E aquelas pessoas a quem mete medo uma conferência séria, digamos mesmo científica, têm inteira liberdade de não escutar... ou de sair. (*Ajeita o colete*).

Peço, sobretudo, a atenção dos senhores doutores aqui presentes. Eles poderão encontrar na minha conferência numerosos ensinamentos úteis, porque o tabaco, à margem dos seus efeitos nocivos, é muito empregado em medicina.

Assim, por exemplo, se metermos uma mosca dentro de uma tabaqueira, ela morre, aparentemente por desarranjo nervoso... O tabaco é, para falar correctamente, uma planta...

Quando faço uma conferência pisco ordinariamente o olho direito, mas Vossas Excelências não façam caso: é efeito da emoção. Eu sou, duma maneira geral, um homem muito nervoso.

O meu olho direito começou a piscar em 1889, a 13 de Setembro, exactamente no dia em que, por assim dizer, a minha mulher deu à luz a sua quarta filha, Bárbara... Todas as minhas filhas nasceram em dias 13. Mas de resto (*tira e consulta o relógio*) dado o pouco tempo de que dispomos, não nos afastemos do tema da nossa conferência.

Devo em todo o caso dizer a Vossas Excelências que a minha mulher tem uma escola de música e um pensionato particular, ou, talvez mais exactamente, não é bem um pensionato, mas qualquer coisa no género. Aqui para nós, a minha mulher gosta de apregoar aos quatro ventos a sua miséria, mas a verdade é que ela conseguiu pôr uns dinheiros de lado – uns quarenta ou mesmo uns cinquenta mil rublos; eu,

pessoalmente, é que não tenho um copek, nem sequer uma moeda furada. Mas deixemos isso...

No pensionato de minha mulher sou eu o encarregado da administração. Faço as provisões, fiscalizo o pessoal, assento as despesas, tomo conta da escrita, mato os percevejos, passeio o cãozinho de minha mulher e dou caça aos ratos.

Ontem à tarde, por exemplo, eu devia entregar à cozinheira farinha e manteiga, porque se tinha decidido fazer fritos. Pois muito bem! Imaginem Vossas Excelências que hoje, quando os fritos já estavam prontos, a minha mulher veio à cozinha anunciar que três pensionistas, estando doentes da garganta, não podiam comer fritos. Tinham-se feito, portanto, fritos a mais. Que destino lhes havíamos de dar? A minha mulher, primeiro, ordenou que os guardassem na dispensa, para o doa seguinte. Mas depois reflectiu longamente e disse-me: «Coma você esses fritos, seu espantalho!».

Quando não está de bom humor, a minha mulher chama-me espantalho, víbora, demónio... Demónio, eu? Calculem Vossas Excelências!... Em suma, ela está sempre de mau humor!

Pois quanto aos tais fritos, não se pode bem dizer que os tenha comido, porque os devorei, de tal modo que ando sempre esfomeado! Ontem, por exemplo, a minha mulher não me deu de jantar... Disse-me assim: «A você, seu espantalho, não vale a pena alimentá-lo»!

Entretanto (*consulta novamente o relógio*) falando disto e daquilo fomo-nos afastando um pouco do assunto... Vamos, pois, prosseguir, ainda que naturalmente, eu esteja convencido que Vossas Excelências haviam de gostar mais de ouvir uma romanza, ou uma sinfonia qualquer, ou uma área de ópera.

(*Trauteando*). «Fremente indignação – Palpita meu coração...»

(*Falado*). Não me lembro de onde isto é... Entre parêntesis, esqueci-me de dizer a Vossas Excelências que na escola de música de minha mulher, além das particularidades domésticas, eu tenho a meu cargo o ensino das matemáticas, da física, da química, da geografia, da história, do solfejo, da literatura, etc. Para as danças, o canto e o desenho a minha mulher ministra os rudimentos, embora seja eu, igualmente, quem ensina essas matérias. A nossa escola de música fica no Beco dos Cinco Cães, número 13. A razão da minha pouca sorte, não há dúvida, é habitar no número 13. As minhas filhas, como Vossas Excelências já sabem, nasceram todas em dias 13 e a nossa casa tem 13 janelas... Mas deixemos isso.

Para quaisquer informações que Vossas Excelências pretendam, encontrarão sempre a minha mulher em casa, e o programa da escola, se alguém deseja conhecê-lo, está à venda no porteiro, ao preço de 30 copeks. (*Tira do bolso algumas pequenas brochuras*). E até se alguém está interessado, posso vender alguns a Vossas Excelências. São a 30 copeks o exemplar. (*Pausa*). Ninguém deseja? Então a 20!... (*Outra pausa. Guardando os programas*). É pena...

Pois é verdade, a nossa casa tem o número 13. E nada me sai bem; envelheci, tornei-me estúpido... Assim, reparem Vossas Excelências, estou a fazer uma conferência, tenho um ar alegre, e contudo desejaria gritar de desespero e fugir, fugir, fosse lá para onde fosse!

E como não tenho ninguém a quem contar as minhas mágoas, até chego a ter vontade de chorar...

Já sei que me vão dizer: e então as suas filhas? Mas as minhas filhas, quando eu me lamento, não fazem outra coisa senão rir de mim!... A minha mulher tem sete filhas... Não, perdão, seis! Parece-me... (*Emenda rapidamente*). Sete, sete! A mais velha, Ana, tem 27 anos e a mais nova 17. Meus senhores, (*olha receosamente em direcção dos*

*bastidores*) eu sou um desgraçado; tornei-me estúpido, nulo, insignificante mas no fundo tendes diante de vós o mais feliz dos pais. No fundo tem de ser assim e não posso falar doutra maneira. Se ao menos Vossas Excelências pudessem saber... Há trinta e três anos que vivo com a minha mulher... e... posso dizer que estes foram os melhores anos da minha vida..., ou, pelo menos, poderiam ter sido os melhores... Apesar de tudo, para falar verdade, esses anos passaram como um instante, um momento feliz – que os leve o diabo de uma vez para sempre!

*(Olhando os bastidores)*. Bom, parece-me que a minha mulher ainda não chegou. E como ela ainda cá não está, posso dizer tudo o que eu quiser. Tenho um medo horrível... um medo horrível quando ela olha para mim...

Pois bem, eis o que às vezes eu digo a mim próprio: se as minhas filhas demoram tanto a casar-se, é porque são tímidas e os cavalheiros não reparam nelas. A minha mulher não quer dar serões, não convida ninguém para jantar; é muito avarenta, conflituosa e azeda; e é por isso que ninguém vai a nossa casa. Mas..., mas aqui para nós e muito em segredo... *(Aproxima-se da boca de cena; em tom de confiança)*. Nos dias de grande festa, quem quiser ver as filhas de minha mulher, é em casa da tia Natália Semionovna; conhecem...: aquela Natália Semionovna que sofre de reumatismo e tem um vestido amarelo, salpicado de manchas pretas que parecem baratas... Em casa dela até se servem acepipes; e quando a minha mulher não está, sempre se bebe um bocadito... Também é verdade que o mais pequeno copo me embriaga; então sente-se o coração tão quente..., e ao mesmo tempo fica-se tão triste..., que nem sou capaz de vos explicar... A gente recorda-se, não se sabe porquê, do tempo em que era novo, e só apetece fugir não se sabe para onde... Ah, se Vossas Excelências soubessem como é forte este desejo! *(Com paixão)*. Fugir! Deixar tudo sem olhar para trás! Mas fugir para onde? Não

importa para onde..., desde que se deixe esta vida estúpida e banal, esta vida medíocre que fez de mim um deplorável pateta, um velho idiota e ridículo... Fugir desta mesquinha, malvada, malvada avarenta que me martiriza e tortura há trinta e três anos! Fugir da música, da cozinha, do dinheiro da minha mulher, de todas estas ninharias, de todas estas baixezas... E parar num campo, em qualquer parte, longe, muito longe!... E debaixo de um céu imenso ser como uma árvore, uma vara..., ser como um espantalho de pardais..., e ver, toda a noite, por cima de mim, a lua tranquila e clara... E esquecer, esquecer, esquecer... Oh! Como eu desejaria arrancar esta casaca velha e mesquinha, dentro da qual me casei há mais de trinta e três anos..., *(tira violentamente a casaca)* dentro da qual faço continuamente conferências para fins beneficentes. Toma! *(Calca raivosamente a casaca aos pés)*. Toma! Toma!... Estou velho, sou pobre, sou tão ridículo, tão lamentável como este colete com as suas costas coçadas e luzidias... *(Volta-se para mostrar as costas do colete)*. Mas não preciso de coisa nenhuma! Estou acima disto e sou mais puro do que tudo isto! Dantes, era jovem, inteligente, cursava a Universidade, sonhava... Julgava-me um homem! Agora só preciso de repouso...

*(Depois de ter olhado para os bastidores, torna a vestir rapidamente a casaca)*. A minha mulher já está lá dentro... Já chegou e está ali à minha espera. *(Olha o relógio)*. E a hora já passou! Se ela perguntar alguma coisa, digam-lhe, por favor, digam-lhe que a conferência se realizou e que o espantalho – sou eu, o espantalho... – se portou convenientemente... *(Olha para os bastidores e baixa a voz)*. Ela já está a olhar para aqui...

*(Endireitando-se e elevando a voz)*. E visto que o tabaco encerra o terrível veneno de que vos acabo de falar, não se deve fumar em caso nenhum e permito-me ter a esperança de que a minha conferência sobre

os malefícios do tabaco possa, de certo modo, haver trazido a Vossas  
Excelências qualquer utilidade. Tenho dito. Dixi et animam levivi!

*(Saúda e afasta-se majestosamente)*

**MASTECLÉ**  
**ou**  
**Tratado Geral da Comédia**

Texto  
de  
**LUIS ALBERTO DE ABREU**

## PRÓLOGO

**NO PALCO APENAS UMA CADEIRA E UMA MESA. SOBRE ESTA UM COPO E UMA GARRAFA DE ÁGUA. ANTES DE SE INICIAR O ESPETÁCULO, APÓS O SEGUNDO SINAL, UM SUJEITO ENTRA NO PALCO E LENTAMENTE O ATRAVESSA. ASSEMELHA-SE MAIS A UM DAQUELES VELHOS E FURIBUNDOS FUNCIONÁRIOS DE TEATRO JÁ MEIO ESCLEROSADOS QUE SE IRRITAM COM QUALQUER COISA QUE A PLATÉIA FAÇA. NO TRAJETO ENVIA OLHARES IRRITADOS À PLATÉIA, ENCARA-A, ÀS VEZES PÁRA FIXANDO PESSOAS DO PÚBLICO QUE FALEM MAIS ALTO OU SE AGITEM. O JOGO TODO É BASEADO EM ESTÍMULO-RESPOSTA COM A PLATÉIA. O AUTORITÁRIO “FUNCIONÁRIO” QUER A PLATÉIA EM SILÊNCIO E ATENTA. ENTRA NAS COXIAS, MAS IMEDIATAMENTE RETORNA NO MESMO PASSO COMO SE QUISESSE SURPREENDER O PÚBLICO EM ALGUM COMPORTAMENTO ILÍCITO. SE HOVER RISOS OU ALGUMA MANIFESTAÇÃO DA PLATÉIA ELE TAMBÉM REAGE. AO FIM DO JOGO ELE COMEÇA SUA IMPRECAÇÃO AGRESSIVA QUE, AOS POUCOS, VAI SE TORNANDO MAIS E MAIS GRADILQUENTE.**

BOCARRÃO:

**(A ALGUÉM DO PÚBLICO)** Que foi? Algum problema? Levou facada ou a cara é assim mesmo? Nasceu assim ou foi acidente? **(FAZ UM GESTO DE DESAGRADO PARA A PLATÉIA, VIRA-SE PARA SAIR, MAS VOLTA IRRITADO. AO PÚBLICO EM GERAL)** Vocês estão pensando que não sou polido, não tenho educação, não nasci em berço de ouro, não é mesmo? Então vou esclarecer uma coisa: é isso mesmo! E mais: sou o zelador deste teatro. E o que faz um zelador? Um zelador – eu! – zela por aquilo que outras pessoas – vocês! – não apreciam cuidar. Por isso, ai! se eu pegar alguém jogando papel no

chão! Ai,ai!, se descobrir alguém colando chicletes debaixo das poltronas! Ai, ai, ai!, se alguém puser os pés sobre elas! Ai,ai,ai,ai!, se eu ouvir bips, pagers e celulares tocando durante o espetáculo! Aproveito para informar que este teatro está equipado com todos equipamentos de segurança e que possui saída de emergência e se todos vocês quiserem aproveitar, se levantar, fazer uma fila ordeira e sair por ela, é um favor que me fazem! (**ESPERA UM TEMPO**) Já que ficaram quero comportamento civilizado! (**FIXA ALGUÉM DO PÚBLICO**) A senhorita, dá pra fechar as pernas quando sentar? O senhor, dá pra parar de tirar cera do ouvido? E a bolinha que, com muito empenho, trabalho e arte, conseguiu extrair não jogue no meu chão! (**A OUTRO**) O senhor pare de chupar os dentes e... (**FIXA OUTRO ESPECTADOR, MENEIA A CABEÇA, INCONFORMADO**) Meu Deus! O senhor sabia que enquanto se espera o início de um espetáculo os dedos servem para fazer milhões de outras coisas que não sejam coçar o miolo da bunda, raspar o saco ou dragar lodo e caca do fundo do nariz? Ninguém precisa gostar de mim e meu contrato não diz que devo ser simpático com vocês. E, se é difícil pra vocês suportar a mim que sou um só, imaginem o que é, pra mim, suportar todos vocês, todos os dias, durante todos esses anos! Mas já que, por azar do destino, vamos ter essa breve convivência que ela seja, pelo menos, tolerável! Saio, mas estarei lá atrás vigiando cada um de vocês! (**SAI. TOCA O TERCEIRO SINAL. ENTRA O ACADÊMICO: COM ALGUNS PAPÉIS**).

## CENA 1 – A IMAGEM CÔMICA

ACADÊMICO:

Boa noite. Antes de começar nossa palestra gostaria de fazer alguns esclarecimentos e confessar um equívoco de

minha parte. Sou professor universitário e desde a juventude pesquiso a comédia para melhor conhecer seus vícios e seu potencial corruptor de costumes. Aviso não gosto de comédia, não tenho senso de humor e que o riso, para mim, é apenas um objeto de estudo e não tenho pela comédia o apreço que lhe devota o povilêu, a plebe, o povinho ordinário das ruas! (**INCONFORMADO**) E foi somente quando cheguei aqui é que percebi que tinha me metido com atores de uma tal Fraternal Companhia e, ao invés de uma seleta platéia de estudiosos, tenho aqui um público ávido por um espetáculo. Informo que não faço parte dele! E deixo claro que as presumíveis grosserias, as imagens e personagens grotescas que vi atrás das cortinas e que imagino que deverão ser mostradas neste palco, não são responsabilidade minha! Minha é tão somente a palestra! Não voltei no mesmo passo assim que pus os pés neste teatro por força do contrato e por respeito a vocês. Respeito que espero ver retribuído durante o transcorrer de minha fala.

BOCARRÃO: (**ENTRA**) Pó'deixar que estou de olho! E, qualquer coisa, estou à sua inteira disposição para jogar porta a fora qualquer engraçadinho! (**ENVIA UM OLHAR AMEAÇADOR PARA A PLATÉIA E SOME ATRÁS DAS CORTINAS**).

ACADÊMICO: Para falar sobre a comédia, primeiro precisamos responder a uma pergunta: o que nos faz rir? Sabemos que algumas imagens enchem as pessoas de pânico. O sangue, por exemplo. Ele é considerado o princípio da vida e a visão, a imagem, desse líquido vital se esvaindo, se perdendo, é algo que nos impressiona dramaticamente. Imagens que possam significar risco de vida, como armas, objetos cortantes ou perfurantes ou possam associar-se com a imagem da morte como esqueletos, putrefação, imobilidade, escuridão, produzem em nós um acentuado desconforto. Da mesma forma, existe outro tipo de imagens que significam vida, prazer ou afastamento da

morte. Essas são imagens nos induzem ao riso. Bem, dizem que a comédia nasce nos ritos de fertilidade e creio que isso é verdade. Imaginem o que uma colheita farta, a visão da abundância de cereais e os depósitos cheios de trigo e de grãos não devem ter enchido de satisfação o homem primitivo. Isso significava o afastamento das agruras da fome e, conseqüentemente, da morte. Está na natureza, que dá ao homem não somente a vida, mas também dá os meios de manutenção dessa mesma vida, o princípio da comédia. Atenção, agora, por favor! Um ator vai entrar com um falo, o órgão sexual masculino, uma imagem muito presente nos antigos ritos de fertilidade. Peço a vocês uma atitude madura, condizente com o caráter científico dessa palestra. **(ENTRA UM PERSONAGEM CORCUNDA, TORTO, COM UM CARALHÃO SAINDO DE SUA VIRILHA. O MEMBRO É TÃO GRANDE QUE ALCANÇA O CHÃO ONDE É APOIADO POR DUAS RODINHAS. O HOMEM, COM GRANDE ESFORÇO CARREGA O CARALHÃO. ACADÊMICO VÊ ESTUPEFATO A ENTRADA DO CORCUNDA)**

- ACADÊMICO: **(UM TANTO IRRITADO)** Não precisava ser tão grande!
- CORCUNDA: O senhor não viu o de papai!
- ACADÊMICO: **(AO PÚBLICO)** Um pouco de seriedade, por favor! Este pênis...
- CORCUNDA: Não é pênis, é saroba. Pênis é o mesmo instrumento só que bem menor. Pênis é a ferramenta de rico, de médico, de padre...
- ACADÊMICO: Posso continuar? **(APONTA O CORCUNDA)** Observem esta figura grotesca. Temos nela vários elementos que nos ajudam a identificar alguns dos princípios básicos da comédia. Começamos pelo falo. Vamos examiná-lo detidamente. **(CORCUNDA TEM UMA REAÇÃO MAROTA. O ACADÊMICO: COMEÇA A VESTIR UMA LUVA CI-**

**RÚRGICA)** Um pênis não é mais que um órgão cavernoso que se enche de sangue, cresce e endurece.

CORCUNDA: Nem todos.

ACADÊMICO: (**SEM DAR IMPORTÂNCIA À INTERFERÊNCIA**) Porém não é o órgão em si que nos faz rir, mas o que ele representa. Um genital representa a reprodução da vida, o triunfo contra a morte, e isso nos satisfaz, nos relaxa, nos faz rir.

CORCUNDA: Duvido. Pra encarar um troço desse aqui vai ter de relaxar muito.

ACADÊMICO: A imagem de um lavrador que lança sementes na terra fértil se associa à aspersão do sêmen, a semente humana, no útero feminino. E tanto a terra quanto o útero frutificam. O útero nos dá o novo ser, a terra o alimento que sustenta o ser. E com ambos vencemos a morte!

CORCUNDA: Essa porqueira é tudo isso, é? (**BATE SATISFEITO NO FALO**) Cabra bom!

ACADÊMICO: Mas não rimos só por isso. Existem também sensações físicas causadas por inúmeras ramificações nervosas, sensíveis ao toque (**CORCUNDA REAGE**), à fricção (**CORCUNDA RI**), à dor. (**DÁ UM BELISCÃO OU UM TAPA NO FALO. CORCUNDA FAZ CARA DE CHORO**). Comporte-se! (**CORCUNDA EXIBE BEIÇO E MENEIA A CABEÇA AFIRMATIVAMENTE. SUSPIRA COMO CRIANÇA**)

ACADÊMICO: Reparem agora, e melhor, em seu tamanho e espessura! São exagerados, superam a imaginação, vão além de qualquer medida lógica. E aqui nós temos um dos fundamentos da comédia: a hipérbole. Sempre que tivermos imagens ou situações excessivamente exageradas, que se situem além da lógica, estaremos entrando nos domí-

nios da comédia. Ao ver uma verga desse quilate, essa enormidade sem sentido nós nos perguntamos rindo “pra que tudo isso?”

CORCUNDA: Inveja, pura inveja!

ACADÊMICO: O que de útil pode-se fazer com uma insensatez dessa?

CORCUNDA: (**APONTA O FALO**) Tens um desse? Vocês, aí, têm um desses? Pesa, ocupa espaço, mas junta cinquenta das mixarias de vocês e não dá uma dessa!

ACADÊMICO: E pra que serve essa estupidez de membro além de provocar riso? Você já teve algum orgasmo?

CORCUNDA: Como, não? Uma vez eu...(GRAMELÔ) vários... aí...(GRAMELÔ) nem te conto!

ACADÊMICO: Conta.

CORCUNDA: Conto! Um dia, depois... (GRAMELÔ) cresceu... (**GRAMELÔ E GESTOS ENFÁTICOS DE CRESCIMENTO DE TENSÃO SENSUAL**) Cores, estrelas e flores... (**RI E FAZ GESTO DE VITÓRIA**)

ACADÊMICO: Conseguiu?

CORCUNDA: (**IRRITADO**) Quase, pô! Já falei, que insistência! Uma vez deu uma comichão boa e comecei a imaginar coisas, cada coisa!, o coração começou disparar, a circulação sanguínea aumentou, a pressão arterial subiu, o sangue começou a descer, aumentar o tamanho da estroenga e...

ACADÊMICO: E...?

CORCUNDA: (**INCONFORMADO**) Faltou sangue na cabeça, desmaiei!

- ACADÊMICO: O que mais nos causa riso nesta figura? A deformação! Os defeitos físicos e morais são a base da comédia, segundo o sábio Aristóteles. (**CORCUNDA REAGE ÀS AFIRMAÇÕES DO ACADÊMICO**) E essa figura tola, desproporcional, feia, torta, com este falo gigantesco e inútil, tem tudo para se tornar um sucesso cômico.
- CORCUNDA: (**AFLITO**) Obrigado, mas podia ir mais rápido?
- ACADÊMICO: Quanto mais ele for um fracasso na vida real mais sucesso terá como personagem.
- CORCUNDA: Ou o senhor fica falando e eu saio, sem problema.
- ACADÊMICO: (**PARA O CORCUNDA**) Espera. (**PARA O PÚBLICO**) Mas o exagero, a deformação, defeitos físicos e morais só nos farão rir, lembrem-se bem disso!, se não tiverem conseqüência, se não nos emocionarem.
- CORCUNDA: Senhor...
- ACADÊMICO: A comédia trata de maneira inconseqüente a dor, o sofrimento e até a morte!
- CORCUNDA: (**EXPLODINDO**) Dói, caramba, dói! Não tem conseqüência uma ova! Pensa que é fácil sustentar um membro desses?! Doem os bagos, caramba! (**FAZ BEIÇO INFANTIL E COMEÇA A CHORAR**) Vocês não sabem o que é minha vida!
- ACADÊMICO: (**DIDÁTICO**) Em suma é de um coitado como esses que rimos.
- CORCUNDA: (**SUSPIRANDO**) É.
- ACADÊMICO: Parece que nele há dor, sofrimento...( **CORCUNDA CHORA EXAGERADAMENTE**) essa corcunda dupla...

- CORCUNDA: Não é corcunda, são meus bagos. Questão de equilíbrio. Se fosse na frente eu caía.
- ACADÊMICO: Porque, então, rimos dele?
- CORCUNDA: Porque são um bando de fi...(RECONSIDERA) gente sem alma!
- ACADÊMICO: A relação que se estabelece na comédia é de superioridade. Os personagens são inferiores. Os personagens da comédia são inferiores a nós. São mais tolos que nós, mais feios, mais desgraçados. E mesmo quando são espertos, sua esperteza não rende lá muita coisa útil. É por isso que rimos dele.
- CORCUNDA: Ah,é? Explica melhor isso.
- ACADÊMICO: Você é exageradamente estúpido...
- CORCUNDA: Isso é só um detalhe!
- ACADÊMICO: Tolo além de qualquer medida humana.
- CORCUNDA: Tá, tá, mas tirando isso...
- ACADÊMICO: Sua ação não tem lógica. Pode sair.
- CORCUNDA: Inveja! Pura inveja!
- ACADÊMICO: Sai. Quero continuar a palestra.
- CORCUNDA: Tem mais coisas a falar sobre um personagem cômico como eu. Nada em mim se fixa. Nem idéia, nem desejo, nem projetos. Tudo, até a dor e o sofrimento passam rapidamente... Tudo morre e renasce...
- ACADÊMICO: Como na própria natureza que é quem gera a comédia. Mas, agora, sai.

- CORCUNDA: Não saio!
- ACADÊMICO: Por favor, eu preciso continuar.
- CORCUNDA: Não saio!
- ACADÊMICO: E por que?
- CORCUNDA: Sei lá! Eu sou assim! Não tenho lógica! (**ENTRA BOCARRÃO**)
- BOCARRÃO: Sai, mas sai mesmo! Sai, com ajuda das suas pernas ou com ajuda das minhas no centro da sua bunda! Raspa do meu teatro! (**INVESTE SOBRE CORCUNDA QUE FOGE.**) Covarde!
- ACADÊMICO: Ao contrário do personagem dramático o personagem cômico é sempre medroso. Mas, como nada nele dura muito tempo, logo ele volta provocador. (**CORCUNDA ENTRA MOSTRA A BUNDA PARA BOCARRÃO**)
- BOCARRÃO: Vou lhe espremer o que é mole e quebrar o que é duro! (**SAI ATRÁS DE CORCUNDA QUE FOGE**)

## **CENA 2 – OS BAIXOS HUMANOS, A TOPOGRAFIA DOS GÊNEROS.**

- ACADÊMICO: São essas bobagens e esse tipo de gente que fazem o universo do riso. Mas não só isso. (**RETOMA O AR PROFESSORAL**) O homem ri daquilo que vê ou daquilo que imagina. Um pesquisador russo, Mikhail Bakhtin, escreveu um excelente trabalho sobre o riso popular, que todos os interessados em comédia deveriam ter em mãos. Trata-se de “Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento”.

Nesse livro, entre outras coisas ele desenvolve a interessantíssima idéia de uma topografia dos gêneros. Isso quer dizer que a comédia e o drama se referem a certas partes do corpo humano e...( **BOCARRÃO ENTRA INTERROMPENDO A FALA DO ACADÊMICO:** )

BOCARRÃO: ( **MAL HUMORADO** ) Escapou! Chispou! Escafedeu! Mas o mundo tem curvas e numa delas eu trombo com o canailha! ( **PERCEBE QUE O ACADÊMICO O ENCARA. PERGUNTA COM UM GESTO DE CABEÇA O QUE FOI.** )

ACADÊMICO: O senhor está interrompendo minha palestra.

BOCARRÃO: Desculpe, mas é que quando...

ACADÊMICO: Continua interrompendo.

BOCARRÃO: É claro, desculpe. ( **OLHA PARA A PLATÉIA** ) O senhor tem mais alguém que deseja colocar na rua? ( **ACADÊMICO: MENEIA A CABEÇA** ) Se o senhor quiser...

ACADÊMICO: Quero continuar...

BOCARRÃO: É claro. ( **VAI SAIR MAS IMPLICA COM ALGUÉM NA PLATÉIA** ) Não quer botar ninguém pra fora, mesmo? Nem aquele ali? Ele não está rindo demais? Nem de menos? ( **DÁ DOIS PASSOS EM DIREÇÃO À PLATÉIA** ) Eu vou lá... posso ir lá? Sabe o que é? Eu tenho faro e não gostei da cara dele, cisme. E quando cismo é porque alguma coisa vai acontecer. ( **ALTERANDO-SE** ) E como não suporto a angústia de esperar é melhor resolver o assunto de vez! Eu vou lá ( **NUM IMPULSO FAZ MENÇÃO DE IR EM DIREÇÃO À PESSOA.** )

ACADÊMICO: Deixe o rapaz!

- BOCARRÃO: Por que? É seu parente? Ele lhe deve dinheiro? Tem com ele algum tipo de relação anormal e indecente? Está se doendo por que?
- ACADÊMICO: Quero continuar minha palestra!
- BOCARRÃO: É claro. Mas, veja bem, eu não consigo olhar pra aquela cara sem me subir nas raivas! Raivoso como estou, reconheço, eu perturbo sua palestra. Logo, a maneira de resolver a questão é ir lá, por aquele infeliz no meio da rua a trompaço e pescoção e tudo volta à santa paz. Resolvido!
- ACADÊMICO: (**IRRITADO**) Fora, por favor! Sai! (**BOCARRÃO FICA PERPLEXO COM O ACADÊMICO E POR TRÊS VEZES FIXA O ACADÊMICO SEM SABER SE SAI OU SE EXPLODE. FINALMENTE SAI FAZENDO GESTOS DE AMEAÇA AO RAPAÇ E A OUTRAS PESSOAS DA PLATÉIA.**)
- ACADÊMICO: (**SEGREDA PARA O PÚBLICO REFERINDO-SE A BOCARRÃO**) Ele não sabe, mas é outro personagem cômico. A comicidade dele provém da ausência de lógica. Ele se irrita sem razão nenhuma, tem vontades tirânicas, autoritárias, mas é incapaz de concretizá-las. Toda a raiva dele não tem conseqüência. Por isso rimos.
- BOCARRÃO: (**PONDO MEIO CORPO EM CENA, AMEAÇADOR**) O senhor está falando de mim?
- ACADÊMICO: E aqui se estabelece um interessante jogo ilógico. Podemos imaginar que este homem faça parte dessa representação, mas podemos igualmente imaginá-lo zelador deste teatro.
- BOCARRÃO: É o que sou!

- ACADÊMICO: O que quer que ele seja, nada do que essa irritada e tola figura fizer pode nos ameaçar. A raiva, ódio, violência dele não tem nenhuma conseqüência dramática.
- BOCARRÃO: (**ALTERANDO-SE**) Vou repetir a pergunta: o senhor está falando de mim?
- ACADÊMICO: Ninguém aqui acredita realmente que ele seja capaz de fazer o que promete. Nem eu, nem vocês, nem aquele pobre rapaz! (**BOCARRÃO, IRRITADO, FIXA O RAPAZ E COMEÇA A ARREGAÇAR AS MANGAS.**)
- BOCARRÃO: (**APARENTANDO CALMA**) Muito bem, professor! Muito bem, pobre rapaz! Vamos ver se mexer comigo tem ou não tem conseqüências! (**AMEAÇADOR, DESCE À PLATÉIA, EM DIREÇÃO DO RAPAZ**)
- ACADÊMICO: Rimos disso. Enquanto no drama o risco é real, as coisas que acontecem no palco podem acontecer de fato na nossa vida, na comédia sabemos que é impossível.
- BOCARRÃO: Vão confiando!
- ACADÊMICO: Na comédia, a fúria, às vezes parece real. Mas é a fúria de um tolo. (**BOCARRÃO MOSTRA-SE IRRITADÍSSIMO**) Sabemos que é só um jogo, um jogo tão absurdo e ilógico que, todo mundo sabe, não pode acontecer na vida real.
- BOCARRÃO: (**FURIOSO**) Eu não sei! Esqueceram de me avisar! (**AVANÇA NA DIREÇÃO DO RAPAZ**)
- ACADÊMICO: (**A BOCARRÃO**) Obrigado pela colaboração. Pode voltar às cortinas. (**BOCARRÃO PARALISA TENTANDO ENTENDER**). Sua representação de tolo foi perfeita!
- BOCARRÃO: (**TENTANDO CONTER-SE**) Representação? Isso é uma espécie de brincadeira?

- ACADÊMICO: Exato. Comédia é sempre uma espécie de brincadeira.
- BOCARRÃO: (**FURIOSO**) E quem não leva a coisa na brincadeira?
- ACADÊMICO: Esse é o tolo, o personagem cômico.
- BOCARRÃO: (**SOTURNO**) Sei. Quer dizer que se eu fosse lá pregasse o muque na tábua da venta do sujeito eu seria tolo? Se eu não vou, sou tolo por não ir, é isso?
- ACADÊMICO: O senhor, não, o personagem. Isso é uma representação, não é?
- BOCARRÃO: (**TENTANDO CONTER-SE**) É claro!
- ACADÊMICO: Tudo o que o tolo faz é tolice, entendeu?
- BOCARRÃO: (**AINDA IRRITADO**) Estou tentando.
- ACADÊMICO: Então vai tentar entender lá dentro e me deixa continuar. Falávamos sobre a topografia da comédia...(**BOCARRÃO LANÇA UM OLHAR FULMINANTE AO ACADÊMICO E AO RAPAZ E SAI.**) Segundo Bakhtin, no próprio corpo humano se localizam os gêneros. Por exemplo, na cabeça, imagem da inteligência, da consciência, da vontade, se localiza a tragédia e o drama. A vontade heróica de seus personagens impulsiona a concretização de seus projetos. No outro extremo do corpo humano estão as imagens que nos induzem ao riso. Além do pênis, a imagem da barriga e dos glúteos, da bunda melhor dizendo, também gera riso. (**ENTRA IEPE**)
- ACADÊMICO: Quem é o senhor?
- IEPE: Sou lepe e sou pobre, camponês e beberrão, o que perfaz três defeitos num homem só. De meu tenho uma roupa de ir à festa que é a mesma que uso no trabalho porque só tenho uma e que é esta. Ah, e tenho uma mulher que de

longe até que parece gente e que me surra todos os dias!  
**(ENTRA NÉLI E SE COLOCA NA FRENTE DO ACADÊMICO. ESTE IRRITADO SE AFASTA.)**

NÉLI: Surro mesmo e ninguém tem nada com isso! Surro e não tenho que dar satisfação a nenhum de vocês que não conheço. Meu nome é Néli e não estou nem um pouco interessada em saber o nome de vocês! Não tenho nenhum prazer em conhecê-los porque isso aqui não é nenhuma reunião social e nem vim aqui para fazer amigos. Amigos, me bastam os que eu não tenho! Surro porque gosto e ele merece. Todos merecem! Homem devia apanhar, no mínimo, segunda, quarta e sexta, pra ficar manso. Quem aqui nunca teve vontade de aplicar um bom corretivo no companheiro levante a mão. **(A ALGUÉM DA PLATÉIA)** O senhor, não. Perguntei só para as mulheres. Outro dia chamei lepe, dei-lhe duas moedas e mandei que fosse à cidade comprar sabão.

IEPE: Fui. Mas “no meio do caminho havia uma venda, havia uma venda no meio do caminho, no meio do caminho havia uma venda” e, de dentro dela, o dono gritou: “Vem tomar uma, lepe”. Eu respondi: **(NUMA RAPIDEZ VERTIGINOSA MAS MANTENDO AS INTENÇÕES)** Não posso, vem rapaz, estou indo pra cidade, uma só, de jeito nenhum, põe outra, Ah! **(ESTALA A LÍNGUA)**, a Néli me mata, quem bebe cinco, bebe seis, não bebo mais, é a saideira, agora é a última mesmo, só mais uma, e quando percebi lá se tinha ido uma moeda!

NÉLI: A cabeça de lepe não era muito inteligente, mas tinha boa memória das surras que tinha levado de sua mulher, Néli, e decidiu que tanto a cabeça quanto o resto do corpo devia rumar direto para a aldeia para comprar o sabão. **(IEPE COMPÕE UMA POSE CORAJOSA E SEGUE CAMINHO.)**

IEPE: Acontece, no entanto, que a barriga de lepe tinha vida própria e resolveu que o melhor era voltar e tomar mais uma. (**IEPE FAZ A CURVA E VOLTA COMO SE FOSSE PUXADO POR SUA PROEMINENTE BARRIGA.**)

NÉLI: Contra essa última decisão se revoltou sua bunda que era quem sempre pagava com varadas a irresponsabilidade da barriga. E apoiou a cabeça de lepe em sua decisão de ir para a aldeia. (**AOS TROPEÇOS, EM MARCHAS E CONTRAMARCHAS IEPE VAI À FRENTE.**)

IEPE: Inferiorizada em número, a barriga pediu ajuda às pernas. No entanto, apenas uma delas veio em seu socorro. (**UMA PERNA SEGUE DE UM LADO E A OUTRA TENTA CAMINHAR DO OUTRO. O MOVIMENTO DE IEPE, AGORA, É DE UM BÊBADO COMPLETO.**) Isso, sem falar dos braços, cada um deles tomando um partido. (**DESESPERADO**) Socorro! Sou prisioneiro de uma guerra dentro de mim mesmo! (**DECIDIDO**) Sou um homem e um homem segue sua cabeça! (**A CUSTO E COM PASSOS BÊBADOS, IEPE VAI SE DIRIGINDO À SAÍDA. IEPE PARA.**) Mas uma parte da cabeça de lepe deu de imaginar o líquido borbulhante caindo no copo, a comichão rascante da bebida descendo pela garganta, a catarata alcoólica precipitando-se pela faringe e espraiando-se pela barriga, e, finalmente, os cálidos vapores do álcool subindo e tonteando. A bunda de lepe chorou, pediu, implorou mas ele decidiu: só mais uma! (**PODE-SE REPETIR O LAZZI DA PERDA DA PRIMEIRA MOEDA COM VELOCIDADE AINDA MAIS ALUCINANTE**)

NÉLI: E o traste voltou, bebeu, saiu, andou, caiu e dormiu na beira do caminho. Mas justo por ali passaram um barão com seus serviçais e resolveram fazer uma brincadeira com o pobre lepe.

- IEPE: Pegaram lepe, levaram para o palácio, vestiram-lhe ricas roupas e o colocaram dormindo sobre a cama do barão. Tudo isso para que ele pensasse ser o barão quando acordasse.
- NÉLI: lepe acordou sem saber o que estava fazendo no meio de tanta riqueza. Informaram a lepe que ele era barão e que às vezes tinha alucinações nas quais se imaginava um pobre camponês. Como lepe não se convencia disso disseram que ele estava doente e chamaram dois médicos.
- IEPE: O primeiro era um médico naturalista, especializado em unguentos, chás, vomitórios e lavagens intestinais de vários tipos e espécies.
- NÉLI: **(ENQUANTO EXAMINA SEM PERDER O FOCO DO PÚBLICO)** O que deve ter havido, explicou o médico, foi uma congestão intestinal de caráter gasoso a qual impedindo que a pressão interna dos intestinos fosse aliviada pelo canal competente, provocou uma reversão tal que a aca dos gases forçaram entrada na corrente sangüínea e por aí chegaram até o cérebro onde seus fortes odores desandaram a memória do senhor barão.
- IEPE: E isso é mau, doutor?
- NÉLI: Muito. Mas pior seria se a congestão intestinal fosse de caráter pastoso de tal forma que os sedimentos fecais se depositassem no interior de sua cabeça. **(CONTINUA O EXAME)** O melhor tratamento é um feroz purgativo que, aliviando os tubos intestinais e digestivos, consiga extrair os gases do cérebro e os conduza de volta ao sistema circulatório e daí aos intestinos e, por fim, os expulsem sob a forma de pum! O outro médico era um famoso sensitivo, radioestesista e terapeuta de vidas passadas. Como tem passado?

- IEPE: Como camponês não tenho passado muito bem, não. Néli tem me batido muito e tenho bebido pouco. Como barão a única coisa que sei é que penso ser camponês.
- NÉLI: Um caso típico, raciocinou o terapeuta. O barão, com certeza, foi camponês em alguma vida passada. E, agora, o camponês que ele foi pretende tomar o corpo do barão. É preciso separar o barão do camponês.
- IEPE: Mas como?
- NÉLI: Se um purgativo pode sugar os gases do cérebro, é bem capaz de atrair alma do camponês e evacuá-la pelo terminal dos intestinos.
- IEPE: Foi isso que respondeu, com doura ciência, o médico naturalista, no que foi apoiado pelo terapeuta e aplaudido por mim, lepe, que era uma besta. E ainda sou um pouco bastante.
- NÉLI: E deram a lepe o purgativo (**ABRE A BOCA DE IEPE E DESPEJA NELA O PURGATIVO.**)
- IEPE: Depois que lepe bebeu fez-se silêncio como no universo antes da criação. Depois se ouviu um ronco, um estrondo, um rugido na barriga de lepe. (**IEPE FAZ CARA DE CÓLICAS**) E agora, com sua licença, eu preciso... preciso! (**AFASTA-SE E AGACHA-SE**)
- NÉLI: Narram as crônicas que lepe cagou duzentas e trinta e cinco carroças cheias até o tampo, encheu seiscentos e oitenta barris de oitenta litros e dois corotes de quinze, completou mil e setecentos galões, preencheu quatrocentas e setenta latas de margarina de quinhentos gramas e uma latinha de extrato de tomate.
- IEPE: Isso no primeiro fluxo. No segundo fluxo, sem recipientes que pudessem contê-la, a enxurrada do barro deslizou pe-

lo morro e cobriu o vale e plantações até a altura de um metro e meio. Um velho morreu afogado por não achar ninguém que lhe fizesse respiração boca a boca.

NÉLI: lepe verteu lágrimas e cagou até a alma. Uma alma só, não! Almas de várias pessoas que ele havia sido no passado. Botou fora a alma do camponês, de uma odalisca, de um legionário romano, uma rameira etrusca, um escravo grego e de quatro ou cinco assírios de diversas épocas!

IEPE: E no sétimo dia lepe descansou. E tudo aquilo foi bom porque, no ano seguinte, comemorou-se a melhor colheita da história do lugar. (**ACADÊMICO, QUE ACOMPANHAVA A REPRESENTAÇÃO DE MAU HUMOR, INTERROMPE**).

ACADÊMICO: Posso continuar aquela antiga palestra que eu tinha começado?

NÉLI: Não sei... a gente entrou pra fazer uma graça...

IEPE: É, essa coisa de palestra é meio chata...

ACADÊMICO: (**FURIOSO**) Chato?! Foram anos! Anos de pesquisa e estudo! Meu trabalho é sério!

IEPE: E o nosso é cômico!

NÉLI: A gente tem mais uma ou duas cenas. Se a platéia quiser...

ACADÊMICO: Ou eu ou vocês! (**IEPE E NÉLI RIEM SUPERIORES E LANÇAM OLHARES SIGNIFICATIVOS AO PÚBLICO. ENTRA BOCARRÃO: COM UMA CARA MÁ**)

BOCARRÃO: Algum problema, senhor?

- ACADÊMICO: Ou eu e ele ou vocês!
- NÉLI: A platéia podia votar.
- IEPE: Não provoca, Néli!
- BOCARRÃO: (**ESCANDINDO AS SÍLABAS**) (**PARA NÉLI**) Não se atreva a propor. (**PARA O PÚBLICO**) Não se atrevam a votar! Anarquia, não!
- NÉLI: Comédia é anarquia!
- IEPE: Vambora!
- ACADÊMICO: Isso não é anarquia, isso é uma palestra! Na palestra mando eu!
- BOCARRÃO: E no teatro mando eu!
- IEPE: Vamos pensar num acordo.
- BOCARRÃO: Eu bato e vocês apanham!
- IEPE: Tudo bem. Vamos pensar melhor e dentro de duas semanas a gente trás a resposta. (**SAI ARRASTANDO NÉLI.**) Vamos que ele é feio, bravo e deve estar com fome! (**BOCARRÃO ESPERA A SAÍDA DE IEPE: E NÉLI. NA SAÍDA LANÇA UM OLHAR AMEAÇADOR EM DIREÇÃO À PLATÉIA. PÁRA, FIXA O RAPAZ QUE PEGOU PRA CRISTO E SAI.**)

### CENA 3 – A IRREFREÁVEL ENTRADA DE BICA-ABERTA

ACADÊMICO: Voltemos à seriedade. Eu falava, antes de ser interrompido, sobre a topografia dos gêneros. (**MOSTRA UM QUADRO COM UM DESENHO DA FIGURA HUMANA**) A cabeça humana indica o gênero dramático, sério. A cabeça é reduto da inteligência e da vontade, duas características dos personagens dramáticos. É onde o espírito humano se manifesta, onde os grandes projetos humanos são gerados, é onde os sonhos ganham forma e existência concreta. Na parte alta do ser humano situa-se o drama e a tragédia. Da parte intermediária (**APONTA O PEITO**) provém os sentimentos e as paixões, leves e necessários como o ar que penetra os pulmões, fortes como o coração que impulsiona a vida, vitais como o fígado. Aliás, na antiguidade o órgão símbolo da **paixão era o fígado e não o coração**. (**APONTA OS BAIXOS**) Finalmente, a comédia nasce das imagens dos baixos do ser humano. Do estômago pra baixo, tudo gera riso. Tudo o que se relaciona com a reprodução, a digestão e a excreção, de preferência com algum exagero, gera riso como acabamos de ver aqui representado. Glutões, beberrões, cagões, mijões, processos intestinais, nó nas tripas, desinterias, ações realizadas por essas partes, alusões a sons, movimentos, menções a problemas de funcionamento, sons, gestos, referências generalizadas a esses órgãos geram naturalmente o riso. Como se vê, o riso, ao contrário do drama, não principia de forma muito nobre. E, se não bastasse, a comédia preza destruir, derrubar, ridicularizar os valores do drama. (**TENTA JUSTIFICAR-SE E AOS POUCOS VAI SE INFLAMANDO NUMA IRRITAÇÃO CRESCENTE**) Vejam, não me levem a mal. Não é que eu tenha ojeriza pela comédia em si, apenas não aprecio essa coisa desregrada, esse gosto pelo achincalhe, esse prazer que tem a comédia em investir contra o respeitável, essa ânsia em avacalhar o que é instituído, em profanar coisas nobres e sagradas! (**ACALMA-SE**) Vejam! É preciso que algumas coisas sejam consideradas sagradas. A materni-

dade, por exemplo... Poucas coisas no mundo são tão sublimes como a figura da mãe... (**OUVE-SE BARULHO E BATE-BOCA NOS BASTIDORES. ENTRA BICA-ABERTA, UMA MULHER DESCABELADA E ENORME, SEGUIDA POR BOCARRÃO. BICA-ABERTA ANDA COM AS PERNAS ABERTAS, DESCADEIRADA**).

- BICA-ABERTA: Entro e ninguém me impede! Tira a mão de mim!
- ACADÊMICO: Tira essa mulher daqui!
- BOCARRÃO: Só se for a bala! O que posso fazer se alguém me deixar por ordem aqui!
- BICA-ABERTA: Eu já estou morta, sua besta! (**ATÔNITO, BOCARRÃO OLHA PARA ACADÊMICO**).
- ACADÊMICO: (**CONFORMADO**) Pode deixar. É mais uma cena do “espetáculo”.
- BOCARRÃO: Tem certeza?
- ACADÊMICO: Não muito.
- BOCARRÃO: Um professor universitário! O senhor não tem vergonha, não? Permitindo essa bagunça, essa zorra! O senhor tem paciência, eu não tenho muita, não! Prestem atenção no que eu estou dizendo! (**SAI, IRRITADO**)
- ACADÊMICO: Suponho que, para prosseguimento do espetáculo, eu devo perguntar quem é a senhora.
- BICA-ABERTA: Sou a finada mulher de Gargantua! Ai, quando me lembro da minha pobre morte!
- ACADÊMICO: Ela era a mãe de Pantagruel.
- BICA-ABERTA: Não me lembre disso!

- ACADÊMICO: (**AO PÚBLICO**) Eis aqui, Bica-aberta, criação de um célebre escritor francês do século XVI, François Rabelais.
- BICA-ABERTA: Conhece aquele criminoso? Aquela mente doentia?
- ACADÊMICO: Ele é considerado um dos pilares da literatura cômica.
- BICA-ABERTA: Às minhas custas!
- ACADÊMICO: (**CANSADO**) Mas faz o que a senhora bem entender. (**AO PÚBLICO**) Eu não tenho nenhuma responsabilidade sobre o que ela disser ou fizer. (**AFASTA-SE. BOCARRÃO SURGE ENTRE A PLATÉIA E LÁ FICA ALGUNS INSTANTES COMO A SONDAR O AMBIENTE**).
- BICA-ABERTA: Tirando o ó da reta, né?! Vocês, homens, são todos iguais! (**AO PÚBLICO, COMO EMOÇÃO QUASE SINCERA**). A vocês peço que me ouçam e sejam meu consolo e razão. Tudo começou quando comecei a ganhar forma na cabeça de Rabelais e imaginei para mim um grande futuro, filha de um famoso escritor. Estranhei ter recebido o estranho nome de Bica-aberta, mas no começo tudo bem: casei com o gigante Gargantua que, apesar de glutão, bebedor e peidorreiro, era gigante em todos os sentidos, principalmente naquele que as mulheres tanto prezam. Apesar do exagero, ai, que exagero de comprimento e circunferência!, eu também muito prezava, porque como diz o ditado “cresce a mão, lassa a luva”. Acontece que nesse “vai e vem pra cá, meu nego”, fiquei grávida. Até aí, também, tudo bem, feliz com a honra de pôr no mundo o filho do gigante Gargantua. Mas os meses foram passando e me dei conta que filho de gigante, gigante é. E me perguntei por onde é que essa criança que, no quinto mês, já tinha dois metros e dez, iria sair? Num século XVI, sem anestesia nem cesariana! (**SUSPIRA E ENXUGA UMA LÁGRIMA**) Eu, na minha ingenuidade, confiei que Rabelais daria solução. Afinal, o nascimento do gigante Gargantua, meu marido, foi também muito estranho. A

criança, em vez de descer, subiu pela veia cava, trepou no diafragma, chegou à omoplata e saiu pela orelha esquerda de sua mãe. E minha sogra nunca reclamou do parto que lhe arranjou o senhor Rabelais. Assim, fiquei tranqüila até que chegou o grande dia e aí eu entendi, de fato, o que é “entrar sorrindo e sair chorando”. Por onde e como vocês acham que o gigante Pantagruel nasceu? (**SOLUÇA**) Não riam que aumenta a minha dor. Vejam o parto que me arrumou a mente doentia de Rabelais: meu ventre gigantesco se contraiu e eu comecei me abrir, me abrir, me abrir, para dar passagem, primeiro, a sessenta tropeiros, cada um puxando uma mula carregada de sal, depois nove dromedários carregados de pernil e línguas de boi defumadas, sete camelos carregados de bacalhau, vinte e cinco carroças de alho, cebola, cebolinha, alho-poró. Todos saindo alegres, conversando, sem eu nem saber como é que tinham entrado. Finalmente desceu Pantagruel, tão grande e tão pesado que me descadeirou toda. Morri. Choraram minha morte e pronto, acabou minha história. Só aí é que entendi porque ele me deu o nome de Bica-aberta. E que só ocupei meia página em toda a extensa obra de Rabelais para que ele e todos vocês se divertissem à minha custa!

## CENA 4 – PERSONAGENS A PROCURA DE UM ESPETÁCULO

ACADÊMICO: (**AO PÚBLICO**) Acho que agora vocês começam a entender meu ponto de vista. (**IEPE ENTRA EM CENA E PÕE-SE A PROCURAR ALGO NAS ARARAS**) Do ponto de vista do público a comédia é só diversão mas do ponto de vista das personagens... (**PARA BICA-ABERTA**) A senhora pode sair para que eu possa prosseguir minha palestra?

- BICA-ABERTA: Não. Eu vou ficar aqui.
- ACADÊMICO: A troco de quê?
- BICA-ABERTA: Só meia página numa obra de mais de mil. Não me conformo!
- ACADÊMICO: Rabelais já morreu, não sou parente, não recebi a senhora como herança!
- IEPE: Ô, psiu! Dá licença? O senhor não viu um chapéu de palha por aí?
- ACADÊMICO: Não, não vi. E dêem-me licença vocês! Quero terminar minha palestra.
- IEPE: **(COM SOTAQUE MINEIRO E POSTURA DE JOÃO TEITÉ)** Ói, não vai dar, não, senhor. Sem o chapéu não posso fazer a cena. Sem a cena não vou poder interromper sua palestra.
- ACADÊMICO: Melhor. Não tenho nada a ver com a sua cena! Faço a palestra numa vez e estou livre. Fora!
- IEPE: O senhor não está entendendo. Vamos por partes: este figurino é do lepe, aquele bêbado que cagou o mundo.
- ACADÊMICO: O Corcunda?
- IEPE: Não o Corcunda foi antes!
- BICA-ABERTA: Aquele, o beberrão que entrou comigo.
- ACADÊMICO: Com a senhora? A senhora entrou sozinha!
- BICA-ABERTA: Não comigo o que eu sou agora, comigo o que eu era antes, a Néli, a que batia no marido.

- IEPE: O senhor nunca foi ao teatro? Nunca assistiu uma peça com muito personagem e pouco ator? A gente se perde! Onde é que eu estava mesmo...
- ACADÊMICO: Não estou entendendo, nem quero...
- IEPE: (**IRRITADO**) Quietos, senão quem não entende mais nada sou eu! É cada hora uma roupa, um personagem! Um dia eu ainda faço um protagonista! Agora, calma! Eu sou o Aleh, essa roupa é do lepe e eu ia entrar em cena daqui a pouco como João Teité. Por isso estava procurando o chapéu. É isso. O senhor viu? (**ACADÊMICO FAZ UM GESTO DE IRRITAÇÃO**) É só dizer se viu ou não viu! Não tem crise, não tem stress, não tem neurose! Não precisa xingar a mãe nem bater no pai!
- ACADÊMICO: Saiam agora!
- BICA ABERTA: Eu, não! Estou aqui para exigir a continuação da minha história.
- IEPE: Não saio porque preciso achar o chapéu.
- ACADÊMICO: O chapéu não está aqui! Não está vendo?
- IEPE: Estou! Não sou cego! Está lá dentro! Mas o diretor organizou a cena assim. Eu tinha de entrar e pentelhar a sua palestra por causa do chapéu.
- BICA-ABERTA: A cena é uma citação a Pirandello, um autor que levou a comédia aos limites do nonsense. Ele criou uma lógica própria para seus personagens, desvinculada do realismo cômico por si só absurdo. Por isso eu quero que alguém dê outra continuação ao meu personagem. Não gostei de entrar e morrer de parto com um tropel de gente, mulas e camelos saindo de mim!
- ACADÊMICO: O palestrante sou eu. A senhora saia!

- BICA-ABERTA: Só saio depois de me dirigir ao público e perguntar se a falta de sentido da minha história cômica e a falta de sentido da própria comédia não é semelhante à falta de sentido de nossas próprias vidas. E se revelar isso não é o mais profundo sentido da comédia.
- IEPE: Orra, meu! Não entendi nada do circunstancial, mas captei o sentido essencial do raciocínio.
- BICA-ABERTA: O sentido da comédia é revelar o grotesco que habita o mundo! Maldito Rabelais! Precisava me usar pra revelar isso? (**SAI FURIOSA. ACADÊMICO OLHA PARA IEPE E O INQUIRE COM UM GESTO DE CABEÇA. IEPE MENEIA A CABEÇA NEGATIVAMENTE**).
- ACADÊMICO: Então é assim?
- IEPE: (**DÁ DE OMBROS**) Não tem outro jeito! Não é hora de eu sair. (**COM UM GESTO O ACADÊMICO CHAMA BOCARRÃO. ESTE ENTRA E SEGURA IEPE. IEPE SE SOLTA, FURIOSO**) Não põe a mão em mim! Se você me encosta a mão eu vou lhe xingar de besta ignorante e você vai me cascar um soco! Aí, eu me conheço, vou chamar sua mãe de marafona! Maria Regimento! Mulher de beira de estrada! E sabe o que você vai fazer?
- BOCARRÃO: Vou quebrar seus ossos um por um.
- IEPE: É isso mesmo! Mas eu que perco os dentes, mas não perco a língua vou lhe chamar de tudo que é nome – Brogonzó! Socranca! Beócio! Cretino! Frescão! E, aí, pronto!, sou um homem morto! Estou certo?
- BOCARRÃO: Certíssimo!
- IEPE: Então, pra evitar essa desavença, você não me põe a mão e eu saio na hora certa e de livre e espontânea vontade, entendeu? (**SAI**)

BOCARRÃO: (**PENSA UM POUCO SEM CHEGAR À CONCLUSÃO**)  
Juro que não entendi nada.

ACADÊMICO: (**INTENCIONAL**) Eu acredito.

## CENA 5 – UM TELEGRAMA À MARTINS PENA

(**ENTRA UMA MULHER NORDESTINA**)

MULHER: Dá licença?

ACADÊMICO: Se a senhora pedisse antes de entrar em cena eu não daria, mas já que entrou...

BOCARRÃO: Se quiser eu ponho pra fora...

MULHER: Faz isso não, menino, que você não me conhece, não sabe de quem sou filha, de quem sou mãe, de quem sou parente! Não sabe se tomei leite no copo ou se mamei em onça!

ACADÊMICO: Melhor deixar. (**AO PÚBLICO**) Repito: nada disso é de minha responsabilidade!

MULHER: Sou parente dos Limeira, lá da Paraíba. Estou morando em Itaquera e me abalei pra cá quando soube de sua palestra.

ACADÊMICO: Obrigado.

MULHER: Agradeça, não, que não vim pelo senhor. Conhece Zé Limeira?

VOZ OFF Correio! (**BOCARRÃO SAI**)

ACADÊMICO: Não.

- MULHER: Pois, é! É disso que vim reclamar. Ninguém conhece Zé Limeira! O poeta popular do absurdo! Vocês não estão com essa tal de pesquisa de comédia popular? Que comédia popular brasileira é essa que só tem lepe, Till Eulenspiegel... (**ENTRA JOÃO TEITÉ**)
- ACADÊMICO: Isso não é comigo!
- TEITÉ: É comigo! A senhora fala do que não sabe! Primeiro que montamos Sacra Folia, Burundanga, Parturião e Anel de Magalão com personagens inspirados em tipos cômicos populares brasileiros!
- MULHER: Quero saber é de Zé Limeira!
- TEITÉ: Segundo que lepe e Till são personagens estrangeiros mas o contexto é brasileiro! Nacionalizamos esses personagens!
- ACADÊMICO: Isso não me interessa nem interessa ao público!
- TEITÉ: Interessa a nós! Ela lança acusações que mancham a sagrada reputação de nossa corja cômica!
- ACADÊMICO: Alguém põe esses dois pra fora! (**ENTRA BOCARRÃO**)
- BOCARRÃO: Chegaram dois telegramas do autor de Masteclé! (**LÊ**) Meus respeitos ao público.
- TEITÉ: Já começa puxando o saco! Corintiano, pulga, puxa-saco e erva daninha dá em tudo quanto é lugar!
- BOCARRÃO: () Impossibilitado de estar presente, exijo fim imediato dessa discussão, ponto. Quanto a Zé Limeira, estamos preparando auto em homenagem a esse poeta popular. Agora, que se retome rigor e seriedade palestra, ponto de exclamação! Peço, Acadêmico, gentileza de discorrer sobre ambivalência da comédia.

- TEITÉ: Só imposição, imposição! O autor que vá pro meio do inferno!
- BOCARRÃO: Segundo telegrama: (**LÊ**) Vá você, Aleh! Saudações a todos, ponto final. (**AMEAÇADOR**) Agora posso pôr vocês pra fora juntando a minha autoridade de zelador do teatro com a autoridade do autor da peça.
- MULHER: 'bora, que, agora, fedeu!
- TEITÉ: Montar peça de autor vivo dá nisso! Eu falei pro diretor: Vamos montar um Molière, mas o Ednaldo “não, porque o Abreu, o Abreu... saco! (**SAEM**)”.
- BOCARRÃO: (**AO ACADÊMICO**) O palco é seu. E a platéia também. E se alguém não quiser ser, o senhor me avise. (**SAI**)
- ACADÊMICO: Vamos ver se, agora, a gente consegue chegar ao final sem mais incidentes. (**DÁ UM LONGO SUSPIRO E PASSA A MÃO NO ROSTO, TENSO**). Desculpe. Talvez vocês achem estranho o fato de um pesquisador como eu dedicar anos de estudo a algo que detesta. É uma contradição, reconheço, e devo arcar com suas conseqüências. E isso me irrita profundamente. (**TRÊMULO TOMA UM COPO D'ÁGUA. SUSPIRA**). Desculpem meu descontrole. E acreditem: detesto ser assim. Meu caso não é questão de remédio nem terapia. (**SEGREDA AO PÚBLICO**) É outra coisa que não posso revelar e também não vejo motivo em expor em público minha intimidade. (**RECOMPÕE-SE**) Mas vamos aproveitar essa tranqüilidade antes que interferências ou telegramas a perturbem. Recapitulando: Como regra geral rimos do que consideramos defeito, do que consideramos menor que nós. Às vezes, rimos de nós mesmos porque percebemos que somos menores do que imaginávamos. É como se o ser humano devesse ter um padrão: jovem, forte, bonito, inteligente, potente. Tudo o que estiver abaixo desse padrão, fora dessa proporção, é objeto do riso humano: a impotência,

a burrice, a feiúra, a fraqueza ou covardia, a meninice ou a velhice. Mas só vamos rir se o defeito não tiver consequência dolorosa que possa nos emocionar. E mais vamos rir quanto mais exagerado for o defeito. Rimos dos defeitos do caráter – covardia, avareza, falsidade e outros –; dos defeitos do pensamento – tolice, falha, ausência ou exagero da lógica – dos defeitos físicos – mancos, tortos, pensos, impotentes – dos defeitos de comportamento – caipiras, tímidos, doidos, gente que fala sozinha, pessoas que não sabem se portar, se vestir, etc. Rimos também daquilo que nos mete medo: rimos da morte, da autoridade, dos tiranos. (**BOCARRÃO SURGE E SE MANTÉM IMPASSÍVEL. SE ALGUÉM RIR ELE ENVIA UM OLHAR AO ACADÊMICO COMO SE PERGUNTASSE: PODE RIR? CRUZA O PALCO ORGULHOSO DE SUA AUTORIDADE**). É claro que rimos de forma que a autoridade não perceba nossas intenções o que a transforma num tolo ou quando estamos distantes para que nosso riso não tenha consequências. Rimos também, e muito, de qualquer referência às partes baixas do corpo. Imagens do corpo, da bebida, da comida, da satisfação das necessidades naturais e da vida sexual, principalmente se essas imagens forem exageradas. Ou seja, rimos de inúmeras coisas e comédia se faz de inumeráveis formas. (**ENTRA TEITÉ ESTENDE O BRAÇO MOSTRANDO O CHAPÉU**).

- TEITÉ:                   Encontrei, ó!
- ACADÊMICO:           Estava demorando muito!
- TEITÉ:                   É, eu devia ter entrado antes. Essa falação sua está muito chata.
- ACADÊMICO:           (**IRRITADO**) A cultura custa esforço a ignorância vem de graça!
- TEITÉ:                   (**NO MESMO TOM**) Está insinuando que eu não valho nada?

- ACADÊMICO: Não, estou dizendo que você é a personificação da ignorância!
- TEITÉ: Arregou, né?! (**PAUSA. TEITÉ ESPERA ALGUMA AÇÃO DO ACADÊMICO:**) Vai!
- ACADÊMICO: Vai o quê?
- TEITÉ: Pergunta quem eu sou senão a coisa não anda!
- ACADÊMICO: (**CONTRARIADO**) Quem é você?
- TEITÉ: Sou João Teité, primo de Macunaíma, colega de Chicó, sobrinho de Ariano Suassuna, parente de uns filhos da criação de Renata Pallottini e de Chico de Assis. E sou descendente de Arlequim.
- ACADÊMICO: Acabou ou tem mais?
- TEITÉ: Eu tenho um vazio por dentro, um vácuo, um oco...
- ACADÊMICO: Na alma?
- TEITÉ: Que alma! No “estômbogo”! Tenho fome e um buraco na barriga. A alma eu tentei vender pra comprar uma mortadela na chapa, mas não consegui preço!
- ACADÊMICO: Eis um dos mais antigos e famosos tipos da comédia. Foi o demônio pançudo e comilão das primitivas festas de colheita, foi o jovem tolo das farsas atelanas no primeiro século da era cristã, o personagem popular andarilho e mordaz da Idade Média, o irrequieto e vivaz servo de comerciantes e burgueses no renascimento e o faminto personagem do século XVIII, dono de uma fome e uma vontade de comer sem fim. Esse tolo que tenta desesperadamente satisfazer seus instintos - comida e bebida, sexo, prazer - ou não tem controle sobre eles, permanece vivo até hoje na comédia popular.

- TEITÉ: Vamos logo que já passou da hora de eu fazer um lanchinho. (**ENTRA BORACÉIA**)
- BORACÉIA: Sou Boracéia, sou mulher de comerciante e contratei esse traste à toa para trabalhar em meu estabelecimento.
- JOÃO TEITÉ: Isso é uma virago, uma mulher macho que só o cão, portuguesa com muque de estivador, cabelo nas ventas e bigode!
- BORACÉIA: Buço! Isso é penugem! Esse é um traste embrulhão, indolente, que se aproveita de qualquer descuido meu para tentar encher a barriga sem fundo com o que tem em meu armazém. Não vale metade do que eu devia lhe pagar mas não pago!
- JOÃO TEITÉ: Mas a senhora prometeu!
- BORACÉIA: E, agora, desprometo, pronto!
- JOÃO TEITÉ: E eu fico assim, é?
- BORACÉIA: Assim, assado e de rabo virado!
- JOÃO TEITÉ: Mas eu só ganho meio salário!
- BORACÉIA: Pois! Tu vales meio homem! E pago muito! Um gajo como tu não tem mais merecimento nem maior serventia! Além do mais, comes e bebes de minha mesa e dormes debaixo de meu teto!
- JOÃO TEITÉ: Tão pouco como que há uma semana que não descomo, dona Boracéia.
- BORACÉIA: Não o que?

- JOÃO TEITÉ: Não descomo, não obro, não borro, não visito a casinha, não sento no trono, não devolvo, não empurro, dona Boracéia! Isso não é normal!
- BORACÉIA: E o que você quer?
- JOÃO TEITÉ: Quero aumento de salário pra comer mais um bocadinho. O bocadinho vai fazer as engrenagem do “estômbogo” funcionar, o “estômbogo” manda o bocadinho que comi pros tubo das tripa grossa, as tripa macetam aquilo tudinho e jogam pras tripa fina. Aí, as tripa se enrolam e roncam de contentamento e eu falo "é hoje e é agora!" Aí, eu corro, sento e "oh!, felicidade!" Isso é tudo que eu quero, dona Boracéia.
- BORACÉIA: Que vergonha, João Teité! O homem busca é riqueza, liberdade, mulheres.
- JOÃO TEITÉ: Depois. Primeiro o prazer.
- ACADÊMICO: Uma cena repleta de referências ao baixo corporal do ser humano. Mas a comédia atinge um sentido mais amplo. Ela é ambivalente quando reafirma que todos os mais altos e nobres sonhos humanos devem ter como base e objetivo a satisfação dos desejos mais simples e prazerosos. A fome fisiológica transforma-se numa fome simbólica, num desejo de felicidade coletiva. O estômago, esse vazio fisiológico transforma-se num vazio filosófico.
- TEITÉ: Como é que é isso?
- BENEDITA: (**ENTRANDO**) Deixa que eu explico. Tem uma história desse Teité-cachorro que aconteceu lá na cidadezinha de Burundanga onde eu era cozinheira do Coronel Marruá. Eita, homem cavernoso esse Marruá, tirano, poderoso, senhor de terra e mais terra.

- TEITÉ: Eu mais um companheiro meu, Matias Cão, com fome, na pindaíba, vendendo almoço pra comer a janta e trocando a janta pelo café da manhã, desesperamos. Assaltamos dois jipeiros.
- BENEDITA: O jipe era do exército nacional e os dois eram um capitão e um tenente. Vestiram a roupa deles, tomaram o jipe e deixaram os dois militares amarrados, “nuzinhos” como vieram ao mundo.
- JOÃO TEITÉ: Mas não abusamos da castidade dos moços que não somos disso.
- BENEDITA: Chegaram a Burundanga e fizeram tanta confusão que foram confundidos com militares que estavam preparando um golpe de estado. Coronel Marruá e os políticos do lugar apoiaram o “golpe” e esse Teité tanto virou, mexeu, fedeu que acabou assumindo o comando da revolução que nem existia. Mas o povo de Burundanga acreditava que sim.
- JOÃO TEITÉ: Eu não queria, mas mandar é bom. É tão bom! É muito bom! (**TEITÉ VAI, AOS POUÇOS, ASSUMINDO ARES EXAGERADOS DE TIRANO**)
- BENEDITA: Tanto virou, mexeu, tretou que mandou prender seu companheiro Matias Cão e, tonto que Teité era e ainda é, fez desatino sobre desatino na ânsia de satisfazer sua fome ancestral.
- TEITÉ: (**JÁ COMPOSTO**) De agora em diante, eu assumo o comando. Aos traidores a prisão! Minha primeira ordem é que me façam o mais suntuoso banquete que se tem notícia em comemoração à minha chefia. Benedita!
- BENEDITA: Que é que tem eu?

JOÃO TEITÉ: Agora eu estou no alto como eu sempre te dizia antigamente: que eu ia correr mundo e ia vencer. Você está comigo ou contra mim? Comigo pode pedir o que quiser.

BENEDITA: Eu quero é ficar bem longe de vocês todos que é pra conservar minha cabeça no lugar e meu juízo dentro dela!

JOÃO TEITÉ: Cadeia nela! E cadeia pra todo mundo que falar contra mim ou contra a revolução! Eu sou a revolução! Quem é burro pede a Deus que o mate o ao diabo que o carregue. Eu não sei no que vai dar isso. Mas enquanto não der em nada eu vou me fartar! **(CAI LUZ DA CENA FICANDO ILUMINADO APENAS JOÃO TEITÉ PARA SEU SOLILÓQUIO DA “FARTURA UNIVERSAL”. O TOM DA CENA É DE UMA AMBIVALÊNCIA LÍRICA E CÔMICA)** Porque, finalmente, eu cheguei ao poder! Ah!, a glória de mandar e ser obedecido, porque eu sempre mandei mas ninguém nunca mexeu uma palha pra me obedecer! Mas, agora, eu tenho poder! E vou mandar fazer uma mesa de dez quilômetros de comprimento, contratar mil e duzentos gaúchos e mandar churrasquear duas mil cabeças de gado! E mando forrar a mesa de compotas, pizzas à califórnia, sashimis, gulash, paejas, capeletes, quibes e tutu de feijão! E ver aquela fartura toda e todo mundo comendo bonito e eu comendo mais que todo mundo porque sou eu que mando! **(COMEÇA A EMOCIONAR-SE)** E ver minha pança crescer, estufar, cair sobre os joelhos e se transformar no maior cemitério, no maior sumidouro de frango e outras iguarias de que já se teve notícia no mundo! Aí, vou sentar e chorar de emoção porque tenho o poder de comer e beber tudo o que até hoje foi só sonho e vontade. Que uma revolução assim seja eterna enquanto dure!

ACADÊMICO: A comédia é ambivalente também quando une numa só coisa, o sagrado e o profano, a necessidade de satisfazer a fome e as grandes esperanças do ser humano. O sublime e o baixo corpóreo estão indissolúvelmente unidos na comédia.

- BENEDITA: O caso que é contado no auto de natal, Sacra Folia, foi assim. Todo mundo sabe que a Sagrada Família, Jesus, Maria e José, fugiu para o Egito pra livrar o menino-deus da fúria de Herodes. O que ninguém sabe é que se perderam no caminho e tanto andaram, tanto andaram que vieram bater nessas bandas, dez a doze léguas pra lá da Paraíba.
- JOÃO TEITÉ: E aconteceu que o anjo Gabriel veio procurar um guia pra voltar à Belém. Eu como conheço mais ou menos bem o Pará que fica ali, na divisa parece que com Santa Catarina, de bom grado e de boa fé resolvi ajudar.
- BENEDITA: Bom grado? Esse sujeito à toa, um homem que nem serve pra troco de compra miúda, esse mesmo João Teité, Deus o perdoe!, aproveitou um segundo de distração da Virgem Maria e – coitada! Não foi culpa dela! - seqüestrou o menino Jesus. E agora está aí pra levar o castigo.
- JOÃO TEITÉ: Não riam que o momento é tenso. Tem gente querendo usar minha pele de tapete, jogar minha alma nos “quintos” e usar o resto pra fazer sabão.
- BENEDITA: E não é qualquer um não. É o arcanjo São Gabriel e a Virgem Maria. São José nem se fala! Tá lá dentro que não se agüenta de gana, de vontade de cantar o seu cajado no lombo de Teité.
- JOÃO TEITÉ: (**CHOROSO**) Ai, meu Deus, que não tenho nem a quem pedir!
- BENEDITA: É, Teité, o momento é tenso. Você fez das suas e das tantas que você fez essa foi a pior! Seqüestrar o menino Jesus! Agora tá aí, tentando se justificar, prestes a ser carregado pelo demônio pra ser socado, sem remissão, no fundo dos infernos.

JOÃO TEITÉ:

**(NUM TOM AMBIVALENTE, DRAMÁTICO E CÔMICO)**

Gente! Oh, gente! Eu sempre tive um oco, um buraco no lugar da barriga, sempre vazio! Não quis fazer mal pra ninguém, nem para o menino, gente! Só que disseram que esse menino ia trazer fartura, ia transformar água em vinho, multiplicar pão e peixe... e quem multiplica pão e peixe multiplica frango, churrasco, lingüiça... presuntos... Com esse menino, dizem que tem a promessa de que vai haver um banquete universal, farto e eterno... vai correr leite e mel! **(SUSPIRA, COMICAMENTE DRAMÁTICO, PATÉTICO)** O caso, gente, é que eu sei como são essas promessas! Eu entro na fila do banquete e, quando chega a vez de João Teité aqui e de quem é igual a ele, da panela não sobrou nem a rapa e do churrasco nem o osso da costela. Então, resolvi radicalizar: quero garantir agora minha parte na promessa. O que eu queria era ver o menino realizar aqui a promessa de fartura. Queria ver, pelo menos uma vez, todo mundo comendo com a boca tudo o que até hoje só comeu com os olhos! Quero ver essa mesa que nunca é desfeita e esse banquete que nunca termina. Seqüestrei o menino e registrei em cartório como filho legítimo de João Teité! E não devolvo. Não é da profecia que esse menino vai fazer galho seco florescer e a terra frutificar? Pois, então! Ele fica aqui no Brasil que é prá gente aproveitar um pouco da profecia.

BENEDITA:

E assim foi

E assim ficou sendo

E o mundo fica agora sabendo

Onde o menino Deus

Permaneceu até os doze anos

Até ser visto novamente

Ensinando os doutores do templo em Jerusa-

lém.

## CENA 6 – O CAOS E SUA MANUTENÇÃO GERAM A COMÉDIA

- ACADÊMICO: (**IRRITADO**) Posso reassumir a minha palestra?
- BENEDITA: Justo agora que estava indo tão bem.
- ACADÊMICO: Se deixar por conta de vocês o tempo inteiro seria usado com cenas!
- TEITÉ: Não seja injusto! Se deixasse por nossa conta a gente só teria feito o começo e o fim.
- BENEDITA: E o meio, pra não deixar buraco entre os dois!
- ACADÊMICO: O combinado foi que eu faria a palestra e vocês fariam pequenas intervenções! O tempo quase todo de uma palestra séria foi usado com chistes, piadas e gracinhas!
- BENEDITA: Somos cômicos! Comédia é para rir.
- ACADÊMICO: Sou pesquisador! Comédia é também pra refletir. (**ENTRA BOCARRÃO**)
- BOCARRÃO: Posso ajudar em alguma coisa, professor?
- ACADÊMICO: (**EXPLODINDO**) Pode ficar no seu lugar de zelador! Zele pelo seu teatro que da minha palestra zelo eu de agora pra frente! (**BOCARRÃO ENCARA FURIOSO O ACADÊMICO. ESTE SUSTENTA O OLHAR**). Fora! (**BOCARRÃO SAI ROSNANDO**)
- TEITÉ: (**PARA BENEDITA**) Puxa! Pensei que o professor nunca fosse tomar atitude de homem! (**ACADÊMICO FULMINA OS DOIS COM O OLHAR**). Está bem, já fomos! (**SAEM**)
- ACADÊMICO: Sei que conto com a compreensão de vocês, que não precisaria, mas faço questão de me desculpar pelo que transformaram essa nossa reflexão sobre o universo cômico

mico. Desculpem também minha alteração, mas há dentro de mim uma contradição que não consigo solucionar... Na verdade não era aqui que eu queria estar, fazendo esse papel ridículo... (**COM DECISÃO**) Querem mesmo saber o que acho da comédia? A comédia não é o inverso, nem o lado negativo e inconseqüente do gênero sério, dramático. A comédia é uma estrutura muito maior, abarca toda uma visão de mundo, toda uma postura perante a vida. Rimos do que está ligado à vida e do que está ligado à morte, rimos em batizados e velórios. O homem sempre celebrou tanto a morte quanto a vida com o riso. A comédia nasceu dos ritos de fertilidade, é filha da natureza e, para a natureza, morte e vida são apenas aspectos de seu eterno movimento. A comédia é corrosiva, destrutiva, fere, às vezes, mortalmente, instituições, conceitos, idéias, personalidades não para que permaneçam mortos, mas para que renasçam renovados. A comédia, como a natureza, destrói para regenerar!

VOZ OFF:

Correio!

ACADÊMICO:

Aponta nos personagens defeitos que não conseguimos ver em nós mesmos! Grita aos nossos ouvidos que nenhuma idéia, nenhum tirano, nenhum tolo, nenhum ser é tão perfeito que deva durar pra sempre. Tudo e todos nós seremos destruídos pelo riso para renascer transformados. (**ENTRA BOCARRÃO**)

BOCARRÃO:

Telegrama do autor. Senhor professor: siga o personagem tal qual eu construí, ponto de exclamação! O senhor é um pesquisador sisudo, severo, que detesta festas e comédias!

ACADÊMICO:

Mas isso é incoerente! Eu detesto é ir a festas para analisar quem se diverte, compendiar formas de diversão, pesquisar porque as pessoas riem. E eu mesmo não posso me divertir!

- VOZ OFF                      Correio! (**BOCARRÃO SAI**)
- ACADÊMICO:                Detesto é essa incoerência de ser quem mais pesquisa a comédia e nunca deu um único riso. Já encheu as medidas! Já chegou ao tampo! Chega! (**TEITÉ ENTRA**)
- TEITÉ:                        Que é isso? Onde vai tão revoltado?
- ACADÊMICO:                Cansei de ser uma mera incoerência! Os grandes momentos da comédia foram quando a tradição popular juntou-se com a tradição culta. Foi assim na commedia dell'arte, foi assim com Molière, com Shakespeare, com Rabelais. A tradição culta deu-lhe a geometria, a forma; a tradição popular emprestou-lhe vitalidade.
- TEITÉ:                        E o senhor vai fazer o que?
- ACADÊMICO:                Cansei desse papel ridículo!
- TEITÉ:                        Devagar com o andor senão a coisa desanda! Quem faz rebeldia sou eu. O senhor é um professor sério, de caranca e catadura!
- ACADÊMICO:                Não sou mais! Não tenho coerência nem consistência! Sirvo apenas de escada pra vocês entrarem e fazer graça.
- TEITÉ:                        Pra mim está ótimo!
- BOCARRÃO:                Telegrama do autor: Senhor professor, prossiga com a palestra!
- ACADÊMICO:                (**PARA O PÚBLICO**) Não prossigo!
- TEITÉ:                        Assim não dá, a coisa não anda! O senhor é apenas um personagem técnico, é só um pretexto pra falarmos sobre os princípios da comédia!

- ACADÊMICO: Não sou pretexto! Sou um pesquisador!
- TEITÉ: Então seja!
- ACADÊMICO: Mas não sou idiota!
- TEITÉ: (**IRRITADO**) Mas tem de ser! Tem de ser ridículo e idiota como tem sido até agora, senão não tem comédia!
- BOCARRÃO: Telegrama de um outro autor.
- TEITÉ: Outro?
- BOCARRÃO: Luis de Sttau Monteiro, um autor português. Denuncio que enviar telegramas durante representação teatral é plágio de idéia presente em minha peça *A Guerra Santa*!
- TEITÉ: Quem diria, hein!
- ACADÊMICO: Cá pra nós, eu já desconfiava de alguma coisa assim. Se eu fosse personagem desse Sttau Monteiro estaria melhor arrumado.
- TEITÉ: Nada! Autor é tudo doido. Escrevem essas besteiras pra gente falar e pro povo ficar rachando o bico.
- ACADÊMICO: Eu não me conformo em ser assim, entende? Personagem, canhestro, mal ajambrado...
- TEITÉ: Acontece, todo mundo erra. Às vezes não é nem culpa do autor. O diretor já mandou reescrever seu personagem, mas quem diz que o autor acerta? Personagem também nasce com defeito, torto, esquisito. É o seu caso!
- VOZ OFF Correio! (**ENTRA BENEDITA**)
- TEITÉ: Outra vez!

- BENEDITA: Chegaram dois telegramas e eu não pego mais correspondência. O carteiro xingou minha mãe! Disse que não agüenta mais esse vai e vem da agência pra cá! (**PARA BOCARRÃO**) E o senhor corre que tem uma gente, aí, esquisita querendo entrar pelos fundos do teatro. (**BOCARRÃO SAI**) Telegrama do autor: Diga ao senhor Luis Sttau Monteiro que não houve plágio. Utilizei os telegramas como elementos paródicos como estou utilizando elementos de Pirandello. A paródia das grandes obras é característica da cultura popular que é onde baseamos nosso projeto teatral! Para finalizar: Senhor professor: prossiga com a palestra! ponto de exclamação! (**ACADÊMICO TOMA O OUTRO TELEGRAMA**)
- ACADÊMICO: Este é do diretor! Está é muita falação! Cadê o ritmo? Acabem com essa discussão de autores, com essa discussão de personagens. Acabem com essa zona no meu espetáculo! Façam a cena como eu ensaiei e autor bom é autor morto!!! (**OLHA OS OUTROS E COMENTA ASSUSTADO**) Três pontos de exclamação.
- TEITÉ: O homem tá irritado. É melhor a gente fazer cena. (**ENTRA BOCARRÃO**)
- BOCARRÃO: Tem dois caras lá querendo entrar. Se são amigos de vocês vão lá resolver que eu já estou por aqui, no limite, nos cascos e ainda acabo matando um!
- ACADÊMICO: Mas quem são?
- BOCARRÃO: Um tal de Péter Askalander e um tal de Pedro Lacrau.
- ACADÊMICO: Mas são personagens da próxima peça, Stultífera Navis, que ainda vai estrear em setembro!
- TEITÉ: (**LEMBRANDO**) Ái! A culpa é minha. Comecei a construir esses personagens mas tive de parar pra fazer Masteclé. Não é fácil fazer dois trabalhos ao mesmo tempo!

- BOCARRÃO: Que é que eu faço? Cubro de porrada ou deixo ir?
- TEITÉ: Nem um nem outro. Amarra que quando acabar a temporada dessa peça eu cuido deles. (**BOCARRÃO SAI**)
- BENEDITA: Que é que a gente faz?
- TEITÉ: (**AO ACADÊMICO**) É melhor o senhor voltar à palestra.
- ACADÊMICO: De jeito nenhum.
- TEITÉ: Mas, homem! Já lhe expliquei: você é contraponto!
- BENEDITA: Tem de haver um personagem ridículo como o senhor pra personagens como eu e ele termos mais graça.
- ACADÊMICO: Não, senhor! Comédia não tem de ter só personagens toscos, estereotipados.
- TEITÉ: Estamos falando de comédia popular.
- ACADÊMICO: Principalmente esta! Ela tem vigor criativo e o requinte de gerações de criadores que durante séculos apuraram sua forma, seu textos, seu gesto. A comédia popular é a celebração da inteligência de sucessivas gerações de artistas anônimos. (**ENTRA BOCARRÃO**)
- BOCARRÃO: Chegaram mais dois telegramas dizendo que o diretor e o autor estão vindo pra cá!
- BENEDITA: Ichi, vai feder!
- ACADÊMICO: É bom mesmo! Tenho uma ou duas coisas a dizer!
- BOCARRÃO: Então você vai dizer essas coisas na casa do chapéu, na casa da mãe Joana, na casa do Bonifácio! No meu teatro, não! Não quero arruaça! E pra que não comece eu estou acabando com essa zorra! Já que nem autor, nem diretor,

nem atores chegam a um consenso sobre a continuação da peça, dou o espetáculo por terminado. Já é tarde, eu moro longe, tenho de pegar dois ônibus!

ACADÊMICO: Escuta...

BOCARRÃO: Não quero essa confusão de vocês!

ACADÊMICO: Comédia é confusão!

BOCARRÃO: Não é mais! Aqui, não! É confusão da porta pra fora! É essa a palavra: fora! Fora! Fora vocês! (**PARA O PÚBLICO**) Fora vocês também! E, se não saírem, pela primeira vez na vida uma comédia vai ter consequência. E não vai ser boa pra nenhum de vocês! (**COMEÇA A FECHAR AS CORTINAS.**) Tenham a bondade, ou melhor, a obrigação de aplaudir o espetáculo. (**AOS ATORES**) Vocês, venham aqui na frente e agradeçam. E, agora, saiam! Vocês, atores, e vocês, público! Mas saiam de forma ordeira, sem atropelo, sem falar alto, sem arrastar os pés, sem cortar a frente do outro, sem obstruir as saídas, sem ficar rindo feito bestas, sem falar mal da peça. Estão todos obrigados a indicá-la a parentes e amigos. Boa noite, se conseguirem ou se tiverem competência pra isso! Não digo muito obrigado porque ninguém me obriga a nada! O espetáculo acabou! Adeus e espero não vê-los mais em meu teatro!

## FIM

Qualquer utilização deste texto, parcial ou total, deve ter a autorização do autor:

**Luis Alberto de Abreu**

**Rua Rui Barbosa, 33**

09400-000 – Ribeirão Pires – SP

Telefone: (0xx11) 4828-7230

e-mail: [luabreu@uol.com.br](mailto:luabreu@uol.com.br)

## PORQUE OS TEATROS ESTÃO VAZIOS

De Karl Valentin

Por que todos estes teatros vazios? Simplesmente, porque o público não vem. Culpa de quem? Unicamente do Estado. Se cada um de nós se visse obrigado a ir ao teatro, as coisas mudariam completamente. Por que não instituir o teatro obrigatório? Por que instituímos a escola obrigatória? Porque nenhum estudante iria à escola se não fosse obrigado. É verdade que seria mais difícil instituir o teatro obrigatório, mas nós não podemos ter tudo se tivermos boa vontade e o senso do dever?

Além disso: o teatro não é uma escola? Então... O teatro obrigatório poderia começar na infância com um repertório de contos próprios para crianças como: "O grande anão malvado" ou "O lobo e as setes Brancas de Neve".

Numa grande metrópole temos umas cem escolas e mil crianças por escola cada dia, o que faz cem mil crianças diárias. Essas cem mil crianças irão de manhã à escola e, de tarde, ao teatro obrigatório. Preço de ingresso por espectador-criança: um real, à custa do Estado, certamente, isso nos dá cem teatros cada um com mil lugares ocupados: 1.000 reais por teatro, 100.000 reais os cem teatros na cidade.

Quantos atores teriam empregos? Instituído Estado por Estado o teatro obrigatório, nós transformaríamos completamente a vida econômica. Porque não é absolutamente a mesma coisa se perguntar: "Será que eu vou ao teatro hoje?", ou dizer: "Eu tenho que ir ao teatro." O teatro obrigatório levaria o cidadão à renunciar voluntariamente à todas as outras distrações estúpidas como, por exemplo o jogo de peteca, de cartas, as discussões políticas de botequim, encontros amorosos e todos esses jogos sociais que tomam e devoram nosso tempo.

Sabendo que *tem* de ir ao teatro, o cidadão não teria mais que escolher seu espetáculo, ele se perguntaria se iria ver essa noite o *Auto da Compadecida* ou outra coisa? Não! Ele terá que ir ver o *Auto da Compadecida* e outras coisas, pois será obrigado: ele terá que ir, gostando ou não gostando, 365 vezes por ano, ao teatro. O estudante, por exemplo, também não gosta de ir à escola, mas vai assim mesmo, porque a escola é obrigatória. Obrigatória. Por lei. É somente por lei que podemos obrigar nosso público a ir ao teatro. Nós

tentamos anos a fio convencê-los com boas maneiras, e eis o resultado. Golpes publicitários para atrair a multidão, como: "Ar refrigerado perfeito", ou então: "É permitido fumar durante o intervalo", ou ainda: "Estudantes, professores, aposentados e militares, do general ao raso pagam meia." Com todos esses truques não conseguimos encher salas, vejam vocês.

E tudo que iríamos gastar para fazer publicidade será economizado, pois o teatro será obrigatório. Quem precisa de publicidade para mandar as crianças para a escola?

Não haverá mais problemas com o preço dos ingressos. Ele não dependerá mais da condição social, mas das debilidades e doenças do público. Só precisamos organizar:

1. Da primeira a quinta fila, teremos os surdos e os míopes.
2. Da sexta a décima fila, os hipocondríacos e os neurastênicos.
3. Da décima a décima quinta fila, os doentes de pele e os doentes da alma.
4. E as frisas, camarotes e galerias seriam reservados aos reumáticos e asmáticos.

A nossa experiência nos ensina que não seria nada bom se os bombeiros fossem somente voluntários, e por isso constituímos um corpo de bombeiros. Por que o que é bom para o corpo de bombeiros não é bom para o teatro? Há uma relação íntima entre os bombeiros e o teatro. Eu que estou nos bastidores desse *metiê* há tantos anos, nunca vi uma peça sem que houvesse um bombeiro na platéia.

O teatro obrigatório universal, a que nos propomos, o T.O.U., levará ao teatro, numa grande cidade, cerca de dois milhões de espectadores. Será necessário, então, que haja nessa cidade vinte teatros de 100.000 lugares; ou 40 salas de 50.000 lugares; ou 160 salas de 12.500 lugares; ou 320 salas de 6.250 lugares; ou 640 salas de 3.125 lugares; ou dois milhões de teatros de um só lugar.

É preciso ser ator para se dar conta da força que isso pode ter quando somos tomados pela presença numa sala monumental, de um público de, digamos, 50.000 pessoas.

Eis o verdadeiro modo de ajudar os teatros que estão à beira da falência. Não se trata de distribuir filipetas, cartazes e convites. Não. É preciso impor o teatro obrigatório. E quem pode impor senão o Estado?

Vamos para as ruas lutar e forçar o Estado a investir umas migalhas para salvar o nosso teatro